



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

---

**DO BEBEDOR-PROBLEMA AO CIDADÃO: UMA ANÁLISE DO  
ETHOS DISCURSIVO DO ALCOÓLICO ANÔNIMO.**

---

**Georgyana Patrícia Rodrigues Melo**

**Orientadora: Dra. Sandra Maia Farias Vasconcelos**

**FORTALEZA – CE**  
**2009**

**DO BEBEDOR-PROBLEMA AO CIDADÃO: UMA ANÁLISE DO  
ETHOS DISCURSIVO DO ALCOÓLICO ANÔNIMO**

**Georgyana Patrícia Rodrigues Melo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará/UFC, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Maia Farias Vasconcelos

**FORTALEZA – CE  
2009**

"Lecturis salutem"

Ficha Catalográfica elaborada por  
Telma Regina Abreu Camboim Bibliotecária CRB-3/593  
tregina@ufc.br  
Biblioteca de Ciências Humanas UFC

M485d

Melo, Georgyana Patrícia Rodrigues.

Do bebedor-problema ao cidadão [manuscrito] : uma análise do  
ethos discursivo do alcoólico anônimo / por Georgyana Patrícia  
Rodrigues Melo. – 2009.

155f. : il. ; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Dissertação(Mestrado) – Universidade Federal do Ceará,  
Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em  
Linguística, Fortaleza(CE),09/09/2009.

Orientação: Profª. Drª. Sandra Maia Farias Vasconcelos.

Inclui bibliografia.

1-ALCOÓLICOS ANÔNIMOS. 2-ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO.

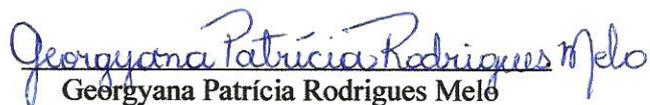
3-ALCOÓLATRAS – FORTALEZA(CE) – ATITUDES. I-Vasconcelos, Sandra Maia  
Farias, orientador.II- Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em  
Linguística.III- Título.

CDD(22ª ed.) 362.29286014

09/11

Esta dissertação de Mestrado foi submetida ao Programa de Pós-graduação em Lingüística como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Mestre em Lingüística, outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca do Centro de Humanidades da referida universidade.

Autorizo, para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial dessa Dissertação por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

  
Georgyana Patrícia Rodrigues Melo

**BANCA EXAMINADORA**



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra Maia Farias Vasconcelos  
ORIENTADORA



Prof. Dr. Nelson Barros da Costa  
1º EXAMINADOR



Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes  
2º EXAMINADOR

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin  
SUPLENTE

# **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais,  
exemplos de força e superação.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, na forma em que eu O concebo;

À irmandade Alcoólicos Anônimos, em especial, Grupo São Vicente de AA, que me recepcionou tão calorosamente;

À professora Sandra Maia Farias Vasconcelos, com quem descobri o prazer pelo estudo de biografias;

Ao professor Nelson Barros da Costa, pelas leituras e críticas de meus escritos na qualificação do projeto e na disciplina Seminários de Pesquisa;

À professora Mônica Magalhães Cavalcante, pelas sugestões para a melhoria da pesquisa;

Ao professor João Batista Costa Gonçalves, pelo empréstimo de livros;

Ao professor Álber Uchoa, um amigo e mestre, pela presença agradável e constante em minha vida;

Aos meus companheiros de mestrado, turma de 2007, pelas trocas de conhecimento;

Ao Bruno Sousa, meu amor, que compartilhou comigo a alegria pela finalização deste trabalho;

A todos meus queridos amigos, pessoas que amo e com os quais amadureço a cada nova experiência.

Agradeço intensamente.

## **RESUMO**

A presente pesquisa disserta sobre a construção do *ethos* de cidadão de membros de Alcoólicos Anônimos em depoimentos proferidos por estes em reuniões da irmandade, como parte do tratamento de recuperação de doentes alcoólicos. Esses depoimentos narram sobre a vida de alcoolismo ativo e de abstenia do alcoólico, após entrar em AA, apresentando as mudanças ocorridas na vida deste, na família e no emprego, a partir do momento que pára de beber e incorpora o discurso do grupo. Assim, a história do alcoólico é narrada do ponto de vista do presente em que se encontra, em que o alcoólico rejeita o passado de alcoolismo e exalta o presente de abstenia tendo em vista ressaltar que mudou e que hoje é respeitável. Para isso, é utilizada, na análise das narrativas, a rejeição do *habitus* do alcoólatra pela tensão entre as cenografias do passado e do presente do alcoólico para enfatizar as mudanças por que passou e para fazer crer que é um cidadão. Além disso, é construído o corpo do alcoólico, o caráter e a corporalidade, também para mostrar a diferença entre o antes o depois de ingressar em AA.

**Palavras-chave:** *Ethos*, narrativa, perspectiva do presente, corpo, Alcoólicos Anônimos.

## **RESUME**

Cette recherche a pour objet la construction de l'*ethos* de citoyen des membres des Alcooliques Anonymes dans leurs récits lors de réunions du groupe comme partie du traitement pour le rétablissement des malades alcooliques. Ces récits portent sur la vie d'alcoolisme et d'abstinent de quelqu'un après son entrée aux AA, présentant les changements arrivés dans sa vie, sa famille et son travail depuis qu'il s'arrête de boire et qu'il assimile le discours du groupe. Ainsi, l'histoire de l'alcoolique est racontée du point de vue du moment présent où il se trouve, où il refuse son passé d'alcoolisme et met en évidence son moment actuel d'abstinent soulignant son changement et son honorabilité. Pour cela, dans l'analyse des récits est utilisée le refus de l'habitus de l'alcoolique au mépris des tensions entre les scénographies du passé et du présent de l'alcoolique pour renforcer les changements par lesquels il est passé et pour faire croire qu'il est devenu citoyen. En outre, le corps de l'alcoolique, son caractère et sa corporalité sont aussi construits pour montrer la différence entre l'avant et l'après son entrée aux AA.

**Mots-clés:** *Ethos*, perspective du présent, corps, Alcooliques Anonymes

Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões.  
Gosto de ser e de estar  
E quero me dedicar a criar confusões de prosódia  
E uma profusão de paródias  
Que encurtem dores  
E furem cores como camaleões.  
Gosto do Pessoa na pessoa  
Da rosa no Rosa  
E sei que a poesia está para a prosa  
Assim como o amor está para a amizade  
E quem há de negar que esta lhe é superior?  
E deixe os Portugais morrerem à míngua  
A“Minha pátria é minha língua”  
Fala Mangureira! Fala!

(Caetano Veloso, *Língua*, *Velô*, 1984)

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. O CIDADÃO E A CIDADANIA.....	12
2. IMAGENS DE SI.....	15
2.1. As formações imaginárias .....	15
2.2. O <i>ethos</i> para Maingueneau .....	17
2.3. O <i>habitus</i> na constituição do <i>ethos</i> .....	23
2.4. As cenas da enunciação .....	27
2.5. A narrativa pessoal .....	31
3. A METODOLOGIA.....	34
3.1. A amostra.....	34
3.2. Modelo metodológico.....	36
4. O ALCOÓLICO ANÔNIMO: ANTES E DEPOIS DE AA .....	43
4.1. A comunidade de prática .....	44
4.2. Discurso institucional .....	46
4.3. A comunidade Alcoólicos Anônimos.....	48
4.3.1. O surgimento de AA e a concepção de alcoolismo .....	48
4.3.2. O programa de recuperação de AA .....	52
4.3.3. A relação interdiscursiva em AA: religião, medicina e moral .....	56
4.4. A recusa do estilo de vida do alcoólatra e a conquista da cidadania .....	65
4.4.1. O ser alcoólico .....	66
4.4.1.1. O alcoólico e as relações familiares .....	73
4.4.1.2. O alcoólico e o trabalho.....	79
4.4.1.3. O alcoólico e os amigos.....	82
4.5. O corpo do alcoólico anônimo.....	84
CONSIDERAÇÕES .....	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	95
ANEXOS .....	100

## INTRODUÇÃO

*A ciência não é um órgão novo de conhecimento. A ciência é a hipertrofia de capacidades que todos têm. Isto pode ser bom, mas pode ser muito perigoso. Quanto maior a visão em profundidade, menor a visão em extensão. A tendência da especialização é conhecer cada vez mais de cada vez menos. (ALVES, 1988, p.12)*

**E**sse estudo surgiu de nosso interesse em pesquisar o discurso dos integrantes de uma comunidade discursiva, grupo de pessoas com interesses em comum, especificamente oralizada, com base em um discurso prévio institucional. Para campo de pesquisa, escolhemos a comunidade Alcoólicos Anônimos (AA), autodenominada de irmandade, por termos constatado durante levantamento bibliográfico referente a essa pesquisa escasso número de estudos sobre o discurso dos membros desse grupo.

O estudo do discurso dos AAs despertou-nos interesse durante o ano de 2006, quando da escrita da monografia para a conclusão do curso de Especialização em Linguística e Ensino do Português, mas, por haver pouco tempo para observar, coletar e transcrever os depoimentos, não foi possível empreender a pesquisa.

Narrativas de experiências pessoais sempre nos incitaram curiosidade e nos levaram a assistir à filmes e a ler livros de cunho biográfico. Os AAs chamaram-nos atenção por verificarmos o caráter espontâneo das narrativas destes, elaboradas “de improviso”, textualizando lembranças sombrias de embriaguez e expectativas de vida melhor após ingresso na irmandade AA.

O propósito de nossa pesquisa é identificar a existência do *ethos* de cidadão em depoimentos de Alcoólicos Anônimos<sup>1</sup>, construindo uma auto-representação ou uma auto-expressão acerca dos membros do grupo e auxiliando a construção de uma representatividade coletiva desses membros. Para esse fim, é imperiosa a apresentação do conceito de *ethos* discursivo, adaptado para a Análise do Discurso, por Maingueneau (2008), que são os traços

---

<sup>1</sup>A partir desta seção, utilizaremos a sigla AA para a comunidade Alcoólicos Anônimos e AAs para os integrantes do referido grupo.

de caráter que o enunciador deve mostrar ao co-enunciador para causar boa impressão ou as características/personalidade do enunciador incorporadas ao texto.

Os objetivos que nos incitaram a desenvolver esta pesquisa são:

- ✓ Averiguar o *ethos* pela rejeição do *habitus* do alcoólatra através da tensão entre duas cenografias;
- ✓ Investigar o *ethos* pela constituição do corpo do alcoólico anônimo.

Os problemas correspondentes a estes objetivos são:

- ✓ Como a rejeição do *habitus* do alcoólatra interferirá na constituição do *ethos* de cidadão do alcoólico anônimo?
- ✓ Como a construção do corpo do alcoólico anônimo interferirá na constituição do *ethos* de cidadão?

Nossa pesquisa está dividida em quatro capítulos. No primeiro há uma breve explanação acerca do conceito de cidadão que utilizaremos. No segundo, é discutido o conceito de *ethos*, partindo das formações imaginárias, de Pêcheux (1990), passando por Maingueneau (1997) e acrescentando considerações de Amossy (2005), Charaudeau (2006) e Auchlin (2001). São discutidos ainda os conceitos de *habitus* e cenas da enunciação, que estão atrelados ao *ethos*. Por fim, há discussão sobre o gênero discursivo narrativa pessoal. O terceiro dedica-se à metodologia aplicada para o desenvolvimento da pesquisa. O quarto é o capítulo de análise, dedicado à discussão acerca da comunidade discursiva. Inicialmente, discute-se sobre comunidade de prática, um conceito da Sociologia. Em seguida, há breve discussão acerca de discurso institucional e comunidade discursiva, e, no ponto seguinte, há uma explanação acerca do funcionamento de AA e seu programa de recuperação. São debatidos ainda a relação interdiscursiva, religião, medicina e moral, presente no discurso da irmandade e, em seguida, os depoimentos dos AAs, tomando como ponto de partida as temáticas recorrentes, ser alcoólico, as relações familiares, o trabalho e os amigos, com o fim de expor as mudanças por que passaram após ingressar em AA.

A análise desses depoimentos é dividida em dois pontos: o primeiro é dedicado ao estudo da construção do *ethos* de cidadão do alcoólico anônimo por meio da rejeição do

*habitus* do alcoólatra a partir da tensão entre as cenografias do passado alcoólico e do presente abstinência. No último ponto, há a constituição do corpo do alcoólico anônimo, ou seja, o caráter e a corporalidade. Posteriormente, serão feitas considerações acerca da pesquisa.

## CAPÍTULO 01

### O CIDADÃO E A CIDADANIA

*A consciência dos direitos iguais  
está intrinsecamente relacionada  
ao sentir-se igual aos outros.*

(FERNANDES, OLIVEIRA & FERNANDES, 2003, p. 37)

O objetivo deste capítulo é discorrer sobre o conceito dos termos cidadão e cidadania, retomando suas origens até o significado atual, que será utilizado nessa pesquisa.

O termo cidadão surgiu na Roma Antiga para designar o morador de uma cidade. Assim, todos aqueles que moravam em uma cidade eram considerados cidadãos. Já o termo cidadania, relacionando-se aos direitos humanos, começou a ser elaborado durante o século XVIII, com o iluminismo.

Durante o feudalismo, havia o vassalo, o súdito, o escravo e outras camadas submissas a alguns poucos homens. Com o fim do sistema feudal, surgiram outras camadas de trabalhadores livres, como camponeses e artesãos. Estes trabalhadores autônomos, embora pagassem tributos ao rei, possuíam seus instrumentos de trabalho, produziam e vendiam suas mercadorias em feiras, nas cidades. De acordo com Martinez (1996, p.14), os direitos e deveres desses indivíduos, tantos os expressos em leis, quanto os baseados em tradições,

consideravam o homem na integridade das suas características e manifestações humanas: físicas, mentais, afetivas. Esse modelo unitário do homem, em que não se distinguem tipos de direitos (humanos ou da cidadania), correspondia ao sistema produtivo vigente segundo o qual os indivíduos realizavam todas as fases de produção de um objeto.

Assim, como não havia distinção de direitos, os indivíduos eram vistos igualmente, em suas características físicas, mentais e afetivas.

Com a Revolução Industrial, iniciada na primeira metade do século XVIII, os camponeses não mais podiam usar as terras comunitárias, restando-lhes apenas o aluguel da

força de trabalho. Na mesma medida que estes perdiam direitos, a burguesia conquistava riqueza e poder. Deste modo, de acordo com Martinez (1996), o conceito original do termo cidadania associa-se ao burguês; inclusive etimologicamente cidadão estava relacionado ao homem urbano. Com isto, a burguesia “construiu um patrimônio ideológico que lhe deu poder e, aos outros, a ilusão de serem iguais”.

Em nosso século, o conceito ganhou outras concepções devidas à evolução nas leis e nas políticas mais direcionadas aos direitos humanos. Fernandes, Oliveira & Fernandes (2003, p.36) concebem cidadania como um direito a ter direitos, divididos em três tipos. Os de primeira geração são os direitos civis, que dizem respeito à “propriedade, de ir e vir, direito à vida, segurança, dentre outros”, e os direitos políticos, que correspondem “à liberdade de associação e reunião, de organização política eleitoral, ao sufrágio universal.” Os direitos sociais são os de segunda geração e “envolvem os direitos sociais, econômicos ou de créditos e reportam-se aos direitos ao trabalho, saúde, educação, aposentadoria, seguro-desemprego.” Há, ainda, os de terceira geração, relacionados a grupos humanos, como direito ao meio ambiente, e os de quarta geração, com objetivo de impedir a destruição da vida e criação de novas formas de vida, por meio da engenharia genética.

Tanto os de primeira quanto os de segunda geração dizem respeito ao “sentir-se igual” aos demais, tomando decisões, opinando acerca da profissão, de questões sociais, do amor e da família. De acordo com os autores, todos os cidadãos têm os mesmos direitos civis e políticos, o que, na prática, não ocorre com os direitos sociais, que são vistos como “inferiores” aos primeiros. Para eles, o exercício destes direitos cotidianamente relaciona-se com a qualidade de vida, “que vem sendo considerada como um construto que abrange sentimento e estados subjetivos da satisfação das pessoas em seu viver diário.” (FERNANDES, OLIVEIRA & FERNANDES, 2003, p. 37)

Assim, num país onde há tantas desigualdades sociais, a cidadania e a qualidade de vida, uma questão não apenas individual, mas coletiva, “se constitui numa questão social, na medida em que esse binômio é representado por um contexto de dimensões variadas onde se incluem percepções, experiências de vida, oportunidades sociais, recursos sócio-econômicos, acesso à educação, saúde, transporte, habitação, entre outros”.

Nesta pesquisa, trabalhamos com o conceito de cidadão e de seu derivado cidadania relacionando-os aos direitos civis, políticos e sociais que o alcoólatra<sup>2</sup> ativo, aquele que chega ao fundo do poço, na visão de AA, perde com o uso excessivo de bebidas alcoólicas diariamente, a família, amigos, emprego, saúde e moradia, e que, muitas vezes, vive à margem da sociedade, em calçadas, bêbado, caído, visto pelo senso comum como vagabundo, desocupado e irresponsável que não cumpre com seu papel social de marido/esposa, pai/mãe, filho/filha, empregado, entre outros.

Assim, foi considerado nesse estudo que agora apresentamos o alcoólatra ativo como um não-cidadão, uma vez que não goza desses direitos e que, dentro de um contexto neoliberal, não é competitivo, não é produtivo, vive a beber, a consumir-se com o vício. Além disso, por perder emprego e negligenciar algumas responsabilidades, são vistos como não pertencentes à sociedade, são marginalizados. Na contra-mão, quando todas as expectativas da sociedade acerca de seus papéis sociais são cumpridas pelos alcoólicos, estes são vistos como cidadãos, pessoas honradas e respeitáveis.

---

<sup>2</sup> De acordo com Rodrigues (2009), o termo alcoólatra, formado da junção entre álcool com -latra, significa aquele que é viciado em álcool. No entanto, o autor afirma que há ainda a existência do uso do termo alcoólatra para aquele que cultua o álcool, enquanto o termo alcoólico é empregado para o que depende de bebida alcoólica. Nessa pesquisa, usaremos os dois termos indistintamente.

## CAPÍTULO 02

### AS IMAGENS DE SI

*O ethos está (...) ligado ao exercício da palavra,  
ao papel a que corresponde seu discurso,  
e não ao indivíduo 'real',  
apreendido independentemente de sua  
atividade oratória.*  
(MAINGUENEAU, 1993, p.138)

O objetivo desse capítulo é fazer explanação, dentro da Análise do Discurso de linha francesa, sobre o conceito de *ethos*, que se tem hoje, de acordo com a visão de Maingueneau (2008), a partir de uma retomada de Pêcheux (1990), acerca das formações imaginárias, e de Aristóteles (s/d), expondo ainda contribuições de Charaudeau (2006) e Auchlin (2001). Apresentamos ainda uma discussão acerca do *habitus*, de Bourdieu (2005), das cenas da enunciação, inseparáveis do *ethos*, conforme Maingueneau (2005a) e da narrativa pessoal, sob o olhar de Bastos (2005), Bastos & Santos (2006), Santos (2007) e Fabrício (2006).

#### **2.1. As formações imaginárias**

Michel Pêcheux (1990), embora não faça referência ao *ethos*, apresenta um estudo das imagens que os interlocutores fazem entre si e que são chamadas pelo autor de formações imaginárias. Estas formações estão ligadas às condições de produção.

Para explanar sobre condições de produção, iniciaremos citando um exemplo de Pêcheux (1990, p.77):

“... o deputado pertence a um partido político que participa do governo ou a um partido da oposição; é porta-voz de tal ou tal grupo que representa tal e tal interesse, ou então está “isolado” etc. Ele está, pois, bem ou mal, situado no interior da relação de forças existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado ...”

Sendo assim, Pêcheux defende que o que um político diz, anuncia, promete ou denuncia não tem o mesmo estatuto de acordo com o lugar ocupado por ele. Dessa forma, o

autor destaca a relação fundamental entre o discurso e “seu lugar em um mecanismo institucional extralingüístico (p.77)<sup>3</sup>”.

Pêcheux apresenta como elementos estruturais das condições de produção do discurso de **a** e de **b**, respectivamente, “destinador” e “destinatário”, que designam os lugares na estrutura de uma formação social, R, o referente, (L), o código lingüístico, e D, a mensagem.

Os lugares, nos processos discursivos, funcionam como formações imaginárias que indicam o lugar que **a** e **b** dão a si mesmos e ao outro, “a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (p.82). Assim, em qualquer formação social, há regras de projeção que determinam as relações entre as situações e as posições (representação da situação).

Mas é importante considerar que, em um processo discursivo, ocorre uma antecipação das representações do receptor pelo emissor e que estas antecipações surgem antes das possíveis “respostas” de **b**, contribuindo para determinar as decisões de **a**. Além disso, a antecipação que **a** faz de **b** “depende da ‘distância’ que a supõe entre **a** e **b**” (p.85), diferenciando os discursos em que o orador transforma o ouvinte e aqueles em que há identificação entre o orador e o ouvinte.

Pêcheux (1990, p.85) salienta que estas formações imaginárias resultam, muitas vezes, de outros processos discursivos, com outra condição de produção, “que deixaram de funcionar, mas que deram nascimento às tomadas de posição implícitas que asseguram a possibilidade do processo discursivo em foco”. Assim, Pêcheux conclui que a percepção é sempre atravessada pelo “já ouvido” e o “já dito”.

Em nossa pesquisa, embora não utilizemos a teoria de Pêcheux (1990), consideramos conveniente citá-la por tratar-se de uma teoria lingüística anterior a de Maingueneu (2008), dentro da mesma disciplina Análise do Discurso, sobre imagens de si, com o objetivo de mostrar a evolução desse conceito, mesmo tendo origem diferente, visto que este foi buscá-lo

---

<sup>3</sup> Para Pêcheux (1990, p.76), “as instituições são o conjunto de atos e idéias instituídas que os indivíduos encontram diante deles e que lhes são mais ou mesmo impostos” (MAUSS & FAUCONNET, *apud* Gurvitch, 1958, p.9). Assim, discurso, para Pêcheux, é “uma parte de um mecanismo em funcionamento, isto é, como pertencente a um sistema de normas nem puramente individuais nem globalmente universais, mas que derivam da estrutura de uma ideologia política, correspondendo, pois, a um certo lugar no interior de uma formação social dada”(p.76, 77).

em Aristóteles (s/d). Preferimos a deste autor por envolver outros conceitos ou fenômenos que serão importantes no decorrer da pesquisa, tais como: estereótipos, representação social, cenografia, entre outros.

## 2.2. O *ethos* para Maingueneau

A noção de *ethos* discursivo, tão discutida na atualidade, remonta às discussões aristotélicas, na *Retórica* (s/d). Aristóteles designa o *ethos* como disposições que o orador deve mostrar aos ouvintes para influenciá-los. Assim diz:

Para inspirar confiança, importa sobremaneira, principalmente nas assembléias deliberantes, e também nos processos, que aquele que fale mostre-se sob certo aspecto, faça crer que se encontra em determinadas disposições a respeito dos ouvintes, e, além disso, encontre estes nas mesmas disposições a seu respeito. (ARISTÓTELES, s/d, p. 97)

Refere-se, portanto, ao caráter moral causado pela boa impressão ou conferido a si mesmo pelo orador e revelado no discurso para persuadir o público e conquistar-lhe a confiança. Com este objetivo, o autor sugere que o orador forneça provas através do discurso, que são de três tipos:

(...) umas residem no caráter moral do orador; outras, nas disposições que criaram no ouvinte; outras, no próprio discurso, pelo que ele demonstra ou parece demonstrar. Obtém-se a persuasão por efeito do caráter moral, quando o discurso procede de maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de confiança. (...) Obtém-se a persuasão do ouvinte quando o discurso os leva a sentir uma paixão, por que os juízos que proferimos variam, consoante experimentamos aflição ou alegria, amizade ou ódio. (...) Enfim, é pelo discurso que persuadimos, sempre que demonstramos a verdade ou que parece ser a verdade, de acordo com o que, sobre cada assunto, é suscetível de persuadir (*op. cit.*, p.33-34).

Dessa forma, o orador convence o auditório, respectivamente, através do *ethos*, pela virtude (*areté*), do *pathos*, pela benevolência (*éunoia*), e do *logos*, pela sabedoria (*phronésis*). Assim, Aristóteles compreende o *ethos* como formado pelos três elementos: *ethos*, *pathos* e *logos*.

Virtude, benevolência e sabedoria, de acordo com Auchlin (2001, *apud* Barthes, 1970) são ares que o orador apresenta ao público para persuadi-lo:

*Phronesis*: qualidade daquele que delibera bem, que pesa bem os prós e os contras.  
*Areté*: é a ostentação de uma franqueza que não teme suas conseqüências e se

exprime com a ajuda de teses diretas, sinais de uma lealdade teatral. *Éunoia*: trata-se de não chocar, de não provocar, de ser simpático, de entrar em uma cumplicidade complacente com o auditório (*op. cit.*, p. 205).

Na concepção de Maingueneau (2005a), *ethos* são os traços de caráter que o enunciador deve mostrar ao co-enunciador para causar boa impressão ou as características/personalidade do enunciador incorporadas ao texto. De acordo com o autor, estas características envolvem a enunciação, mas não estão explícitas no enunciado, pois o enunciador mostra-se para o co-enunciador, sem dizer-lhe o que é. É, portanto, uma *maneira de dizer*, que também é uma *maneira de ser*, que suscita a adesão do público.

Mas, ao contrário de Aristóteles (s/d), Maingueneau (2008, p.17) vê sua proposta acerca do *ethos* para além da argumentação, num “processo mais geral de adesão dos sujeitos a certo discurso”, em que o público tem direito de assentir, recusar ou ignorá-lo. Ele cita como exemplos o discurso publicitário e político, diferentemente de gêneros considerados por ele como “funcionais”, como o manual de instrução.

É imperioso, portanto, descartar questões psicológicas e “voluntaristas”, segundo as quais o enunciador desempenha papel mais adequado, em cada momento, para persuadir o auditório. (MAINGUENEAU, 1997) Além disso, na AD, de acordo com Maingueneau (1997), os efeitos que o enunciador procura produzir no público são impostos pela formação discursiva, assim como o que é dito e o tom com que é dito.

Novamente, opondo-se a Aristóteles (s/d), Maingueneau (2005a) defende que o *ethos* não diz respeito apenas a enunciados orais, mas a qualquer tipo de discurso:

Com efeito, o texto escrito possui, mesmo quando o denega, um tom que dá autoridade ao que é dito. Esse tom permite ao leitor construir uma representação do corpo do enunciador (e não, evidentemente, do corpo do autor efetivo) (*op. cit.*, p. 98).

Este tom, noção proposta por Barthes (1970), que a retoma do conceito de *ares*, de Aristóteles (s/d), voltando a Maingueneau (1997, p.46) acerca do discurso humanista devoto, é imposto pela formação discursiva e “define o ideal de entonação que acompanha seus lugares de enunciação”. Trata-se, portanto, de um “tom moderado, alegre, sem rupturas, variado...”. O tom se constrói necessariamente pautado em um caráter e uma corporalidade, sugerindo uma proposta mais ‘encarnada’ do *ethos*.

O caráter são as características “psicológicas” que o leitor associa ao enunciador, por causa da sua maneira de dizer. Para o discurso humanista devoto, este caráter é de um homem comedido e sociável. A corporalidade, por sua vez, “remete a uma representação do corpo do enunciador da formação discursiva” (MAINGUENEAU, 1997, p.47). Diz respeito a uma constituição física e a um modo de se movimentar pelo espaço social, constituindo um corpo por meio do comportamento. Maingueneau (2008) afirma que o destinatário se apóia em estereótipos próprios de cada cultura, um conjunto de representações sociais avaliadas de forma positiva ou negativa e que a enunciação confronta ou transforma: “o velho sábio, o jovem executivo dinâmico, a mocinha romântica” (p.18), alcoólatras. Estes estereótipos circulam nas produções coletivas, como cinema, publicidade, pinturas... e implicam a construção de um mundo ético, “um estereótipo cultural que subsume um certo número de situações estereotípicas associadas a comportamentos” (MAINGUENEAU, 2006b, p.62).

Quanto ao corpo, não é visto, não está presente, nem é oferecido ao toque, mas é como um fantasma, uma nuvem esfumante que é “modelada” pelo destinatário como resultado de sua leitura. Por exemplo, se formos “desenhar” o corpo da personagem Capitu, em *Dom Casmurro* (1900), de Machado de Assis, na perspectiva de Bentinho, outro personagem, devemos começar por delimitar o mundo ético de uma mulher sensual no século XIX, cujo caráter é de dissimulação e a corporalidade remete ao olhar oblíquo, movimentos leves, ondulantes.

Estes conceitos são explanados por Maingueneau (2006b) através de *Dom Quixote*, de Cervantes. Para ele, a obra se inicia com um contraste implícito de dois excessos: Dom Quixote, com corporalidade magra e seca e caráter melancólico, e Sancho Pança, gordo e terra a terra... Estes dois *ethé*, para o autor francês, compreendem duas formas de discurso: o de Dom Quixote, com “períodos longos e das obscuras tiradas dos romances de cavalaria” (p.277); e o Sancho, as sentenças populares.

O caráter e a corporalidade conferem características a uma instância, denominada fiador. Esta instância não coincide com o autor efetivo da obra, mas de uma “representação do enunciador que o co-enunciador deve construir a partir de índices de várias ordens fornecidas pelo texto. Esta representação desempenha o papel de um fiador que se encarrega da responsabilidade do enunciado” (MAINGUENEAU, 2001, p. 139).

Mainueneau ainda acrescenta ao estudo do *ethos* a incorporação, a ação ou efeito do *ethos* sobre o co-enunciador ou o modo como o co-enunciador se apropria desse *ethos*, e aponta três momentos em que ela ocorre:

1. O discurso, através do corpo textual, faz o enunciador encarnar-se, dá-lhe corpo;
2. Esse fenômeno funda a “incorporação” pelos sujeitos que definem uma forma concreta, socialmente caracterizáveis, de habitar o mundo, de entrar em relação com o outro;
3. Essa dupla “incorporação” assegura, ela própria, a “incorporação imaginária” dos destinatários no corpo dos adeptos do discurso (*op. cit.*, 2006a, p. 62)

De acordo com Gonçalves (2006), esta noção de incorporação termina por estabelecer uma relação do *ethos* com a construção da subjetividade, uma vez que a “maneira de dizer” relaciona-se com a “maneira de ser”. Além disso, tem relação com o conceito de *habitus*, desenvolvido por Bourdieu (1999), por estarem interiorizados na comunidade discursiva.

Tom, caráter e corporalidade são alguns elementos que constituem e caracterizam o *ethos*. Mainueneau (2006b, p.269) apresenta ainda três princípios ligados ao *ethos* sem especular o modo como serão interpretados:

- O *ethos* é uma noção discursiva; é construído por meio do discurso, em vez de ser uma “imagem” do locutor exterior à fala;
- O *ethos* está intrinsecamente ligado a um processo interativo de influência sobre o outro;
- O *ethos* é uma noção intrinsecamente híbrida (sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, ela mesma integrada a uma dada conjuntura sócio-histórica.

O autor, portanto, concebe o *ethos* como um efeito do discurso, uma imagem construída no discurso, opondo-se a uma imagem de um sujeito real do discurso. O *ethos* existe no discurso e não se relaciona com o ser ou parecer de um indivíduo e trata-se de uma “estratégia” usada para conquistar o outro, indivíduo ou grande público, por isso ser considerado um processo interativo para influenciar alguém. É ainda uma noção sócio-discursiva, estruturada socialmente, em dado evento social. Assim, assevera Auchlin (2001, p.203):

O *ethos* repousa sobre o conjunto de fatos tornados manifestos, de forma lingüística e não lingüística, pelo evento enunciativo, e se elabora sobre a dupla base de um tratamento interpretativo interno, e de um tratamento externo, do discurso.

Amossy (2005b, p.136) também tem mesmo posicionamento e questiona aqueles que são unilaterais: os pragmáticos concebem o *ethos* como um fenômeno do discurso, enquanto a concepção sociológica centraliza o estudo do *ethos* nos aspectos sociais, como o *status* do enunciador.

Parece, portanto, que a eficácia da palavra não é nem puramente exterior (institucional) nem puramente interna (linguageira). Ela acontece simultaneamente em diferentes níveis. Não se pode separar o *ethos* discursivo da posição institucional do locutor, nem dissociar totalmente a interlocução da interação social como troca simbólica (no sentido de Bourdieu). A passagem do sujeito falante como ser empírico ou “ser do mundo” para o locutor como pura instância de discurso se efetua por uma série de mediações.

A autora, na organização do *ethos*, considera a posição social do enunciador, o poder ou autoridade para discursar em determinado evento, os demais participantes da interação, o cenário, o objetivo da troca verbal, o gênero discursivo etc. Amossy acrescenta a este conjunto a relação entre enunciador e co-enunciador, que interfere na elaboração dos argumentos. A imagem que o orador faz do auditório e que este faz daquele contribuem para a construção do *ethos*, por isso Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p.22) sugerem determinar as origens psicológicas e sociológicas da platéia:

Uma imagem inadequada do auditório, resultante da ignorância ou de um concurso imprevisto de circunstâncias, pode ter as mais desagradáveis conseqüências. Uma argumentação considerada persuasiva pode vir a ter um efeito revulsivo sobre um auditório para o qual as razões pró são, de fato, razões contra.

Ao se relacionar com o público, o orador entra em contato com representações coletivas e estereótipos e é, em função delas, que enunciador modela o *ethos*. Assim, o enunciador adapta sua imagem aos esquemas coletivos que ele acredita serem valorizados pelo público.

Charaudeau (2006) também é defensor de mesmo posicionamento de que o *ethos* passa pelas representações sociais. Para ele, a realidade do sujeito falante é aquela permitida pelas representações do grupo do qual faz parte e que tomam forma em imaginários sociodiscursivos<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Charaudeau (2006) explica o conceito de imaginário sociodiscursivo afirmando que a AD organiza os saberes em que são demarcados idéias e valores, sem prejudicar o sistema ao qual fazem parte. “À medida que esses saberes, enquanto representações sociais, constroem o real como universo de significação, segundo o princípio de coerência, falaremos de “imaginários”. E tendo em vista que estes são identificados por enunciados languageiros produzidos de diferentes formas, mas semanticamente reagrupáveis, nós os chamaremos de “imaginários discursivos”.

O autor levanta a hipótese de que as representações relacionam-se com maneiras de ver (algo ou alguém) e de julgar, dar valor.

Além das contribuições de Amossy (2005) e Charaudeau (2006), Auchlin (2001, p.217-219) faz importantes considerações ao estudo do *ethos*, sugerindo ser uma boa concepção prática, porém uma concepção teórica ruim e apresenta aspectos do *ethos* que variam:

(I) Mais ou menos concreto, carnal (vs. abstrato), mais ou menos humanóide, moral, psicológico.

(II) Mais ou menos axiológico, ou seja, “moralizado”.

(III) Mais ou menos proeminente, focal, manifesto, singular vs. coletivo, compartilhado, quadro implícito e invisível.

(IV) Mais ou menos semiotizado, fixo, convencional vs. Emergente, singular.

Para o autor, a concretude ou abstração do *ethos* deve-se à própria tradução do termo: caráter, perfil moral, estilo, costumes oratórios. Quanto ao caráter coletivo, Auchlin cita o estudo de Kerbrat-Orecchioni (2006, p.119) acerca do perfil comunicativo de uma comunidade. Assim fala a autora:

Podemos, com efeito, razoavelmente supor que os diferentes comportamentos de uma mesma comunidade obedeçam a alguma coerência profunda e esperar que sua descrição sistemática permita depreender o “perfil comunicativo” ou o *ethos* dessa comunidade (ou seja, sua maneira de se comportar e de se apresentar na interação – mais ou menos calorosa ou fria, próxima ou distante, modesta ou imodesta, à vontade ou respeitosa para com o território alheio, suscetível ou indiferente à ofensa etc)”.

A noção de *ethos* não está estabelecida, pois muitas indagações ainda são feitas, como a de Charaudeau (2006) “o *ethos* liga-se ao locutor ou ao enunciador?” ou a de Amossy (2005) “o *ethos* está apenas no discurso ou é feito da interação social?”, mas, a cada nova discussão, velhos apontamentos são retomados, como os de Charaudeau, reportando-se a Pêcheux (1990), de que o *ethos* se relaciona a cruzamento de olhares: o olhar do co-enunciador sobre o enunciador, o olhar do enunciador sobre o modo que ele pensa que o co-enunciador o vê; além do acréscimo de novas idéias e sugestões, como as de Auchlin (2001).

Para a análise do *ethos*, Maingueneau (2008) faz uso de algumas categorias de análise. O anti-*ethos* surge em um momento de tensão e acaba por influenciar o *ethos* do enunciador. Maingueneau (1997, p.47) exemplifica com um mítico camponês do Danúbio, de Saint-Just, cujo *ethos* estava próximo à natureza e à verdade. Por outro lado, o anti-*ethos* deste grupo era

representado pela aristocracia corrompida e artificial. Cita ainda como anti-*ethos* do humanismo devoto “um enunciador de tom rude, sectário, de corpo magro”.

O *ethos* pré-discursivo é preexistente ao discurso tendo como referência a imagem pública do enunciador. Mesmo que o enunciador não seja publicamente conhecido, o co-enunciador cria uma imagem dele tendo em vista o gênero discurso e seu posicionamento ideológico. É o que ocorre, por exemplo, com a imprensa de celebridades, que por estarem sempre em foco, possuem um *ethos* prévio que a enunciação pode ou não confirmar.

O *ethos* dito e o *ethos* mostrado se encontram em pólos de uma linha contínua, uma vez que é impossível determinar quando termina um e começa outro. Para Maingueneau (2006b), o *ethos* dito ocorre quando o enunciador assume abertamente sua imagem, enquanto o *ethos* mostrado é constituído por pistas deixadas no enunciado.

O *ethos* eficaz, de acordo com Gonçalves (2006, p.277), diz respeito à capacidade do discurso de suscitar adesão. O autor, que trabalha com o discurso religioso, afirma que o objetivo deste discurso é conquistar adeptos, convencê-los por meio de sua força persuasiva. A parábola também “busca” convencer os leitores e convertê-los. Assim, o autor cita:

A parábola do Grão de mostarda (Mc. 4: 26-29), por outro lado, encena a construção do *ethos* eficaz, mostrando o efeito duradouro que a palavra assimilada pode surtir naqueles que crêem na imagem do enunciador com perfil de pessoa apta moralmente para lhes dar a lição.

Gonçalves (2006, p.290) também sugere o pró-*ethos* como sendo a aceitação de um modo de ser do outro com o qual se identifica e acrescenta:

Sob este aspecto, o pró-*ethos* dos evangelistas, ao se apropriarem do discurso do Mestre, constrói um *habitus* identitário, na medida em que de Jesus herdaram este estilo de vida, essa forma de se movimentar nesse espaço e de habitar esse mundo. É um saber prático que foi incorporado pelas narrativas que eles ouviram de Jesus, o que, conseqüentemente, gerou um comportamento condizente com esse saber.

### 2.3. O *habitus* na constituição do *ethos*

Maingueneau (2008) ainda faz uso de um outro recurso: o *habitus*, que foi retomado da noção aristotélica de *hexis* e desenvolvido pelo sociólogo Pierre Bourdieu (2007). Eggs (2005b) afirma que o *ethos*, em *Arte retórica* (s/d), é a prova mais importante gerada pelo

discurso, pelo seu caráter moral. Entretanto, em algumas passagens, o *ethos* tem na verdade um sentimento neutro. De acordo com ele, Aristóteles (s/d) considerava que aquele está fundado na *epieikeia*, referindo-se a virtudes como honestidade, e este se refere a *hexis*, hábitos, costumes.

Mainueneau (2001) reconhece o *habitus* como um modo de agir, de viver, indissociável do *ethos*. É um conhecimento adquirido e, nas palavras de Bourdieu (2007, p. 61), “o lado ativo do conhecimento prático que a tradição materialista, sobretudo, com a teoria do “reflexo”, tinha abandonado”, ou ainda o “sistema dos esquemas interiorizados que permitem engendrar todos os pensamentos, percepções e as ações característica de uma cultura, e somente esses”. Bourdieu (1998, p.74) faz ainda relação entre a competência fonológica e a *hexis* corporal, em que a primeira é determinada pela segunda. Assim, explica o autor:

Tudo leva a crer que, através do que Pierre Guiraud designa como o “estilo articulatório”, o esquema corporal característico de uma classe determina o sistema dos traços fonológicos que caracterizam uma pronúncia de classe: a posição articulatória mais freqüente é um elemento de um estilo global dos usos da boca (no falar, mas também nas práticas de comer, beber, rir etc.), portanto, de toda a *hexis* corporal, implicando uma informação sistemática de todo o aspecto fonológico do discurso.

Gonçalves (2006), retomando Vergnières (2003), considera *habitus* o resultado, deixado em nós, por uma atitude repetida. Trata-se de um hábito, que não se separa do conceito de repetições. Ele defende em sua pesquisa sobre o *ethos* de autoridade e benevolência em parábolas narradas por Jesus Cristo (*op. cit*, p.261) que este tentava inculcar suas verdades aos ouvintes repetindo sempre as mesmas idéias. Assim, “o hábito como prática rotineira força o espaço para construção de *habitus*, como forma de interiorização de crenças e costumes”. Dessa forma, retomando Bourdieu (2007) o hábito, a repetição, proporciona a criação do *habitus* de um grupo, de representações e de um discurso próprio que o identifica e o distingue dos demais grupos.

Morato (2005) afirma que a crítica que se faz a Bourdieu diz respeito à pouca importância que o autor dá à reflexão de que os sujeitos são capazes na ação social. Bourdieu (2007) reconhece que as primeiras discussões sobre a noção de *habitus* não deixam clara sua intenção e compara o conceito à noção de gramática gerativa, de Chomsky, ou à capacidade do sujeito de criar, de inventar. Dessa forma, o autor se refere ao sujeito como:

(...) agentes que atuam e que sabem, dotados de um senso prático, de um sistema adquirido de preferências, de princípios de visão e de divisão (o que comumente chamamos de gosto), de estruturas cognitivas duradouras que são essencialmente produto da incorporação de estruturas objetivas e de esquemas de ação que orientam a percepção da situação e a resposta adequada. (op. cit., 1996, p. 42)

Bourdieu (1980, *apud* Maingueneau, 2006b) ainda estabelece que o *habitus* gera e organiza práticas e representações diretamente relacionados a determinados objetivos, mas sem a consciência de tal propósito. Esta forma de conceber o *habitus* nos remete à teoria das representações sociais, de Moscovici (2003).

Para Moscovici (2003), em todas as interações humanas, há representações, e, se forem desprezadas, restará apenas ação, acontecimentos. Para o autor, em tudo o que encontramos e com o qual nos identificamos, estão presentes as representações, assim como, a tudo o que ouvimos, tentamos dar significado por meio das representações. Ou mesmo sobre o sujeito (individual ou coletivo) recaem as representações do grupo a que pertence. Assim, o autor define representações sociais:

Um sistema de valores, idéias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambigüidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (op. cit., p. 21).

Moscovici defende que somente pessoas ou grupos podem criar representações no decorrer da comunicação, que terão vida, circularão, se atrairão e se repelirão, dando oportunidade ao surgimento de novas representações. Ela desempenha duas funções: primeiramente, convencionalizam os textos, pessoas ou acontecimentos, que são “formatados”, colocados em uma categoria e, gradualmente, sendo reconhecidos como um exemplar de um determinado tipo, reconhecidos pelos membros de um grupo. Quando ocorre de um objeto ou pessoa não se “enquadrar” em um modelo, é forçoso adotar uma determinada categoria para tornar-se idêntico aos demais sob pena de não ser aceito. Além disso, as representações são prescritivas, ou seja, são impostas sobre nós, “transmitidas e são o produto e uma seqüência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações” (MOSCOVICI, 2003, p.37).

De acordo com esse autor, a finalidade de toda representação é tornar familiar o que é não-familiar. Este não-familiar é esclarecido pelo autor como o desaparecimento das

convenções, como quando o abstrato e o concreto se confundem. Assim, tudo o que está além das fronteiras do concreto, tudo o que foi banido incomoda porque, apesar de está aqui, não faz parte desse aqui. Entretanto, não é simples tornar o não-familiar em algo usual, sendo necessário, portanto, a utilização de dois mecanismos: a ancoragem, que é classificar, dar nome a alguma coisa. De acordo com o autor, quando classificamos algo, ‘enquadrando’-no em um conjunto de comportamento e regras que ditam o que é e o que não é permitido em relação a outras pessoas do grupo ou classe. Além disso, classificar implica nomear, dar nome a alguém ou algo, “para dotá-lo de uma genealogia e para incluí-lo em um complexo de palavras específicas, para localizá-lo, de fato, na matriz de identidade de nossa cultura” (p. 66). O autor, então, sugere três conseqüências: a- a pessoa ou coisa adquire certas características, b- a pessoa ou coisa torna-se distinta dos demais por causa das características, c- a pessoa ou coisa é convencionalizada entre aqueles que adotam a mesma convenção. Por conseguinte, Moscovici (p. 68) acrescenta:

“É, pois, evidente que dar nome não é uma operação puramente intelectual, com o objetivo de conseguir uma clareza ou coerência lógica. É uma operação relacionada com uma atitude social. Tal observação é ditada pelo senso comum e nunca deve ser ignorada, pois ela é válida para todos os casos...”

Além disso, há a objetivação, que é o processo de verificar a iconicidade de uma idéia. Ambos os mecanismos trabalham com a memória. A primeira relaciona-se com a classificação e rotulação por meio de um nome, enquanto a segunda utiliza conceitos e imagens reproduzidos no mundo exterior.

Retomando a discussão sobre o *habitus*, ele também se redimensiona pelo *ethos*, de acordo com Mello (2005, p. 45), pois este último é a “imagem corpórea e social do enunciador (...) que visa conferir autoridade ou a articulação de credibilidade de uma voz e de um corpo imaginários, presos em um sistema de produção e identificação de valores simbólicos”. Em uma obra, o *habitus* se dá por meio da cenografia. Maingueneau (2001, p.148) observa que em *Fábulas*, de La Fontaine, ou *Contos*, de Voltaire, o *ethos* se instaura por meio da recusa do *habitus*.

Num pólo oposto, o etos “furioso” de um d’Aubigné se alimenta da recusa do *habitus* dos cortesãos e dos gêneros literários que se desenvolvem em sua órbita. E Walter propõe do mesmo modo ligar o etos do sobrinho de Rameau a um conflito com os *habitus* do “ar de corte”.

Em nossa pesquisa, utilizaremos o conceito de *habitus* para mostrar a recusa, por parte do alcoólico, do modo de vida do alcoólatra através da tensão entre duas cenografias, a do passado e a do presente do alcoólico com vistas a criar uma imagem positiva de si. Defendemos que, em nosso *corpus*, os AAs rejeitam o estilo de vida do alcoólatra para enfatizar a mudança ocorrida em suas vidas após entrada em AA. A partir do momento que ingressam no grupo, incorporam as representações da comunidade acerca da doença alcoolismo, do alcoólico e dos próprios membros da irmandade, e passam a apresentá-las como norteadoras do modo de dizer e do próprio dizer, do modo de agir, de se movimentar, de se vestir, tornando-se iguais, reconhecidos entre si. Defendemos que a rejeição do *habitus* do alcoólatra é determinada pelas representações que circulam na comunidade e estas determinam o tipo de imagem que os AAs constroem de si mesmos. É como cidadão, reconstruindo uma vida saudável, longe dos vícios, e reconquistando tudo o que perderam durante o longo período de bebedeira, que eles restabelecem uma imagem positiva, que se contrapõe ao *habitus* do alcoólatra, presente em suas lembranças do período de alcoolismo ativo. Assim, quanto mais rejeitam o *habitus* do alcoólatra, mais enfatizam a distância entre o passado e o presente.

#### **2.4. A cenas da enunciação**

Maingueneau (2005a) afirma que o estado do *ethos* está intimamente relacionado às cenas de enunciação, que também contribuem para a construção do significado.

A cena englobante, de acordo com o autor, equivale ao tipo de discurso. Ele a esclarece a partir do seguinte exemplo: ao recebermos um panfleto na rua devemos identificar qual o tipo de discurso que predomina no texto (religioso, político, publicitário...) para que possamos interpretá-lo, perceber sua finalidade, construir um sentido.

Todo enunciado literário está vinculado com uma cena englobante literária, sobre a qual se sabe em particular que permite que seu autor use um pseudônimo, que os estados de coisas que propõe sejam fictícios etc. (MAINGUENEAU, 2006b, p.251)

No entanto, apesar de pesquisas estruturalistas tenderem a “estabelecer” o fechamento do discurso sobre si mesmo, pesquisas recentes abordam o discurso como heterogêneo, cujo fechamento é instável, havendo pouco rigor entre seu interior e exterior. Este limite pouco

rigoroso marca a alteridade discursiva, ou seja, a relação entre o Mesmo do discurso e o seu Outro.

Sobre esta relação interdiscursiva, Maingueneau (2005c) determina o primado do interdiscurso sobre o discurso, afirmando que o que é permitido não é a análise do discurso, mas as trocas existentes entre os discursos escolhidos para análise. Assim, conclui-se que o estudo de um discurso deve ser feito, de acordo com o autor, através da relação com outros discursos, ou, ainda, que é na interdiscursividade que se instaura a identidade de um discurso. Para esclarecer a discussão acerca da interdiscursividade, Maingueneau (2005c) sugere substituir este termo pela seguinte tríade: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo.

O universo discursivo diz respeito ao “conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada” (p.35). De acordo com o autor, este conjunto é limitado, mas, por ser amplo, não pode ser apreendido em sua totalidade; por isso, não é de grande interesse do analista, servindo para nortear a análise dos campos discursivos. Campo discursivo, para o autor, é “um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitando-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo” (p.35). Para Maingueneau, “concorrência” deve ser compreendida como algo que inclui o confronto e a aliança entre os discursos de uma mesma função social “e divergem sobre o modo pelo qual ela deve ser preenchida” (p.36). Neste caso, podem ser tratados os campos políticos, filosóficos entre outros. Contudo, o estabelecimento deste recorte é apenas uma abstração, visto que a identidade de cada campo é construída em função da diferença. Segundo o autor, é importante recortá-los em sub-campos por proporcionar uma análise mais produtiva. Dessa forma, têm-se os espaços discursivos, isto é, “subconjuntos de formações discursivas que o analista julga relevante para seu propósito colocar em relação” (p.37). Maingueneau (2005c) relaciona o discurso humanista devoto ao discurso jansenista, cujo “surgimento” se apóia essencialmente, de acordo com alguns especialistas, em uma “reação” contra o humanismo devoto.

Esta noção de interdiscursividade está pautada no princípio do dialogismo, de Bakhtin, em que o autor confere à língua, viva, um caráter dialógico. Esse dialogismo não se refere ao diálogo face a face, pois todos os enunciados são dialógicos, independentemente de sua forma dialógica. De acordo com Fiorin (2006, p.19):

Neles, existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados.”

Este princípio também influenciou o surgimento do que Jacqueline Authier-Revuz (2004, p.21) denominou de heterogeneidade constitutiva, “horizonte fora do alcance do lingüístico”, uma manifestação do Outro no discurso, sem deixar marcas lingüísticas. Há ainda a heterogeneidade mostrada, em que a presença do Outro é acessível a uma abordagem lingüística. Neste caso, a voz do Outro é demarcada por meio de aspas, negação, discurso direto e discurso indireto, entre outros. No caso do discurso de AA, verificamos uma relação interdiscursiva em que o discurso da comunidade é construído a partir da relação entre os discursos religioso, médico e moral, como será explicitado no capítulo de análise.

Voltando à discussão acerca das cenas, a cena englobante, no entanto, não é suficiente para compreender uma prática discursiva, pois o contato do leitor/enunciatório não é com o discurso, mas com um gênero do discurso específico da cena englobante. É o que o autor chama de cena genérica. De acordo com Gonçalves (2006), através da cena genérica, reconhecemos o tipo de contrato estabelecido entre os interlocutores na interlocução. Maingueneau (2006b) assim fala obre esta cena:

As condições de enunciação ligadas a cada gênero correspondem, como vimos, a certo número de expectativas do público e de antecipações possíveis dessas expectativas pelo autor. Elas são facilmente formuladas em termos de circunstâncias de enunciação legítimas: quais são os participantes, o lugar e o momento necessários para realizar esse gênero? Quais os circuitos pelo quais ela passa? Que normas presidem ao seu consumo? (MAINGUENEAU, 2006b, p.251).

A cena englobante e a cena genérica formam o que Maingueneau chama de quadro cênico do texto. Em suas palavras, “é ele que define o espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido – o espaço do tipo e do gênero do discurso” MAINGUENEAU, 2005a, p.87.

Mas não é com o quadro cênico que o leitor se depara diretamente, mas com a cenografia. O termo cenografia associa o caráter teatral de cena à grafia, que envolve tanto o quadro quanto o processo. Assim, a cenografia “está tanto a montante como a jusante da obra: é a cena de fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado e que em troca ele precisa validar através de sua própria enunciação” (MAINGUENEAU, 2006b, p.253). A cenografia

se mostra, não diz sobre si mesma; através de pistas variadas, como o conhecimento acerca do gênero de discurso, dos níveis da língua, dos conteúdos do texto, etc, o leitor pode construir a cenografia do texto. Maingueneau (2006b, p.77) ainda a considera como “aquela de onde o discurso vem e aquela que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cena de onde a fala emerge é precisamente a cena requerida para enunciar, como convém, a política...” Citemos um exemplo de Maingueneau (2005b, p.85):

Que reunião! Esses cafés da manhã de negócios, todos aqueles croissants, aqueles pãezinhos, era tanta tentação que não pude resistir. . . Mas eu vou dar um jeito nisso. Ao meio-dia, vou reagir. Um encontro com a boa forma: somente WEEK-END e eu.

Práticos, esses saquinhos que a gente carrega aonde vai. Sabor de baunilha ou de legumes, meus quilinhos a mais vão logo desaparecer. Os intervalos para a boa forma WEEK-END e seus cardápios equilibrados, isso conta muito na agenda de uma gulosa.

Nesse texto, Maingueneau (*op. cit.*) afirma que o discurso englobante é o publicitário, o discurso genérico é o anúncio de produtos para emagrecer e a cenografia é a de uma conversa ao telefone, em que uma mulher fala com alguém conhecido.

O autor também afirma que a cenografia pode ser colocada numa linha contínua em que alguns gêneros do discurso podem apresentar cenografias rotineiras e outros, cenografias variadas, em pólos extremos. Assim, há gêneros que não suportam cenografias variadas, como a lista telefônica, enquanto há outros cuja cenografia é variada, como as dos gêneros publicitários, que podem apresentar cenografias de conversa, de discurso científico, didático, etc. Há ainda aqueles gêneros que podem apresentar cenografias variadas, mas limitam-se a uma rotineira, como a do guia turístico. As cenografias podem também ser específicas ou difusas. As primeiras apresentam uma única cenografia em um texto, enquanto as demais podem apresentar várias cenas. É nesse sentido segundo que Maingueneau (2001) fala da função integradora da cenografia ao mostrar a tensão entre as cenografias de uma obra quando não há esclarecimento quanto à hierarquia entre elas. O autor cita, então, *Viagem ao fim da*

*noite*, de Céline, em que há um conflito entre a cenografia de romance clássico, no pretérito perfeito, primeira pessoa, e a cenografia de locutor popular, com a finalidade de exceder ambas.

Nessa pesquisa, analisaremos a tensão entre duas cenografias nos depoimentos de AAs, que são de um homem alcoólatra, mas que se torna sóbrio ao entrar na irmandade AA, tentando mostrar, por meio da rejeição ao *habitus* do alcoólatra ativo, a mudança por que passa na vida, tornando-se digno, responsável e “correto”. Sendo assim, trata-se de uma cenografia difusa, com o intuito de relembrar os momentos ruins para reafirmar a sobriedade e tentar suscitar adesão dos demais membros e mostrar que mudou de vida, que é uma pessoa melhor.

## 2.5 A narrativa pessoal

Narrar sobre si é um ato natural e corriqueiro de autoconsciência e representação de si, em que se apresenta o “eu”, mostra-se quem é e o que o move. Constrói-se, em um relato, um sentido para si mesmo, para aqueles que o cercam, para o mundo em que se vive e para experiências por que se passou. Reinventa-se e se reconfigura as experiências tendo em vista a construção de um sentido para a existência.

Ao se produzir uma narrativa pessoal, textualiza-se experiências, que são sujeitas à revisão e interpretação, que, de acordo com Bruner & Weisser (1995), são limitadas pelo que se pode dizer quando se está falando sobre si mesmo, pelo como se diz, para quem se diz e com que objetivo se diz. Assim sendo, o enunciador posiciona-se com relação ao público, a si mesmo e ao que é dito. É o que confirma Fabrício (2006, p.195):

A narrativa, portanto, enquanto prática discursiva, não pode ser estudada desligada de aspectos contextuais e locais, nem em separado das relações sociais, pois sua coerência não se encontra só no texto, mas depende do *back-ground* e das expectativas de todos os participantes (narrador e interlocutores), que, em conjunto, negociam e interpretam mutuamente os significados propostos.

Bastos (2005) acredita que as relações sociais, principalmente a relação entre o enunciador e os ouvintes, são preponderantes para o curso da narrativa, pois a presença ou ausência de manifestações dos ouvintes interferem na produção do enunciador. É nesse sentido que a autora defende que as narrativas são co-construídas.

Conforme Bruner & Weisser (1995, p. 155), os enunciadores estruturam as narrativas em torno de um tema, que “é composto pela justaposição de mundos possíveis idealizados, embora contrastantes, em termos do qual se pode orientar um relato sobre si mesmo”. Bernardino (2000) conclui que o tema norteador dos depoimentos de AAs é o confronto entre as experiências anteriores e posteriores à entrada na irmandade.

De fato não há como negar que o tópico central desenvolvido nos depoimentos dos alcoólicos anônimos diz respeito às lembranças de fatos passados relacionados ao alcoolismo e que, principalmente, nos depoimentos remetidos por *e-mail*, as lembranças relatadas provavelmente são selecionadas com vistas à auto-representação ou, nos termos dos próprios membros da irmandade, a exposição de lembranças íntimas visa, entre outras coisas, criar laços de identificação e confiança entre os membros da comunidade. (*op. cit.*, 2000, p.98)

É importante destacar que Bruner & Weisser (1995) defendem que o ato de textualizar experiências tem o poder de afetar o modo de agir e sentir do narrador na tentativa de atingir a correção de uma representação. Com os AAs, esta atividade é vista como uma das formas de manter-se sóbrio e evitar o primeiro gole.

As pessoas também trabalham com eventos marcantes, de acordo com Bastos & Santos (2006), como o casamento, divórcio, conversão religiosa, quando contam uma estória. Os AAs, em suas estórias, retratam, principalmente, eventos que expressam a perda e reconquista de um emprego e do respeito e amor da família. Mas, segundo Bastos & Santos (2006, *apud* Mishler), uma narrativa é muito mais do que exposição seqüencial de eventos, pois há idas e vindas no fluxo do tempo. As narrativas, sobretudo no caso dos AAs, não seguem uma seqüência cronológica dos eventos, embora o início e o fim da estória sejam determinados cronologicamente pelas experiências anteriores e posteriores à entrada na comunidade.

Em narrativas pessoais, ainda é constante o que Bruner e Weisser (1995) chamam de autolocalização, que tem como função situar o indivíduo no mundo, posicioná-lo em um grupo ou cultura com o qual se identifica e que o individualiza. Os AAs, integrantes de uma comunidade, apropriam-se dos conceitos e demonstram a incorporação da linguagem e de idéias e representações do grupo, contribuem para o reconhecimento mútuo dos membros por meio da narração de estórias. Ao incorporar o discurso do grupo, caracterizado, sobretudo, pelo uso do vocabulário da irmandade, os membros reconstróem suas experiências tendo o

presente como referência, havendo uma constante comparação entre as experiências do passado e do presente. De acordo com Santos, (2007, p.73):

Järvinen (2004) mostra que através da organização narrativa (enredo) os narradores estabelecem uma relação entre a experiência vivida e a perspectiva do presente. Dependendo do contexto, essa organização pode mudar. Temos, dessa forma, sempre mais de uma estória de vida para contar e cada estória se adapta aos projetos atuais de nossas experiências.

Para os membros do grupo, as narrativas caracterizam a passagem de uma condição ruim para uma melhor, apresentando valores, crenças e modelos de comportamento. Santos (2007) acredita que essas narrativas ajudam ainda a reforçar os laços entre os membros, a conquistar novos adeptos e a construir a identidade coletiva. Além disso, ao contar uma história, o narrador está reconstruindo uma nova significação para o que ocorreu sob a perspectiva do presente, sendo “condicionado” pelo contexto de sua vida e pelo auditório. No caso específico dos AAs, deve-se considerar que essa relação passado-presente é colocada para destacar a mudança na vida do alcoólico depois de ingressar na irmandade Alcoólicos Anônimos. Embora essa mudança seja mostrada pelo narrador como repentina, Santos (2007) defende a tese de que a transformação não pode ser pontuada e nomeia esse processo como fluxo de mudança. Assim, afirma:

“Embora os sujeitos, na maioria das vezes, entendam a mudança como tendo ocorrida de forma repentina e construam discursivamente a sua mudança como tendo ocorrida em um momento singular, esse momento não é, na realidade, identificável já que ele é apenas parte de um processo que já vinha, de alguma forma, se processando”. (SANTOS, 2005, p.76)

Dessa forma, essas mudanças sobre as quais versam os AAs mantêm uma forte relação como o espaço em que se encontram. Para eles, quanto mais reprovam o passado de alcoolismo, mais afirmam a condição de alcoólico abstinente.

## CAPÍTULO 03

### METODOLOGIA

*“Qualquer estudo da realidade, por mais objetivo que possa parecer, por mais “ingênuo” ou “simples” nas pretensões, tem a norteá-lo um arcabouço teórico que informa a escolha do objeto, todos os passos e resultados teóricos e práticos”. (MINAYO, 1994, p.37)*

**E**ste capítulo dedicamos à descrição do *corpus* e aos procedimentos metodológicos adotados na pesquisa.

#### **3.1 Amostra**

Nossa pesquisa iniciou através do acesso ao site da comunidade [www.alcoolicosanonimos.org.br](http://www.alcoolicosanonimos.org.br) onde encontramos o telefone do escritório central da irmandade em Fortaleza. A indicação do secretário para a elaboração da pesquisa foi o grupo São Vicente de AA, bairro Antônio Bezerra, devido ao fácil acesso, pela proximidade com nossa residência. Este grupo é composto por 30 membros, mas esse número é variável em função de novas adesões ou de desistências por recaídas. Apesar de termos escolhido como foco essa sede, fizemos visitas a outros centros para visualização das possíveis divergências entre grupos.

Consideramos que não há restrições que prejudiquem a análise ao escolhermos apenas um grupo para coleta do *corpus*, nem que impeçam as generalizações dos dados visto que, organizacionalmente, AA possui Doze Tradições, elaboradas na década de 1940, para “assegurar a sobrevivência e o crescimento dos milhares de grupos que compõem a irmandade” (44 PERGUNTAS, p.26). Pregam a unidade de AA tendo em vista a expansão do grupo e a ausência de líderes com poderes para governar. AA possui também uma vasta literatura acerca de seu funcionamento, como “Sugestões para coordenar reunião de novos”, em que se esclarece a organização estrutural da irmandade, para haver pouca variação de um grupo para outro.

Além disso, todos os AAs são acometidos de mesmo problema, a “doença” do alcoolismo, e passam por experiências semelhantes. Sendo assim, apresentam estas semelhanças também discursivamente, esforçando-se para mostrar distanciamento dos estereótipos que circulam em nossa sociedade acerca do alcoólatra e para construir uma nova imagem, de um ser que se descobre “doente”, que luta para manter-se sóbrio e reconquistar todos os bens afetivos e materiais que perdeu durante o alcoolismo ativo. Este esforço se dá por meio da forma como se comportam, se vestem e, principalmente, por meio do tom firme e seguro de seu discurso, fugindo da imagem ébria e desequilibrada que ficou marcada em seu passado de alcoólico ativo. Quanto mais sério, firme e seguro o tom do discurso, maior a rejeição ao passado, o distanciamento deste e a reafirmação da sobriedade. Por esta razão, abordaremos, em nossa pesquisa, aspectos entonacionais, embora o tom não seja relacionado apenas a textos orais.

Em AA, também é comum um sistema de visitas, o chamado rodízio, em que o alcoólico sai de seu grupo de origem, o grupo em que ingressou em AA, e visita outros grupos pelo estado. Dessa forma, observamos no São Vicente a visita dos AAs de outros grupos e que apresentavam produção discursiva semelhante aos do São Vicente.

Observamos ainda que os depoimentos gravados por Mota (2002), no Ceará, e Campos (2005), em São Paulo, não se diferenciam, pelo menos, semanticamente de nosso *corpus*.

Nossa amostra é composta de 20 depoimentos (ver anexo) gravados em diferentes sessões no período de agosto, outubro e dezembro de 2007. Fizemos esta segmentação do período de coleta para nos certificarmos de que a produção das narrativas dos AAs permaneceria a mesma.

Em nossa amostra, há ainda depoimentos de homens e mulheres, de idades variadas, por acreditarmos não ser relevante restringir-nos a um só sexo e a uma única faixa etária, uma vez que todos fazem parte de uma irmandade da qual pressupomos seguirem as regras de funcionamento.

Gravamos somente uma amostra de cada membro para que não haja a hipótese de que as características dos depoimentos gravados sejam individuais e não coletiva. Em nosso

*corpus* também consideramos os depoimentos dos AAs vindos de outros grupos pelas semelhanças discursivas. Também submetemos os depoimentos a uma triagem para escolha do *corpus*, pois alguns deles, devido à voz baixa de alguns oradores, não ficaram em bom estado para transcrição.

Além disso, verificamos ao longo dos meses de observação e gravação dos depoimentos que, quando surgia uma pessoa desconhecida na sessão aberta, os AAs faziam explicações acerca da comunidade, enaltecendo-a, ocorrendo pequena variação nas narrativas. Eles continuavam relatando suas experiências no mesmo tom, mas também falavam da organização de AA e da importância desta irmandade em suas vidas. Acreditamos que esta variação não irá interferir em nossa análise, visto que os alcoólicos permanecem a falar sobre si embora enfatizando a comunidade.

### **3.2. Modelo metodológico**

Para a presente pesquisa, adotaremos a proposta teórico-metodológica de Maingueneau (2008; 1997), no que concerne, respectivamente, ao conceito de *ethos*. Destacaremos ainda os conceitos de *habitus*, de Bourdieu (1999), e de representação social, de Moscovici (2003), e ainda as propostas de Bruner e Weisser (1995), Bernardino (2000), Bastos & Dantas (2002), Bastos (2005), Bastos & Santos (2006) e Santos (2007) vinculados às características constitutivas do auto-relato, depoimento de AAs e narrativas pessoais.

Analisaremos o discurso dos AAs, em depoimentos, por meio da rejeição do *habitus* do alcoólatra pela tensão entre as cenografias do passado e do presente do ex-bebedor e através da constituição do corpo do alcoólico anônimo.

Esta pesquisa deter-se-á no estudo de um *corpus* composto por depoimentos de alcoólicos anônimos, gravados em uma comunidade de AA, do bairro Antônio Bezerra, com objetivo de analisar o *ethos* de cidadão do alcoólico anônimo. Para isto, adotaremos os seguintes procedimentos:

- a) Observação do modo de organização da comunidade;

Esta fase da pesquisa diz respeito à explicitação do campo de pesquisa, que é concebido, de acordo com Neto (1996, p.53), como “o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação”. O autor cita como exemplo o estudo do modo de vida de moradores de um bairro determinado ou de uma favela. Além disso, numa pesquisa de campo, o que é fundamental são as pessoas, a interação entre elas, sendo necessária uma teoria para transformá-los em objetos de estudo.

O passo seguinte é determinar que tipo de dificuldades surge em uma entrada no campo de modo a inviabilizar essa fase da pesquisa. De acordo com Neto (1996), a primeira questão é o modo de aproximação do pesquisador com as pessoas que participarão do estudo. Essa aproximação pode ser facilitada por pessoas que mantêm vínculos com os sujeitos da pesquisa e é preferível que seja gradual, mantendo o respeito pelas pessoas e por suas manifestações dentro da comunidade. Assim, o objetivo do pesquisador não é tornar-se igual aos membros do grupo, mas ser aceito na convivência para tentar compreender “os aspectos rotineiros, as relevâncias, os conflitos, os rituais, bem como a delimitação dos espaços público e privado. Essas considerações baseiam-se no pressuposto de que os entrevistados não são ingênuos espectadores, nem subjetividades ao acaso ou atores não-críticos”. (NETO, 1996, p.62)

A segunda questão é a apresentação ao grupo da proposta de estudo, que deve ser esclarecida de forma a expor as prováveis repercussões positivas surgidas com a investigação. Segundo Neto (1996), é o momento em que se estabelece uma troca, um jogo cooperativo, pois todas as informações conquistadas pelo pesquisador devem estar baseadas no diálogo, sem que haja obrigatoriedade na participação dos sujeitos na pesquisa.

Há ainda a postura do pesquisador frente à problemática da investigação. É possível que muitas vezes o pesquisador entre em campo esperando apenas confirmar o que ele pensa já saber, descartando a possibilidade de novas descobertas. Essa conduta pode dificultar o relacionamento entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa por gerar posicionamentos de superioridade e de inferioridade diante do que se deseja entender.

Há, por fim, a preocupação com o aparato teórico-metodológico da temática a ser explorada, pois a pesquisa de campo não pressupõe apenas técnicas para coleta de dados, mas

também “a idéia de que a teoria informa o significado dinâmico daquilo que ocorre e que buscamos captar no espaço em estudo” (NETO, 1996, p.56).

No trabalho de campo, há várias técnicas a serem utilizadas, dentre elas, o da observação, que é um elemento básico da investigação científica, fundamental em estudos antropológicos. “É uma técnica de coleta de dados” (...) e “não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar” (MARCONI & LAKATOS, 2004, p.275).

Nesta pesquisa, utilizaremos o método de observação não-participante. Trata-se de um método em que o pesquisador faz uso de instrumentos para coletar os dados observados, em condições controladas. Além disso, de acordo com Marconi & Lakatos (2004, p.276), com esta técnica, o “pesquisador entra em contato com a comunidade, grupo ou realidade estudada, sem integrar-se a ela. Apenas participa do fato, sem participação efetiva ou envolvente. Age como espectador”.

Foi com esse pensamento que chegamos ao São Vicente pela primeira vez em 13 de junho de 2007. Era uma quarta-feira, dia em que a reunião inicia às 19 horas<sup>5</sup>. Chegamos um pouco mais cedo, pois não conhecíamos o local, que fica localizado em um pequeno espaço de mais ou menos 14 m<sup>2</sup>, na quadra esportiva da igreja católica<sup>6</sup> do bairro Antônio Bezerra.

Ao entrarmos, fomos recebidos pelo coordenador do grupo, que disse para ficarmos à vontade, pois todos eram bem vindos ao AA. Explicamos-lhe de que se tratava nossa pesquisa, sentamos e ficamos analisando o ambiente enquanto os membros chegavam.

Em cada lado da porta há uma janela. As cadeiras, plásticas e brancas, estão dispostas em filas de frente para a mesa do coordenador. Sobre a mesa, ficam vários livros acerca da irmandade AA e algumas fichas de cores variadas<sup>7</sup> que representam períodos de sobriedade. Por trás do coordenador, na parede, há, escrita em letras grandes, a Oração da Serenidade, que

---

<sup>5</sup> As reuniões no São Vicente ocorrem nas quartas-feiras, às 19 horas, e sábados e feriados, às 20 horas. Sempre têm duração de duas horas.

<sup>6</sup> Embora muitos grupos “existam” em espaços cedidos por igrejas, o AA não mantém vínculos com nenhuma religião, embora pregue a existência de um Poder Superior, que é concebido pelos AAs como uma força espiritual, como o próprio AA ou como Deus.

<sup>7</sup> A ficha de ingressante em AA é a de cor amarela. Na cerimônia de entrega dessa ficha, o alcoólico deve escolher um padrinho que deverá entregar-lha. De acordo com Mota (2002, p.148), o padrinho “funciona como um “guia” para o recém-chegado e muitas vezes é também a pessoa que encaminha” o alcoólico ao AA.

é dita por todos os AAs no início e no final de cada sessão. Em cada lado da oração, há uma foto, uma de Bill W. e outra de Dr. Bob. Há ainda, em parede lateral, em frente à porta, três grandes quadros com os Doze Passos, as Doze Tradições, os Doze Conceitos e um relógio.

Os AAs vão chegando e cumprimentando uns aos outros, sempre com apertos de mãos e sorrisos, e assinam o livro de registro, que fica sobre a mesa do coordenador. Este livro registra a data de ingresso de cada membro do grupo, a presença de todos os que participaram de cada uma das reuniões desde a fundação e o nome dos oradores de cada sessão.

A sessão se iniciou, pontualmente, às 19 horas com os seguintes dizeres do coordenador, retirados da vasta literatura da irmandade:

Alcoólicos Anônimos é uma irmandade de homens e mulheres que compartilham suas experiências, forças e esperanças a fim de resolver seu problema comum e ajudar outros a se recuperarem do alcoolismo. O único requisito para tornar-se membro é o desejo de parar de beber. Para ser membro de AA não há taxas ou mensalidades. Somos auto-suficientes graças às nossas próprias contribuições. AA não está ligado a nenhuma seita ou religião, nenhum movimento político, nenhuma organização ou instituição; não deseja entrar em qualquer controvérsia; não apóia nem combate quaisquer causas. Nosso propósito primordial é o de nos mantermos sóbrios e ajudarmos outros alcoólicos a alcançarem a sobriedade. (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 1994, quarta-capa)<sup>8</sup>

Em seguida, o coordenador pede a todos que se levantem para dizer em voz alta a Oração da Serenidade. Neste momento, é comum os presentes fecharem os olhos e se concentrarem na reza, que segue abaixo:

Concedei-nos, Senhor, a Serenidade necessária para aceitar as coisas que não podemos modificar; Coragem para modificar aquelas que podemos e Sabedoria para distinguir umas das outras.

Após a oração, o coordenador nos apresenta ao grupo e fala nossas intenções quanto ao AA e, em seguida, apresenta alguns lembretes vindos de outros grupos acerca de reuniões para comemorar o aniversário de sobriedade de outros membros.

Depois disso, é feita uma reflexão, comentando algum fato antigo ou recente que envolve o alcoolismo dos AAs. Há uma certa variação quanto a esta reflexão de grupo para

---

<sup>8</sup> Essa passagem encontra-se em várias obras de AA, geralmente na quarta-capa, e foi memorizada e usada pelo coordenador para abrir e fechar a reunião, sempre antes da Oração da Serenidade.

grupo, pois alguns coordenadores preferem ler passagens da literatura da irmandade a relembra fatos. A seguir, o coordenador chama o primeiro orador, que tem, em média, 15 minutos para discursar junto à cabeceira-de-mesa. Assim, há por volta de oito oradores em cada reunião.

É comum, e está na literatura de AA, haver o momento do café, em que é entregue aos presentes um copinho descartável de café com biscoitos. No São Vicente, a cada 20 minutos, um membro serve café, chá, café-com-leite e água.

Às 20 horas, ou na metade da reunião, é chegada a hora de, como dizem os AAs, praticar a sétima tradição: “Todos os grupos de AA deverão ser absolutamente auto-suficientes, rejeitando quaisquer doações de fora” (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 1994, p.38). O tesoureiro do grupo passa em cada cadeira e recolhe uma doação para custear as despesas do São Vicente, como café, água, copos descartáveis, folhetos informativos e convites para comemoração de aniversário de sobriedade dos membros. No período que estivemos observando o São Vicente, o coordenador estava arrecadando dinheiro para comprar uma caixa de som e microfone para serem utilizados em festas. No entanto, a contribuição, seja para o fim que for, não é obrigatória, e, caso o membro contribua, doa a quantia que desejar. Depois da arrecadação, o tesoureiro contabiliza a quantia e registra no livro de registro, e o coordenador, em seguida, anuncia o resultado para os presentes.

Os oradores prosseguem, sempre no mesmo ritmo. A cada depoimento, o coordenador faz uma reflexão, lembrando estórias de outros AAs, e apresenta lembretes de outros grupos e chama o orador seguinte para depor.

Às 21 horas é finalizada a reunião. O coordenador pede para que todos se levantem para dizer novamente a Oração da Serenidade e pedir, em seguida, um minuto de silêncio por todos que ainda bebem e por mais 24 horas de sobriedade.

Ficamos, no primeiro mês que chegamos à irmandade, apenas observando a movimentação das pessoas e o funcionamento do grupo. À princípio, sentamos na primeira fila, mas percebemos que minha presença estava interferindo no desenrolar dos depoimentos, por isso, depois de três sessões, optamos por sentar no fundo da sala, no canto esquerdo. Assim, ficamos à vontade para observar e fazer anotações em um caderno. É importante frisar

que, em todas as reuniões em que havia visitantes e membros de outros grupos, o coordenador nos apresentava novamente aos presentes.

b) Gravação dos depoimentos proferidos na comunidade, em reuniões abertas.

Quanto ao registro das falas dos sujeitos, é possível utilizar a anotação simultânea ou a gravação. É possível ainda fazer uso de outros recursos, como fotografias e filmagens, que permitem registrar o cotidiano do grupo em observação. Em nossa pesquisa, usamos apenas um MP3 para gravar a fala dos depoentes em uma situação espontânea.

Entramos no São Vicente pela primeira vez em 13 de junho de 2007 para assistirmos às reuniões abertas. Passamos a observar a integração dos membros por mais de um mês, fazendo apenas anotações sobre o comportamento verbal e não-verbal dos que estavam presentes. No dia 04 de agosto de 2007, iniciamos as gravações dos depoimentos. Ao chegar, falamos com o coordenador e pedimos-lhe autorização para a gravação, que foi prontamente atendida. Falamos-lhe mais uma vez de que se tratava a pesquisa e me comprometi a manter o anonimato de todos, respeitando as Doze Tradições, que sugere o anonimato dos AAs em sociedade. A seguir, durante a abertura da sessão, ele notificou aos demais, que concordaram sem restrições. Acreditamos que a fácil aceitação por parte dos AAs se deve ao fato de o coordenador, um homem sexagenário, muito respeitado por membros de vários grupos de AA no Ceará e com 30 anos de sobriedade, ter acolhido meu pedido.

Os oradores depõem na cabeceira-de-mesa, ao lado da mesa do coordenador. Posterior ao orador, à cima, há um ventilador que, por vezes, atrapalhou a gravação dos depoimentos. Do local onde depõem, é possível ver perfeitamente todos que estão no grupo, havendo muita proximidade com os que estão sentados na primeira fila. Ficamos sentada ao lado do depoente, segurando o MP3, controlando-nos para não expressar nenhum sentimento à favor ou contra sobre o que estava sendo dito.

c) Transcrição dos depoimentos

Fizemos transcrição de acordo com a variação lingüística do depoente, mas não adotamos nenhuma convenção para transcrição de discurso oral. Identificamos os

depoimentos aleatoriamente, de acordo com as siglas: DEP 1, DEP 2, DEP 3, e assim por diante.

d) As categorias de análise

Adotaremos os critérios de Maingueneau (2008; 1997) referentes à análise do *ethos*. Constituiremos o *ethos* de cidadão do alcoólico anônimo pela rejeição do *habitus* do alcoólatra, através da instabilidade entre duas cenografias, do passado e do presente do alcoólico, e por meio do tom, na constituição do corpo. Em ambos objetivos, daremos destaque às mudanças ocorridas na vida dos AAs, tendo como norteadoras as temáticas recorrentes nas narrativas: o ser alcoólico, as relações familiares, o trabalho e os amigos.

## CAPÍTULO 04

### O ALCOÓLICO ANÔNIMO: ANTES E DEPOIS DE AA

*“Mas eu conheci por intermédio de uma pessoa, conheci o AA. E assisti algumas reuniões e teve uma reunião que me despertou, de uma senhora (...). Ela foi na cabeceira-de-mesa e realmente falou umas coisas que realmente acontecia comigo. Eu chegava no bar, bebia, pagava para os outros, feito besta, capotava, urinava, acordava todo urinado, as pessoas ficavam fazendo pouco de mim.  
(depoimento de um alcoólico anônimo)*

Neste capítulo, será feita a análise do discurso da comunidade AA e de seus membros. Iniciaremos discutindo sobre o conceito de comunidade discursiva e sobre a própria comunidade Alcoólicos Anônimos, seu funcionamento e regimentos, partindo do conceito de instituição discursiva, de Foucault (1996). Em seguida, serão analisados os depoimentos dos AAs, primeiramente quanto à recusa do estilo de vida do alcoólatra pelos abstinentes e, em seguida, à constituição do corpo.

Como já foi exposto, trabalhamos com a construção do *ethos* de cidadão pelo alcoólico anônimo. Para isso, utilizamos o conceito de *ethos*, definido por Maingueneau (1997), por considerarmos o que melhor se adequa a nossos objetivos, uma vez que se trata de uma imagem de si construída discursivamente, articulando o verbal e o não-verbal; é o modo de dizer, impregnado de estereótipos da sociedade e representações da comunidade da qual faz parte o enunciador. Além disso, fazemos uso do conceito de *habitus*, de Bourdieu (2005), que se refere a um estilo de vida, um modo de ser de um grupo, um sistema gerador de princípios e representações. Dessa forma, defendemos que, em depoimentos dos AAs, há uma intensa remissão ao passado, à vida de alcoólatra ativo, de bebedeiras diárias, acontecimentos ruins, no âmbito familiar, sempre com desprezo aos fatos ocorridos, com um discurso moralista, enfim, com rejeição ao *habitus* do alcoólatra. Destacaremos a rejeição do passado e a mudança na vida do alcoólico após tornar-se membro de AA por meio do *habitus* e da instabilidade entre as cenografias, de antes e de depois de entrar em AA, com o fim de verificar como o alcoólico anônimo constrói uma imagem de cidadão, de ser digno de respeito e da atenção de todos, que começou a refazer sua vida a partir do momento que conheceu a irmandade Alcoólicos Anônimos. Em seguida, constituiremos o corpo dos AAs, ou seja,

caráter e corporalidade, por meio do tom, também enfatizando a mudança na vida dos membros de AA após iniciarem o programa de recuperação.

Faremos, inicialmente, uma discussão acerca do funcionamento de Alcoólicos Anônimos, destacando o programa de recuperação e a relação interdiscursiva, da religiosidade, da medicina e da moral, presente no discurso da instituição, apresentando trechos de depoimentos dos AAs para confirmar essa inter-relação e para verificar a incorporação do discurso da irmandade por seus membros. Posteriormente, a partir do ponto 4.4, analisaremos os depoimentos dos AAs, tomando as recorrências temáticas nas narrativas, representação de pessoa alcoólica, as relações familiares, o trabalho e os amigos, como norteadoras da análise. Enfatizamos a mudança na vida dos AAs, com a ingressão no grupo, no ponto 4.4, por meio da rejeição do *habitus* do alcoólatra através da tensão entre duas cenografias, a do passado e a do presente do ex-bebedor, e, no 4.5, por meio do tom, objetivando construir a imagem de cidadão, de um ser responsável perante a sociedade.

#### **4.1. A comunidade de prática**

Comunidade de prática é um conceito elaborado pela socióloga Etienne Wenger (1998) para se referir a pessoas que se reúnem com interesses comuns. É necessário que haja interação entre os membros e que estes tenham interesses ou problemas em comum e que compartilhem experiência e conhecimento baseando-se no respeito e na confiança entre si. Para Cabelleira (2007, p.03), essa confiança se fortalece “à medida que as experiências comuns aumentam e a convivência faz com que estas pessoas compartilhem valores pessoais e se identifiquem com os da organização”.

Segundo Wenger (1998), todos nós pertencemos a comunidades de prática, que têm o poder de mudar nossas vidas. Na vida familiar, por exemplo, formamos comunidades de prática, pois desenvolvemos práticas, rotinas, rituais, símbolos, convenções e histórias e, mesmo que os membros da família separem-se, eles criam um modo de estarem próximos. Assim, ficar junto torna-se um empreendimento dos membros.

A autora, para caracterizar este conceito, apresenta três pontos: o engajamento dos membros, o empreendimento comum e um repertório compartilhado<sup>9</sup>. O engajamento diz respeito à ação dos membros da comunidade em torno de um objeto ou interesse comum, o que implica o relacionamento entre as pessoas. O empreendimento mútuo acaba por gerar três pontos<sup>10</sup>:

- 1- É o resultado de um processo coletivo de negociação que reflete a complexidade do engajamento mútuo.
- 2- É definido pelos participantes em um processo de dedicação. É uma resposta negociada a uma situação e pertence a um sentido profundo, apesar de todas as forças e influências que estão além do controle por eles.
- 3- Não é só um objetivo, mas cria, entre os participantes, relações de responsabilidade mútua que começa em grande parte na prática.

Por fim, o repertório compartilhado inclui rotinas, palavras, modo de produzir algo, estórias, gestos, símbolos, ações e conceitos que a comunidade criou ou adotou durante sua existência. Ele inclui ainda o discurso através do qual os membros criam significado para o mundo e uma identidade enquanto membro da comunidade.

Por todas estas razões, consideramos AA uma comunidade de prática, cujos membros se unem com o objetivo de parar de beber e ajudar outros alcoólicos a também alcançarem a sobriedade. Formam juntos uma comunidade organizada com valores, regimentos, rituais, que os identificam e os individualizam. No entanto, preferimos o conceito de comunidade discursiva, de Maingueneu (1997), por este priorizar o discurso, considerando apenas os grupos existentes pelo anunciado e no enunciado, que encontram a razão de ser no discurso, conforme AA, mas sem presença necessária de um engajamento entre os membros e de um empreendimento comum. Embora alguns grupos possam ser considerados ao mesmo tempo comunidade de prática e comunidade discursiva, como a irmandade Alcoólicos Anônimos, há aqueles que formam uma comunidade de prática, mas não são comunidade discursiva e vice-versa.

---

<sup>9</sup> De acordo com a autora, são três as características das “communities of practice”: “mutual engagement”, “a joint enterprise” e “a shared repertoire”. (WENGER, 1998, p.73)

<sup>10</sup> 1-It is the result of a collective process of negotiation that reflects the full complexity of mutual engagement. 2- It is defined by the participants in the very process of pursuing it. It is their negotiated response to their situation and thus belongs to them in a profound sense, in spite of all the forces and influences that are beyond their control. 3- It is not just a stated goal, but creates among participants relations of mutual accountability that become an integral part of the practice. (*op. cit.*, p. 77-78)

## 4.2. Discurso institucional

Michel Foucault (1996), em sua aula inaugural no Collège de France, apresenta uma discussão acerca do funcionamento dos discursos na sociedade. O autor expõe seu desejo, logo de início, de se encontrar do outro lado do discurso sem passar pelo exterior deste. E, em seguida, a instituição responde ao desejo:

Você não tem por que temer começar; estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra, mas o desarma; e que se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém. (FOUCAULT, 1996, p.07)

Foucault afirma que a produção do discurso na sociedade é controlada, organizada por procedimentos que funcionam como uma conspiração dos poderes e perigos do discurso. Dentre esses procedimentos, há a exclusão, que tem como exemplo mais evidente a interdição, que é, em linhas gerais, não ter “o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 1996, p.09). Segundo o autor, todos os sistemas de exclusão se amparam num suporte institucional, num conjunto de práticas que os reforçam.

Há ainda os procedimentos considerados internos, por se tratarem de discursos que exercem controle sobre si mesmos e que funcionam para classificar, ordenar e distribuir “para submeter outra dimensão do discurso: a do acontecimento e do acaso.” (FOUCAULT, 1996, p.21)

Por fim, há os procedimentos que controlam os discursos, que determinam o funcionamento dos discursos, por imposição de regras ao produtor do discurso e dificuldades ao acesso desse mesmo discurso. Foucault (1996, p.37), então, afirma:

Ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala.

Esta breve explanação da obra *A ordem do discurso* (1996) é para mostrar como funciona o discurso, como ocorre sua produção em sociedade e, sobretudo, mostrar seu caráter institucional, deixar claro que o discurso é constituído de fatores lingüísticos e sociais.

Sobre isso, Maingueneau (1996) afirma que a linguagem define uma instituição imensa que valida e dá sentido a cada um dos atos no exercício do discurso.

Maingueneau defende que é complicado separar atos de linguagem e atos propriamente sociais, em oposição ao que ocorre entre afirmar e batizar, que estão em pólos opostos, pois o primeiro é realizado pela enunciação, enquanto o segundo é aprovado pela sociedade. O autor retoma o exemplo de Saussure, quando este compara a língua a um jogo de xadrez. No entanto, o lingüista francês o faz enfatizando a dinâmica da partida em que os dois jogadores participam de um confronto ritualizado e repleto de estratégias que são repensadas de acordo com as atitudes de cada participante, conforme abaixo:

Como no ténis ou no xadrez, os parceiros do intercâmbio verbal participam de um mesmo jogo, que oferece as condições de um confronto ritualizado feito de estratégias locais ou globais, o tempo todo redefinidas em função das antecipações dos protagonistas. (MAINGUENEAU, 1996, p.18)

Em outra obra, Maingueneau (2006b, p.53) relaciona “instituição” e “discursiva” e estabelece a importância dos gêneros do discurso nessa relação, visto que se constituem por meio de rituais, contrato e encenação.

A relação “instituição” e “discursiva” implica uma pressuposição mútua: o discurso só vem a ser se se manifestar através das instituições de fala que são os gêneros do discurso, que são pensados através das metáforas do ritual, do contrato, da encenação”.

Entretanto, em outra obra, Maingueneau (1997) critica o uso por Foucault do termo instituição discursiva por dar privilégio aos aparelhos e por destacar o aspecto lingüístico. Assim, o autor sugere o termo prática discursiva por relacionar as duas faces do discurso: a linguagem e o social.

A noção de prática discursiva é composta de dois elementos: formação discursiva e comunidade discursiva. Comunidade discursiva é “o grupo ou a organização de grupos no interior dos quais são produzidos, gerados os textos que dependem da formação discursiva.” (MAINGUENEAU, 1997, p.56) Para Maingueneau, este conceito não remete somente a grupos (instituições), mas também a todos os grupos que possuem uma organização material e modos de vida. O autor cita como exemplo os partidos políticos.

### 4.3. A comunidade Alcoólicos Anônimos

#### 4.3.1. O surgimento de AA e a concepção de alcoolismo

AA, conforme enfatiza a literatura do grupo, é “a história de uma sociedade de homens e mulheres que compartilham de um grande interesse comum: o desejo de permanecer sóbrios e de ajudar outros alcoólicos que procuram ajuda para seus problemas causados pelo álcool” (44 PERGUNTAS, 1993, p.3).

A irmandade surgiu em 1935, em Akron, Ohio, Estados Unidos da América, com William Griffith Wilson (Bill W.) e Dr. Robert Holbrook Smith (Dr. Bob), ambos alcoólicos, que acreditavam que o alcoolismo era uma doença progressiva da mente, do espírito e do corpo. Bill era um alcoólatra que se recuperou após frequentar o Grupo Oxford, sempre acreditando na necessidade de libertar-se da bebida e de que ajudar outros alcoólicos manteria sua própria sobriedade. Em maio de 1935, conheceu Bob, que se recuperou em virtude da intervenção de Bill. Os dois homens formaram o primeiro grupo, surgindo, em seguida, outros grupos em Nova York e Cleveland.

Em 1939, a irmandade publicou seu livro básico, uma espécie de bíblia da instituição, cujo título é *Alcoólicos Anônimos* ou ainda *O Livro Azul*, em que se encontram toda a filosofia e os métodos de funcionamento do grupo. Em prefácio da primeira edição desse livro consta que o objetivo da obra é mostrar aos outros alcoólicos como os AAs se restabelecem do alcoolismo. Nesta obra, encontramos discussões sobre a concepção de alcoolismo para a irmandade, a importância dos AAs ajudarem os outros alcoólicos, a participação das esposas e demais familiares na recuperação do alcoólico e ainda a opinião de empregadores acerca do alcoólico ativo no trabalho.

A partir da publicação deste livro, que propõe um modelo terapêutico para todos aqueles que pretendem solucionar seus problemas decorrentes do alcoolismo, o grupo se expandiu por vários países e, com isso, surgiram o temor, pela falta de experiência dos membros fundadores dos novos grupos, e o receio de que a unidade de organização de AA fosse quebrada<sup>11</sup>. Como solução para este problema, Bill W. criou, em 1944, um conjunto de

---

<sup>11</sup> A comunidade AA forma uma unidade, pois possui valores, crenças e normas que regem a organização de todos os grupos de AA no mundo. Assim sendo, de acordo com os próprios AAs, uma reunião de AA na

princípios denominados Doze Tradições, que unificam os grupos e respondem a perguntas como “Qual a melhor maneira de AA permanecer unido e assim sobreviver?” (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 1994, p.173). Após essa ação, a irmandade tornou-se uma comunidade com representantes em todo o mundo.

No Brasil, o primeiro grupo foi fundado em 1947, no Rio de Janeiro, com Bob Valentine, amigo de Bill W.. Bob conhece Lynn Goodale e repassa-lhe o programa de AA. Em 1949, o grupo começou a se expandir depois da publicação de um artigo sobre a irmandade no jornal “O Globo”, de 16 de outubro deste ano, cujo título é “Alcoólicos Anônimos: uma sociedade de fins meritórios”.

Para esta irmandade, o alcoolismo é uma doença progressiva e incurável, uma vez que a causa é desconhecida, com efeitos devastadores no que diz respeito ao aspecto individual e familiar, visto que atinge todos que rodeiam o alcoólico, e a abstinência é o alvo a ser atingido, ou seja, manter-se sóbrio por mais 24 horas. Assim sendo, o lema do grupo é: “Só por hoje não bebi”.

Masur (1988) diz que AA costuma comparar a situação do alcoólatra à do diabético: o organismo do sujeito diabético tem incompatibilidade com o açúcar e o do sujeito alcoólico, com o álcool. Por ser difícil de controlar, AA defende que não há possibilidade de um alcoólico voltar a beber socialmente; por isso, ele deve evitar o primeiro gole, contando com o apoio dos demais membros. Assim sendo, a irmandade defende que o alcoólico manifesta uma alergia ao álcool e que, com o hábito de beber, percebe que não consegue parar, perdendo a confiança em si mesmo, desajustando-se, provocando problemas difíceis de solucionar.

Alcoólicos Anônimos acredita que somente o próprio sujeito pode saber se é ou não alcoólatra. Existem aqueles que procuram AA somente depois de tornarem-se marginais, ladrões, mentirosos e assassinos, enquanto outros, mesmo sem histórias dramáticas, procuram a ajuda da irmandade. Em *Livro Azul* (1994), a irmandade sugere uma classificação dos alcoólicos. Há os psicopatas, aqueles volúveis emocionalmente, que fazem planos para parar

---

Espanha não foge aos princípios de uma reunião no Brasil. O que diferencia um grupo de outro são questões de ordem infra-estrutural: um prédio é maior que outro, ou mais ventilado, mais confortável etc. Apesar da unidade, cada grupo é autônomo para decidir assuntos internos. A unidade e a autonomia dos grupos estão presentes nas Doze Tradições.

de beber, mas não conseguem realizá-los; há também aqueles que não admitem a impossibilidade de beber, passando a planejar formas diferentes de beber, outras marcas de bebidas, outros ambientes. E existe ainda aquele que crê poder voltar a beber depois de um longo período sem bebidas. Para AA, todos estes sofrem do mesmo problema: ao beber, sentem ânsia de tomar mais bebida, provocada por uma manifestação alérgica cujo único remédio é a abstenção total, pois há entre eles a crença de que ninguém é meio alcoólico, ou é, ou não é alcoólico, não bastaria diminuir a quantidade de bebida, nem alternar os dias para beber (álcool), uma vez que o alcoólatra sempre ultrapassa os limites. Assim, afirmam (44 PERGUNTAS, 1993, p.07):

A resposta baseada na experiência de AA é que, sendo você um alcoólico, jamais poderá controlar a sua maneira de beber durante períodos apreciáveis. Isso deixa aberto dois caminhos: permitir que suas bebedeiras se tornem progressivamente piores, com todas suas terríveis conseqüências, ou abster-se completamente do álcool e desenvolver um novo método de viver construtivamente.

Campos (2005) questiona a literatura de AA, que não deixa claras as causas do alcoolismo; há, na verdade, total ausência de um discurso etiológico, enfatizando estratégias terapêuticas para se chegar à abstinência do álcool. Barros (2001, *apud* CAMPOS, 2005, p.52) esclarece dizendo:

O AA não se questiona sobre as causas de sua doença, não questiona se há diferenças entre alcoolismo primário e alcoolismo secundário, não questiona se há alcoólatras que podem voltar a beber socialmente, não questiona qual é o momento em que o alcoólatra deve parar de beber e, sobretudo, não questiona jamais a eficácia de sua filosofia de recuperação.

Além disso, Campos (2005) critica ao dizer que, para AA, não há necessidade de discorrer sobre o alcoolismo, mas apenas do agir, mostrar que o alcoólico deve evitar o 1º gole. No entanto, isso não quer dizer que não haja em AA um contorno de uma teoria da doença do alcoolismo, com uma terapia para solucionar o problema.

Para se tornar membro de AA, é necessário apenas procurar um grupo local e assistir às reuniões, cujo dia e horário variam de acordo com o grupo, visto que não é necessário preencher ficha, nem pagar mensalidades. Muitos chegam a AA através do Escritório de Serviços Gerais, que indica um grupo local para estes que desejam sinceramente parar de beber. Outros são encaminhados a um grupo por um familiar, um amigo ou um médico. É importante saber que AA não faz campanhas para conquistar adeptos. Depois de assistir às

reuniões, se o alcoólico decidir não voltar ao grupo, ninguém insistirá pelo contrário.

Em geral, os encontros ocorrem duas vezes por semana, durante duas horas cada um, em reuniões abertas para qualquer pessoa interessada no programa. Não há necessidade de convite, nem de identificação para assisti-la, apenas a obrigação de não divulgar o nome das pessoas presentes na reunião. Em uma reunião aberta típica, há um coordenador, que coordena a sessão, e oradores<sup>12</sup>, que são membros de AA, que se prontificam a depor e contar suas experiências de alcoolismo ativo, de como chegaram à comunidade e de como interpretam o programa de recuperação, e que compartilham a sobriedade com os demais alcoólicos na cabeceira-de-mesa<sup>13</sup>.

A estas reuniões, os AAs são convidados a levarem os familiares para também conhecerem o programa de recuperação, pois pode ser mais um fator a ajudá-los a atingir a sobriedade. Além disso, os membros não são obrigados a assistir a um número fixo de reuniões, mas AA esclarece que “a qualidade da sobriedade sofre um abalo quando eles permanecem afastados das reuniões por muito tempo” (44 PERGUNTAS, 1993, p.21). Entretanto, AA afirma que não há necessidade de participar das reuniões pelo resto da vida, pois

o membro de AA que deseja fazer o possível para assegurar a sua sobriedade hoje, provavelmente continuará assistindo às reuniões. Mas seu comparecimento terá sempre por base o cuidado com sua sobriedade imediata. Enquanto encarar AA, dessa forma, nenhuma atividade, mesmo o comparecimento às reuniões, jamais se assemelhará a longo prazo.

Dessa forma, a irmandade não exige a presença do membro nas reuniões, embora a literatura do grupo sugira a necessidade de freqüentá-las regularmente, pois defende que a sobriedade sofre abalo quando o alcoólico se ausenta da sala de AA. Talvez por haver a crença entre os AAs de que é através da audição das experiências étlicas dos membros que estes permanecem abstêmios. Além disso, não se pode nunca falar em sobriedade a longo prazo, de acordo com AA, uma vez que a sobriedade é alcançada continuamente e a cada 24 horas, ou seja, é uma sobriedade imediata.

---

<sup>12</sup> O coordenador do grupo nomeia aqueles que depõem de oradores. Além deste termo, utilizaremos nessa pesquisa para designá-los o termo “depoente”.

<sup>13</sup> O alcoólico relata suas experiências em reuniões abertas ao lado da mesa do coordenador da sessão, cabeceira-de-mesa, para um auditório formado por AAs.

Há ainda as reuniões fechadas, que são exclusivas aos membros de AA, em que o coordenador pode estabelecer uma temática, mas, em nenhum dos dois tipos de reunião, o alcoólico é obrigado a estar presente.

#### 4.3.2. O programa de recuperação de AA

Para AA, todos os alcoólicos são passageiros de um grande navio após serem salvos de um naufrágio, em que o que é primordial é o estar junto para encontrar uma solução comum para o problema. De acordo com a literatura do grupo, o alcoolismo é uma doença que envolve todos os que rodeiam os AAs, que traz ressentimentos, desgosto para familiares, amigos, empregadores, e que pode ter uma solução ao confiar em um outro alcoólico. Nestes termos, o fim do problema está na identificação entre os alcoólicos, na troca de experiências entre eles. No trecho baixo, fica claro que um alcoólico identifica outro e que, a partir do momento que integra o grupo, deve ajudar outros alcoólicos a parar de beber, deve passar a mensagem de AA para frente.

Que o homem que está abordando o alcoólatra já passou pelas mesmas dificuldades, que evidentemente sabe do que fala, que todo seu comportamento grita ao novato que este homem está realmente com a solução, que ele não toma o papel de um evangelista, que só abriga o desejo sincero de poder ajudar; que não há mensalidades a pagar, nem necessidade de dar satisfações a ninguém, nem obrigação de agüentar sermões – estas são as condições que têm dado resultado para nós. Depois de uma abordagem desse tipo, muitos se levantam das camas para andar novamente. (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 1994, p.38)

A irmandade sugere ainda algumas estratégias terapêuticas para ajudar o alcoólico a atingir a sobriedade e a sair do “fundo do poço”. Os Doze Passos representam a essência do programa de recuperação de AA. Segundo a literatura de AA, estes passos foram elaborados com base nos acertos e fracassos dos primeiros membros e que aqueles que os seguem sinceramente, que os praticam cotidianamente, têm maiores chances de permanecerem sóbrios. Mota (2002) salienta que estas estratégias possuem preceitos da medicina, da religião e da própria experiência dos membros e divide-os em decisão, do 1º ao 3º passos, em ação, do 4º ao 9º passos, e, em manutenção, do 10º ao 12º passos, como veremos a seguir.

1. Admitimos que éramos impotentes perante o álcool - que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.

Para iniciar o programa de recuperação, o alcoólico tem que reconhecer que tem a doença do alcoolismo. Doença progressiva e incurável, cujas causas não são discutidas com afinco na literatura do grupo, mas que pode ser controlada por meio do programa de recuperação. Segundo AA, ser doente não é um pecado, mas os AAs têm que assumir a doença, reconhecer que não têm escolha perante o álcool e desejar veementemente parar de beber.

Conforme Bernardino (2000, p.60), durante o processo de surgimento e consolidação da irmandade, este passo não foi bem aceito pelos membros porque exigia o reconhecimento da impotência e fracasso pessoal do alcoólico. Por isso, aqueles que assumiam o fracasso eram normalmente pessoas que já haviam perdido tudo, família, amigos, emprego, ou seja, somente aqueles cujas histórias são dramáticas.

Com o desenvolvimento e a expansão da irmandade, dela aproximaram-se outros alcoólicos portadores de casos menos dramáticos. Para estes que ainda não haviam chegado ao fundo do poço, era mais difícil, ainda, aceitar a realização do primeiro passo. Para convencê-los, os primeiros membros dos alcoólicos Anônimos (...) sedimentaram a idéia de que somente o depoimento detalhado de suas experiências com o alcoolismo poderia funcionar como argumento capaz de atrair estes membros novatos sem que antes eles tivessem que necessariamente chegar ao fundo do poço, ou, ao menos, que o fundo do poço se tornasse mais raso.

2. Viemos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade.
3. Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos.

O segundo e o terceiro passos estão interligados. Deixam claro que, nesta batalha de conquista da sobriedade, o alcoólico deve entregar sua vida a Deus, que o conduzirá. Para AA, esta experiência parece impossível para aqueles que se consideram ateus ou agnósticos, mas as experiências em AA mostram o contrário. Cerca de metade dos primeiros membros de AA pertencia a essas categorias, mas que, depois de algum tempo, reconheceu que era necessário uma base espiritual na vida para guiá-los. No trecho seguinte, extraído da "bíblia" da irmandade, AA esclarece a necessidade de haver um Poder Superior que conduza a vida dos alcoólicos.

Falta de poder, esse era o dilema. Seria preciso um poder mediante o qual pudéssemos viver e teria que ser um Poder Superior a nós mesmos, evidentemente. Porém onde e como encontrá-lo? (LIVRO AZUL, 1994, p.62)

É para isso que AA publica o *Livro Azul* (1996, p.63), para ajudar o alcoólico a encontrar o Poder Superior. Como AA não mantém vínculo com nenhuma religião, o Deus de AA é concebido de acordo com a espiritualidade de cada alcoólico ou ainda com a própria irmandade. No excerto abaixo, Deus é descrito como acessível a todos que o busquem com sinceridade.

Compreendemos, então, que Deus não impunha condições árduas aos que em verdade O buscavam. Para nós, o reino do espírito é amplo e espaçoso; nele não está vedada nem restringida a entrada aos que O busquem sinceramente. Está aberto, acreditamos, a todos. Portanto, quando falamos de Deus, referimo-nos à própria concepção de cada um.

**4. Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos.**

Trata-se de uma auto-análise minuciosa, com honestidade, procurando os defeitos de caráter, aqueles que levaram o alcoólico ao fracasso. Os AAs acreditam que o defeito está no ego e em suas várias manifestações. Segundo Mota (2002), os alcoólicos em recuperação aborrecem-se quando chegam a esse passo, por acharem desagradável recordar estórias tristes de alcoolismo.

**5. Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas.**

Este passo é o da confissão. De acordo com Mota (2002), uma vez já feito o inventário, a fase seguinte é confessar, revelar sua vida íntima. Em clínicas de recuperação de dependência química, este passo é realizado antes da alta do paciente, para que provoque sensação de alívio.

**6. Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.**

**7. Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições.**

Relacionam-se novamente à entrega a Deus para que Este elimine os defeitos de caráter do alcoólico. Mota (2002) acrescenta que os alcoólicos não desejam de todo o fim dos defeitos, pois isto os elevaria à condição de santos.

8. Fizemos uma relação de todas as pessoas que tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados.
9. Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-lo significasse prejudicá-las ou a outrem.

Com estes passos, o objetivo é pedir desculpas, corrigir os danos causados a pessoas inocentes. AA recomenda que seja feito com sinceridade, evitando promessas infundáveis. É relevante frisar a interferência do discurso moralista nestes passos, que dita a conduta humana como certa e errada.

10. Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.

É a continuação do quarto passo. Realiza-se um inventário pessoal, relembra-se o passado doloroso de alcoolismo ativo e, quando errado, deve-se admitir o erro. É importante lembrar que o inventário pessoal deve ser continuamente feito, pois alcoolismo é incurável, na concepção de AA, mas pode ser controlado. Neste termo, o tratamento deve ser feito todos os dias.

11. Procuramos, através de prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade em relação a nós, e forças para realizar essa vontade.
12. Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a esses passos, procuramos transmitir essa mensagem aos alcoólicos e praticar esses princípios em todas as nossas atividades.

Retoma a crença no Poder Espiritual e recomenda ao alcoólico anônimo que, após ter tomado conhecimento do programa de recuperação e ter parado de beber, tem a obrigação de

passar para outros alcoólatras esta mensagem, ajudar outros alcoólicos a tornarem-se sóbrios.

#### 4.3.3. A relação interdiscursiva em AA: religião, medicina e moral.

A irmandade AA surgiu na década de 1930, mas, antes disso, seus membros-fundadores, Bill e Dr. Bob, freqüentaram o Grupo Oxford, que tinha como objetivo principal, de acordo com Bernardino (2000, p.51), “a disseminação de valores espirituais universais na vida diária”. Bill, superintendente de uma escola dominical, freqüentou o Grupo por cinco meses, enquanto Bob, por dois anos e meio, passou a ler a Bíblia e a cultivar o hábito de rezar, apesar de não assimilar a concepção do Grupo. Ambos estavam convencidos de que a resolução de seus problemas estava na Bíblia, em que era primordial a leitura do Sermão da Montanha, o décimo-terceiro capítulo da Primeira Epístola aos Coríntios e a Epístola Universal de Tiago. Os dois juntavam-se a outros alcoólatras diariamente para discutir os ensinamentos bíblicos, surgindo, a partir daí os Doze Passos, considerados a base de todo o programa de recuperação do alcoolismo, baseados na experiência dos primeiros membros. Dos Doze Passos, sete (1º, 3º, 5º, 6º, 7º, 11º, 12º) apresentam referência a Deus ou ao despertar da espiritualidade, em que os AAs assumem impotência perante o álcool e crença em um Poder Superior capaz de devolver-lhes a sanidade e remover-lhes os defeitos de caráter. Dr. Bob (1997, p.19), abaixo, afirma que sua sobriedade foi concedida por Deus, mas, em nenhum momento, pode vangloriar-se por isso, apenas sentir-se grato:

Não acredito ter direito algum de me vangloriar por ter alcançado a sobriedade. Apenas pela graça de Deus eu consegui. Posso-me sentir muito grato por me ter sido concedido este privilégio. Posso ter contribuído de algum modo para ajudar, mas, basicamente, tudo aconteceu graças a Sua bondade. Se minha força vem d’Ele, quem sou eu para me vangloriar? Eu deveria ter uma atitude muito, muito humilde para com a fonte de minha força; jamais deveria deixar de ser grato por quaisquer bênçãos que recaiam sobre mim. E eu tenho sido abençoado em grande escala.

Percebe-se que indícios de religiosidade estão presentes no texto, embora a irmandade não esteja ligada a nenhuma religião, em que há a imposição de uma crença religiosa, mas de um grupo em que se encontram católicos, protestantes, judeus, agnósticos etc. Para AA, o programa de recuperação de alcoólicos está ligado inegavelmente à aceitação de alguns valores espirituais, que cada membro pode interpretar de acordo com seus valores ou mesmo não lhe dar importância. Dessa forma, a concepção do Poder Superior varia, sendo interpretado como sendo o próprio grupo de AA ou Deus, na forma em que o concebem, ou ainda uma força espiritual motivadora da recuperação. No trecho que se segue, extraído de um

depoimento de um membro de AA, o narrador esclarece como o Poder Superior e a fé estão atrelados ao grupo e a seu funcionamento. Vejamos:

Então uma irmandade dessas que já salvou milhões e milhares de pessoas, homens e mulheres no mundo, nesse planeta, né? Isso só pode ser o Poder Superior de Deus, né? Aqui no grupo São Vicente, essa reunião sagrada, aqui, os olhos de Deus, né? O AA, como todo mundo sabe, né, não tem vínculo a religião, mas temos que agradecer aquela chance dada para nós. A função da fé, todos nós sabemos esse valor e assim vai de acordo com a realização do grupo. (DEP 11)

No entanto, em outro trecho, percebemos que o Poder Superior é visto como uma força espiritual, que se manifesta por meios dos AAs. Verificamos que o narrador sugere aos demais membros que sintam o Poder Superior, que abram o coração e o deixem manifestar-se através deles, por meio dos depoimentos, do discurso, no ato de depor, visto ser considerado importante para a recuperação dos AAs. Trata-se de uma força, de algo que emana de si e que deve ser sentido pelos membros do grupo.

... quando aqui (no momento de depor), deixe o Poder Superior operar em você, deixe que ele opere. Abra seu coração e sua mente e deixe Deus falar por você. Deixe ele colocar as palavras na sua boca que ele vai colocar muito, muito e você passa a noite todinha aqui, falando, por quê? Porque as palavras vêm, as palavras vêm. (DEP 06)

Há ainda casos em que o Poder Superior é interpretado como um espírito que surge dentro da irmandade, que só existe dentro do grupo, a partir da reunião dos membros, da troca de experiências entre eles e do desejo de parar de beber e restituir suas vidas, derrotadas pelo álcool.

Puxa vida, e como eu sou feliz de ter chegado nesse programa. Eu conheço através do amigo (\*\*\*)<sup>14</sup>, a gente viajou, a gente viaja muito por aí, a gente conhece várias coisas, vários grupos, várias formas de fazer AA, várias formas de religião, mas eu não conheço nada mais belo, nada mais rico, nada mais sublime do que a mais simples sala de AA. Pra ser específico, essa sala. Eu não conheço dentro do ambiente de Alcoólicos Anônimos um ambiente mais espiritualizado, mais harmonizado do que esse pequeno espaço do grupo São Vicente, porque aqui emana uma força superior que nós não conseguimos ver, nós não conseguimos enxergar esse Poder Superior porque nós tamo muito, mas muito além desse conhecimento. (...) ... porque todas as vezes que eu vejo alguém chegando pedindo pra ingressar no AA, aquilo é um espírito novo. (DEP 13)

---

<sup>14</sup> Serão usados asteriscos (\*\*\*) para omitir nomes citados nos depoimentos.

Há também aqueles que compreendem o Poder Superior como algo além de uma força que apenas pode ser sentida; referem-se a um espírito, um ser concreto, quase palpável, capaz de determinar suas vidas, de guiá-los para o caminho do bem e com o qual podem conversar.

Quando Deus dá oportunidade que está me dando hoje e como tem dado a cada um dos companheiros que estão aqui no grupo de receber o nosso companheiro que está chegando... (DEP 06)

Só, meus companheiros, que eu chegava ali, no grupo Santa Fé, naquela tarde de domingo, arrasado psicologicamente, vivendo a vida toda por água abaixo, tudo acabado. Aí, Deus disse assim: “vá pra lá, que eu vou determinar o anjo”. Aquele amigo tava lá (...) e colou em mim. (DEP 07)

De acordo com Mota (2002, p.74), a concepção desse Poder Superior, na verdade, é de

(...) um Deus amoroso e não punitivo, como apresentado no Antigo Testamento. Nem tampouco é concebido como “proibido ou quase inatingível”, mas algo que pode ser contactado por qualquer pessoa, a qualquer momento, bastando somente a sua “boa vontade” e “entrega” para que isso venha a realizar-se. Para AA, não é Deus que se afasta dos homens ou deles se esquece; ocorre justamente o contrário. É ressaltado também que o alcoolismo “ativo” é incompatível com a verdadeira fé.

Em sua pesquisa, Mota (*op.cit.*) entrevistou membros de grupos de AA, na cidade de Fortaleza (três grupos no bairro Centro, três, na Aldeota, um, na cidade 2000, um, na Volta da Jurema, um, no São João do Tauape, um, no Papicu) e verificou que 73% dos entrevistados admitiram fazer parte de uma congregação religiosa. 49% dos entrevistados consideram o Poder Superior como uma força divina presente em AA e 32% concebem o Poder Superior como Deus da doutrina cristã. Há ainda aqueles que trocam o grupo por uma determinada religião, abandonando as reuniões.

Percebemos, ainda, em alguns outros depoimentos, uma forte influência religiosa, a aceitação de Deus ou de um Poder Superior, indissociável da “cura” da doença alcoolismo. Os AAs acreditam que é somente pela aceitação de Deus que se tornarão abastêmios, pois é Deus quem fará esta interferência em suas vidas, quem concederá o “milagre” da recuperação; é através dele que se chega ao cessar da bebedeira, e, sem ele, o caminho a ser percorrido torna-se mais árduo. Vejamos alguns trechos que exemplificam isso:

Mas Deus é magnânimo e faz verdadeiros milagres e a gente fica recuperado e eu tô muito feliz de ver adentrando hoje à noite aqui. (DEP 05)

O amor é um estado essencial pra não cair num buraco e arrebentar o carro, né? E eu acredito no Poder Superior porque ele me salvou, porque eu tenho certeza se eu

tivesse continuado nas minhas bebedeiras eu já tinha partido para outra vida há muito tempo. (DEP 11)

Isso se torna claro ao percebermos o quanto é fundamental para os AAs agradecer a Deus pela conquista. Ele é sempre lembrado como um ser que interferiu na recuperação do doente e, por isso, deve receber os agradecimentos. Além disso, é a Ele que os AAs sempre recorrem para permanecerem sóbrios e conquistarem mais 24 horas de sobriedade, uma vez que sozinhos essa tarefa torna-se mais difícil.

Agradecer a Deus por me manter sem beber nenhuma bebida que contém álcool e nenhuma substância química. Pra mim, é o motivo de mais alegria e mais feliz também por eu fazer parte dessa descoberta, né?. (DEP 04)

... eu sou um alcoólatra em recuperação. Agradecendo ao Poder Superior por hoje ele tá me mantendo sóbrio e ter me dado mais uma oportunidade na minha vida de eu participar de uma reunião de Alcoólicos Anônimos. (DEP 06)

A gente (a família) vive em harmonia. Pra mim, isso é a melhor coisa do mundo, por isso que eu volto aqui, pra agradecer. Porque ficar em casa num dá em nada. Então eu venho aqui agradecer a Deus, a vocês. Porque só, rapaz, é difícil parar de beber e eu tenho certeza que eu não parava, né? E hoje eu tenho que agradecer muito. Por isso vou pedir a Deus que nos conceda mais 24 horas. Muito obrigada. (DEP 18)

Apesar de AA não está ligado a nenhuma religião, clérigos de todas as religiões concedem bênção para a irmandade e vêem inclusive princípios cristãos, como mostra a revista episcopal *The Living Church* (*apud* Alcoólicos Anônimos, 1994, p.181-182).

A base da técnica de Alcoólicos Anônimos é o princípio verdadeiramente cristão segundo o qual um homem não pode ajudar a si mesmo a não ser ajudando os outros. Auto-seguro é o nome que os próprios membros de AA dão a seu plano de ação. Este auto-seguro tem resultado no restabelecimento da saúde física, mental e espiritual, bem como dar dignidade de centenas de homens e mulheres que, não fosse por esta terapêutica singular e eficiente, estariam irremediavelmente perdidos.

Assim, podemos observar no trecho que se segue, que a ajuda dos companheiros é importante para a recuperação do alcoólico e que essa ajuda é dada de graça, sem objetivos de retorno:

No AA, o mundo é divino, isso aqui é sublime, (...), vocês dizendo a verdade, recuperando o outro sem interesse nenhum em termo material ou financeiro, a não ser a felicidade espiritual. Isso aqui, meus amigos, isso aqui é lindo demais, isso aqui quem criou foi Deus, o AA não foi formado, aconteceu. (DEP 05)

É importante salientar que, por não manter nenhum tipo de ligação com nenhuma religião, a irmandade agrega pessoas de diversas crenças, inclusive ateus e agnósticos, que,

muitas vezes, recusam-se a crer num Poder Superior. Foi por causa dessa dificuldade que surgiram grupos como AA Sobriedade, grupo on-line de Alcoólicos Anônimos que se formou a partir do desejo de dois alcoólatras em recuperação de reunir alcoólicos agnósticos. De acordo com Bernardino (2000), ambos tinham dificuldade de aceitar o “excesso” de religiosidade nos grupos de AA e, por se considerarem membros agnósticos de AA, decidiram formar uma sala de bate-papo em uma página da internet em que reunisse todos os que tivessem o mesmo inconformismo. Entretanto, apesar da ausência de religiosidade, de acordo com a autora, o grupo on-line mantém os mesmos objetivos de grupos presenciais de AA.

O discurso médico também está presente no discurso de AA. Segundo a literatura do grupo, desde os primeiros dias, a irmandade possui o apoio da comunidade médica, assim como destaca o depoimento do Dr. Foster Kennedy, neurologista, presente em Alcoólicos Anônimos, que afirma que a irmandade agrega duas grandes forças, a religião e a ligação entre os semelhantes (1994, p.179):

“Esta organização dos Alcoólicos Anônimos apela para duas das maiores reservas de força conhecidas pelo homem – a religião, e esse instinto de ligação com os semelhantes (...) o “instinto gregário”. Creio que nossa classe deve tomar grato conhecimento dessa arma terapêutica. Se assim não fizermos, seremos culpados de esterilidade emocional e condenados por ter perdido a fé que move montanhas, sem a qual pouco a medicina pode fazer.”

Apesar desse apoio, não há na literatura da irmandade uma discussão acerca das causas do alcoolismo. De acordo com Campos (2005), não há necessidade para os AAs discutir sobre as razões do alcoolismo, mas sobre a necessidade de agir, evitando o primeiro gole, seguindo os Dozes Passos e transmitindo a mensagem de AA para outros alcoólicos. O autor defende que, apesar dessa ausência, é possível contornar uma teoria acerca da doença, “definindo a maneira como seus membros entendem a “doença do alcoolismo” e, ao mesmo tempo, como identificam a si mesmos como “doentes alcoólicos” e traçam uma estratégia terapêutica para seu mal.” (CAMPOS, 2005, p.53). Nas citações abaixo, os narradores demonstram ter o mesmo discurso do grupo, apresentando o alcoolismo como doença, mas sem questionar tal conceituação.

Não sabendo, nem tão pouco conhecendo que o alcoolismo é uma doença, né? Essa derrota, essa sarjeta tudo traz, esse fundo do poço, né? E álcool pois dá essa transformação à gente. (...) Não tinha conhecimento, não sabia de nada. Só vim realmente reconhecer e descobrir o problema que o álcool nos trazia, que carrega para o ser humano depois que eu conheci a irmandade AA, né? (DEP 04)

Há muitos anos, muito cedo, eu me tornei um bêbedor. Há pessoas que podem beber, outros não podem beber. Eu sou essa pessoa que nunca devia ter experimentado bebida. Por que depois que eu passei a me comandar, a bebida, para mim, era como se eu pegasse um fio descascado, era cair. Reconhecidamente, a irmandade me mostrou que o alcoolismo é uma doença e eu sou portador dessa doença. (DEP 10)

Além disso, percebemos que os alcoólicos, antes de entrar em AA, não concebem o alcoolismo como doença. É a partir da entrada no grupo que o conceito da doença alcoolismo começa a ser traçado e incorporado pelos membros, como algo incontrolável, devastador, que destrói a vida do bebedor, carrega-a para uma condição humana mínima. Essa concepção de alcoolismo mostra-se, na verdade, como um “atrativo” ou, pelo menos, como um consolo, pois os alcoólicos passam a ter uma outra visão de si mesmos, uma visão menos negativa, visto que, antes de conhecer o grupo, ouviam de não-AAs sobre seus atos de beber como vagabundagem, malandragem, sem-vergonhice, passando a ser desprezados, humilhados e vistos como não-cidadãos, conforme demonstra as citações seguintes:

Mas a sociedade taí pra conceituar e não aceitar o alcoólatra como doente. O cara bebe porque é sem vergonha, é desqualificado, num tem cidadania, num tem coragem, num tem amor próprio. Uma série de adjetivos que não tem qualificação, que é colocado na pessoa que tá bebendo. (DEP 05)

Por isso, meu caro visitante que está aqui nessa sala, saia daqui com esta consciência. Eu não sou sem-vergonha, eu não sou o que as pessoas dizem af de mim. Eu sou apenas portador de uma doença chamada alcoolismo. E alcoolismo como doença ele não tem cura. É uma doença incurável, é uma doença progressiva, irreversível e tem suas fatalidades. (DEP 06)

Há ainda AAs que, para se referirem aos efeitos nocivos da doença e seu caráter destruidor, preferem metaforizar, como ocorre abaixo:

Porque o álcool é muito violento, rapaz. Pra mim, o álcool é como o Mik Ty<sup>15</sup>, eu num agüento nem um segundo perto dum homem daquele. É porque é pesado, né, rapaz, o alcoolismo. Se meteu com ele, num quer saber, não, negócio de formatura, negócio de ser gordão ou não. (DEP 19)

A maioria deles, na verdade, tem dificuldades de aceitar o alcoolismo como doença, de se encarar como doentes, recusando-se a freqüentar a irmandade por não acharem que pertencem ao grupo de bebedores que não têm controle sobre a bebida. Sempre pensam que podem parar de beber quando quiserem, que o álcool não os controla, não comanda suas vidas para um estado degradante, mas, para entrar em AA, é necessário, primeiramente, reconhecer que chegaram ao fundo do poço e que carregam consigo um problema, como preconiza o passo número um do tratamento. Abaixo, o narrador afirma que sentiu dificuldade de assumir

---

<sup>15</sup> O narrador se referia a Mike Tyson, norte-americano, ex-lutador de boxe.

a derrota, o desequilíbrio perante um gole de bebida alcoólica, considerando tal fato como coisa de menina.

Até que a admissão não venha a ser concretizada, que sempre o álcool ele nos proporciona essa derrota, esse desequilíbrio, essa falta de aceitação porque o alcoólico em si, falando por mim, fica difícil da gente ter essa aceitação com a gente. (...) Então, é difícil essa parte aí, né? Não aceitar só sua derrota, como o seu desequilíbrio total de que realmente é um derrotado perante a fábrica, não perante o bar, não perante a... e sim perante só o primeiro gole, por pequeno que ele seja. (...) Porque o orgulho, a prepotência, o orgulho fala mais alto, né? “Conversa é essa, ser um derrotado perante um golivê de cachaça, tá vendo que isso é história por aí, isso é conversa de menina (com raiva)” e fica difícil porque o orgulho, falando por mim, eu pra aceitar a derrota, seja qualquer derrota, seja qualquer problema, não é muito fácil, não, sabe? (DEP 04)

AA considera o alcoolismo uma doença incurável, decorrente de uma combinação de sensibilidade física ao álcool com uma obsessão mental, que tem como única “saída” a abstinência total de bebidas alcoólicas. Defende, ainda, que se trata de uma doença diferente de outras doenças incuráveis, pois não é uma doença individual, mas que envolve todos do círculo de relações familiares do alcoólico, que não compreendem a dependência, destruindo os lares em que se faz presente. A seguir, o orador fala ao auditório, em especial ao visitante, que o alcoolismo é uma doença diferente das demais, pois o alcoólico não tem a compaixão dos familiares, ao contrário, recebe o desprezo.

Que ele (o visitante) saia daqui consciente como uma pessoa... que o alcoolismo não é nada mais nada menos que uma doença. Só que é uma doença que é diferente das outras doenças, doença que quando o doente tá doente a família chega perto dele. Todo mundo tem pena dele, todo mundo tem dó dele, todo mundo quer vê ele curado. E o alcoólatra não. O portador do alcoolismo é diferente. A primeira coisa que a família faz é desprezar ele. (DEP 06)

Para tratar-se desse mal, é necessário seguir os Doze Passos, elaborados sob a ótica religiosa, médica e moral. É relevante também ter consciência de que o tratamento é feito diariamente, a sobriedade deve ser conquistada dia-a-dia, por isso a importância das 24 horas de sobriedade na vida no alcoólico. Segundo eles, essas 24 horas somadas a infinitas 24 horas constituirão a vida longe do álcool. Assim, esclarece a depoente seguinte que o método que os AAs usam é o de 24 horas de abstinência de cada vez.

24 horas, um dia sem beber é o método que a gente usa pra não beber hoje. E cada dia que me acontece o tempo vai passando. (DEP 02)

Além disso, os membros da irmandade acreditam que é fundamental também freqüentar as reuniões do grupo, compartilhar com os companheiros seus problemas e, mais do que tudo, ouvir suas histórias, trocar experiências para reafirmar a sobriedade e relembrar todas as mazelas por que passaram para não terem chances de recaídas. Assim, na concepção de Fabrício (2006, p.193), essas narrativas seriam o resultado de um processo de interpretação em que os narradores “criam inteligibilidade sobre os eventos, organizando-os retoricamente e impondo-lhes significado.” Nos trechos abaixo, os narradores demonstram a importância de estar em AA, compartilhar com seus companheiros experiências e, acima de tudo, lembrar o que passaram enquanto alcoólatra para não voltar a beber.

Todo cuidado é pouco. Eu vejo que é necessário que eu volte às reuniões. Quando eu volto às reuniões parece que algo acontece que faz com que eu volte de novo. É eu me encontrar com meus companheiros que faz eu lembrar a data da minha chegada. 24 horas, um dia sem beber é o método que a gente usa pra não beber hoje. (DEP 02)

Eu não sabia até que ponto o álcool poderia me levar e eu digo hoje ele poderia ter me levado à morte. Eu tenho seis recaídas, depois de seis recaída, eu vim entender alcoolismo como doença e não posso, não quero e não devo beber. (...) ... e eu estou me lembrando do meu passado pra que eu não possa voltar novamente a beber, porque, se eu beber, vai voltar tudo de novo, e pior. (DEP 15)

O ato de depor, embora não seja imposto pela irmandade, torna-se, então, primordial nesse tratamento, visto que eles se reconhecem ou reconhecem suas derrotas nas histórias dos colegas, conquistando novos adeptos (os visitantes) que os escutam e levando-os a refletir sobre a condição de ser alcoólico, extremamente sensível ao álcool. Para eles, somente um alcoólatra pode entender outro alcoólatra. É nesse sentido que Fabrício (2006) afirma que uma narração seria uma reconstrução da experiência que permite ao narrador e aos ouvintes construir um sentido para a existência e para a vida social. Trata-se de um re-experimentar, que faz com que os AAs rejeitem o passado e almejem um futuro longe do álcool. Abaixo, os depoentes deixam claro que o ato de narrar também é importante para conquistar novos membros, visto que somente um doente pode compreender outro doente, somente um alcoólico compreenderá outro alcoólico.

... a partir do momento que a gente consegue falar, a gente tá motivado a continuar sem beber. Quando falamos aqui é uma abordagem coletiva para que os companheiros que chega aqui sejam motivado a não mais beber e os que tá visitando seja atraído. Não de maneira obrigatória, mas de maneira transparente. (DEP 05)

Mas porque, meu caro visitante que está na sala, porque que você vai ter esse apoio dentro dos alcoólicos anônimos? Porque as pessoas que tão aqui, este que tá aqui falando pra você, eu sou alcoólatra. E só um alcoólatra pode entender um outro

alcoólatra (...) A sociedade hoje pode me compreender como cidadão porque não me vê bêbado, mas como alcoólatra, ninguém me entende, nem minha família entende (...). (DEP 06)

Assim, muitos deles chegam a crer que o remédio para a recuperação está na audição, na apresentação de suas histórias na cabeceira-de-mesa, formando uma espécie de terapia de grupo, em que todos se reúnem para trocar experiências, crescer também com as falhas dos companheiros. Abaixo, o orador afirma haver “um entrelace”, uma ligação entre os membros, um vínculo que se estabeleceu em virtude da doença alcoolismo. Mostra, assim, haver um sentimento de pertencimento ao grupo, em que um membro reconhece o outro também como membro e todos juntos buscam a solução para os problemas por meio das trocas de experiência, formando o que o narrador chama de “sala de psiquiatria”.

... estamos numa comunidade múltipla, nós tamos fazendo aqui um entrelace entre nós. Eu, sinceramente, eu considero isso aqui, companheiros, uma sala de psiquiatria, eu sou o paciente e vocês são o divã. Quando vocês tão aqui pra mim (na cabeceira-de-mesa) é o inverso, porque eu também me emociono em ver vocês falando, em ver vocês contando o que o álcool fez com vocês. (DEP 07)

O discurso da moral é outra presença na literatura de AA. De acordo com (Chaves, 2006), a moralidade está relacionada à conduta humana, ou seja, às ações que os seres humanos executam para alcançar um objetivo. Ela diz respeito à forma de considerar essas ações, como moralmente certa ou moralmente errada, mas nunca indiferente. O autor defende que este discurso é uma sub-modalidade do discurso prescritivo-normativo, que pressupõe normas de conduta, que são regras do que fazer ou deixar de fazer em sociedade.

Normas de conduta são determinações do que deve ou não deve ser feito em determinadas circunstâncias – e elas servem tanto para fazer com que alguém aja ou deixe de agir de determinada maneira ou para avaliar a ação, ou a omissão de ação, de alguém. Assim, o discurso prescritivo-normativo pode tanto prescrever uma ação ou um curso de ação que ainda não foi realizado como avaliar uma ação ou um curso de ação. (CHAVES, 2006, p.04)

Chaves (2006) deixa claro que estas normas e avaliações são de natureza diferente, podendo ser apenas conselhos de prudência, normas baseadas em usos e costumes e normas fundamentadas na lei. No programa de recuperação de AA, há bastante referência à conduta do ser-humano, em quatro dos Dozes Passos. “Fizemos uma relação de todas as pessoas a quem tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados” é o oitavo passo, que reprovava o *habitus* do alcoólatra, estabelecendo que todo o mal causado às pessoas que estavam próximas ao alcoólico deve ser reparado. No excerto seguinte, o narrador

demonstra preocupação em ter que seguir o oitavo passo do tratamento de recuperação. Reparar os danos causados a outrem também faz parte de um processo contínuo do tratamento.

E eu consultei o companheiro ali, até numa reunião temática, o oitavo passo, né? Para reparar os danos às pessoas que eu causei não posso acelerar não. E alguém pode até dizer assim: “rapaz só você tá tendo a intenção de reparar esses danos, pra mim, fique tranqüilo. É uma conquista. (DEP 02)

Influenciados pelo discurso da irmandade, os AAs costumam fazer uma avaliação de suas condutas, de suas atitudes durante a fase de alcoolismo ativo e sempre as reprovam por se desviarem dos padrões morais, dos costumes de nossa sociedade. Dessa forma, a avaliação e a rejeição do passado surgem em função do presente do alcoólatra dentro de AA, tendo em vista um futuro distante do indesejado. Após essa reflexão, tendem a ressentir-se, por isso que se torna fundamental reparar os males causados a outrem. Abaixo, o orador comenta um ato praticado contra um sargento do qual se arrependeu intensamente. Trata-se, segundo ele, da ressaca moral, que aquela provocada pelo arrependimento de ter cometido um ato reprovado pela sociedade.

Ora, eu de costa, talvez o sargento sorriu de uma piada que tava contando ali, aí acharam graça e eu (...) aí riram de novo, aí eu saquei do revolver, aí pá, pá, pá, no meio da rua. No outro dia de ressaca, aí é onde vem aquela ressaca moral miserável. (DEP 02)

Considera-se, dessa forma, que o discurso de AA está pautado na tríade discursiva religião, medicina e moral. Assim, nos discursos de AAs, encontra-se muita referência à Deus, sem determiná-lo dentro de uma religião, e que irá ajudar o alcoólatra a parar de beber, tornar-se um abstinente, embora a doença do alcoolismo, pouco problematizada pelo grupo, seja incurável. O passo seguinte é avaliar o passado, sob a ótica do presente, e reparar os danos causados às pessoas próximas.

#### **4.4. A recusa do estilo de vida do alcoólatra e a conquista da cidadania.**

Como já foi exposto na metodologia, nos depoimentos dos AAs, existem recorrências, repetições temáticas, embora cada membro possa trazer algo novo pelas experiências de vida diferentes. O retorno aos dramas vividos enquanto alcoólico ativo está sempre presente, uma forma de marcar o quanto sofreu, relacionando-se muitas vezes aos papéis sociais que

desempenham na sociedade e que foram atingidos pelo álcool. Em todos, os depoentes fazem análise de seu passado, repleto de tragédias, provocadas pelo álcool, e constroem discursivamente um presente diferente a partir do momento que entram em AA e tomam conhecimento do programa de recuperação, passando de uma existência ruim para uma melhor.

Como se percebe, há recorrência do conteúdo, uma rejeição ao passado dramático, sua negação ou reprovação, mas não seu esquecimento, pois lembrar os momentos ruins, textualizar as lembranças, é uma das formas de reafirmar a sobriedade. Nesse sentido, o *habitus* do alcoólatra, seu modo de agir e ser, é rejeitado por meio da tensão entre duas cenografias, uma de desequilíbrio, descaso, tragédia e angústia de um passado e outra de equilíbrio, responsabilidade e alegria de um presente conquistado e de um possível futuro, que é bastante almejado. Entretanto, a cenografia do depoimento ou de uma obra qualquer que surja dessa tensão, de acordo com Maingueneau (2001, p.131), “não é representável: só se oferece através do movimento da leitura”. São recorrentes, ainda, as temáticas de construção da pessoa alcoólica, das relações familiares, do trabalho e dos amigos e são elas que orientarão a análise das histórias, tomando como base as mudanças ocorridas na vida do alcoólico no processo de alcoolismo ativo à abstinência para se verificar a rejeição do *habitus* do alcoólatra e a tensão entre as duas cenografias, do passado e do presente do ex-bebedor, para construir uma imagem positiva de cidadão. É imperioso esclarecer que não aparecem em um depoimento todas as temáticas, mas uma e/ou outra.

#### 4.4.1. O ser alcoólico

Segundo Campos (2005), ao entrar em AA, torna-se possível para o alcoólico a construção de sua identidade, a partir da noção de pessoa alcoólica, em que o ex-bebedor toma consciência de si mesmo e da realidade em que vive, buscando sempre a recuperação. Para isso, o ato de depor é fundamental, pois os AAs textualizam suas histórias e refletem sobre suas atitudes e de seus companheiros, re-configurando suas experiências e projetando um novo sentido para o ser e para a vida em sociedade. O autor ainda assevera que a irmandade Alcoólicos Anônimos delineia uma representação do doente alcoólico em recuperação de forma positiva, diferentemente do pensamento médico-higienista, que reprova o bebedor e o estigmatiza.

Em AA, o bebedor não é visto como um “cachaceiro”, “desocupado”, mas como um doente, um dependente do álcool, de acordo com as diretrizes dessa irmandade, que precisa de um tratamento para se recuperar e poder reconquistar tudo o que perdeu durante a fase de alcoolismo ativo e que irá interferir diretamente nos papéis sociais que desempenha: as relações familiares, com os pais, a esposa/o marido, os filhos, o patrão e os amigos. Para Nova (1981, p.64), papel social “é o conjunto de expectativas de comportamento padronizado em relação a cada uma das posições (*status*) existentes em uma sociedade”. Assim, ao dizer que um ser desempenha papéis, diz-se que ele é um ator social. E todo papel social relaciona-se a outro papel social visto que só há o papel social de professor se houver o de aluno. Além disso, cada papel social pertence a uma instituição ou grupo, como, por exemplo, o papel de esposa, que pertence a um complexo de papéis constituído pela família. Ainda conforme Nova (1981), as expectativas de comportamento padronizado partem de outras pessoas que ocupam também o mesmo complexo: por exemplo, as expectativas de comportamento de uma professora partem de outras pessoas da escola, como diretora e alunos. Essas expectativas, segundo o autor, reduzem-se a normas que funcionam como direitos e deveres. Assim, as expectativas de comportamento de um aluno em relação ao professor são, simultaneamente, deveres para o professor e direitos para o aluno. Desse modo, o alcoólico, ao beber excessivamente e continuamente, perde o total controle de sua vida e não corresponde às expectativas, ficando impossibilitado de cumprir os deveres relacionados aos papéis que desempenha. Assim, o tratamento de recuperação do dependente tem como objetivo reconstituir físico e moralmente o ex-bebedor.

Iniciaremos esse contorno da pessoa alcoólica integrante de AA por meio da representação de bebida antes da entrada na irmandade. O álcool surge na vida de um alcoólico de forma moderada. Para alguns, ele representa um momento de lazer, de descanso, depois de um dia/uma semana de trabalho. Para outros, a causa por iniciar-se a beber é dada às influências, aos amigos de copo. Há ainda aqueles que vêem a bebida como um meio para a perda da timidez e a entrada em um mundo socialmente desejado pelos jovens, principalmente, com festa e mulheres. No depoimento a seguir, o ex-bebedor via a bebida como porta de entrada na sociedade e no trabalho, com apenas 18 anos de idade. Perdeu a timidez ao beber cerveja e conseguiu convidar uma garota para dançar. A partir desse momento, o orador sentiu-se melhor, ingressando na sociedade, fazendo-se presente.

E eu segui o seu conselho (beber para vencer a timidez), eu tomei o primeiro gole de cerveja, chamei aquela moça pra dançar... e interessante que, a partir daquele dia, foi como se eu tivesse tido uma grande descoberta na minha vida. Pronto! Meus problemas acabaram, quer dizer, a bebida, a partir de hoje, ela vai me ajudar eu me introduzir na vida, na sociedade, no trabalho, e logo, logo, com essa mesma idade, eu consegui um emprego. (...) Se abriu o universo da bebida na minha vida. (DEP 17)

Com o início da bebedeira, muitas vezes com bebidas de pouco teor alcoólico, como os fermentados, a vida do alcoólico tende a mudar aos poucos. A vida rotineira de trabalho e dedicação à família fica comprometida, e ele passa a sofrer alterações no modo de agir, decorrentes do uso excessivo de álcool. No trecho abaixo, o ex-bebedor esclarece como se deu o início do consumo da bebida e diz o quanto isso modificou sua vida, suas atitudes e inclusive o seu estado de saúde.

Então, meus companheiros, como eu já comecei a contar para vocês, eu começava a beber cerveja com coca-cola e eu dava o meu início às bebedeiras e me tornei um camarada irresponsável quando bebi no primeiro gole. Eu digo a vocês que eu perdi cerca de três empregos todos através das bebidas alcoólicas, né? Então eu digo a vocês que hoje em dia eu sou um camarada altamente nervoso devido as minhas bebedeiras... (DEP 08)

Em outro depoimento, o AA, guiado por um discurso moralista, relata que se torna outra pessoa no momento em que ingere a bebida, ficando “inconveniente”, “improdutivo”, e tomando atitudes reprovadas socialmente. Além disso, alega ser anormal ingerir bebidas alcoólicas e ressentir-se, ao dizer, que o homem é o único animal na natureza que paga para se auto-destruir.

Eu mudo até minha personalidade. É uma personalidade diferente. Eu vou agir de maneira errada. Vou-me tornar inconveniente, vou-me tornar improdutivo, talvez não chegue em casa porque erre o caminho, vou ser indelicado, vou-me agredir. (...) Mas infelizmente o homem é o único animal que paga para se auto-destruir. Porque tomar cachaça, cuspir, fazer careta, ralar os dentes é uma coisa terrível. Isso num é normal. (DEP 05)

Os AAs afirmam também que o álcool muitas vezes é ponte para outras drogas, como acontece no relato abaixo, em que o narrador afirma que iniciou a tomar comprimidos, Diazepan, por causa das bebedeiras.

Eu sei o tamanho da situação que passei por causa da bebida. E através de bebida alcoólica, eu me envolvi num bocado de dependências, certo? Pra vocês terem uma idéia até psicotótico eu fiquei dependente. (...) Ela (a mãe) tirou, olhou, era Diazepan. E já tava indo pro hospital, certo? (...) E o outro dia ela mostrou: “olha aí o que eu encontrei no seu bolso. Esse comprimido aqui é pra pessoas alvoroçadas”. (DEP 02)

Apesar de todas essas evidências da falta de controle sobre a bebida, os ex-bebedores têm dificuldades em aceitar que são dependentes. Consideram-se diferentes e sempre acham que podem parar quando quiserem embora isso não aconteça. Em várias narrativas, eles declaram que tentaram parar sem ajuda de AA ou de médicos, mas sempre era em vão. No trecho abaixo, o narrador diz que, quando ouviu pela primeira vez um depoimento de um membro de AA, recusou-se a aceitar que era alcoólatra, pois toda a tragédia que ouvira, inclusive rejeição da família e dos amigos, não havia acontecido com ele e ainda estava crente que aquelas mazelas só aconteceram porque os colegas não tiveram cuidado ao beber.

E eu saí daquela reunião certo de que nada daquilo que havia acontecido com aqueles companheiros ia acontecer comigo. Porque eu achava que eu era diferente. Aconteceu porque eles não tomaram cuidado. Então eu vi companheiros que passaram naquele dia que tinham mendigado cachaça, que tinham caído nas coxias, que haviam sido presos, que tinham sido rejeitados pela família, até mesmo pelos amigos, que tinham sido abandonados. Quer dizer, alguns deles que tinham-se formado farrapos e eu achei que aquilo não iria acontecer comigo. (DEP 17)

Dessa forma, torna-se problemática a recuperação do bebedor, pois, de acordo com AA, ele deve aceitar que tem um problema e que precisa de ajuda. Assim, os problemas do bebedor só tendem a aumentar, pois a bebida, aos poucos, destrói os laços familiares e o trabalho, desmoralizando-o perante a sociedade e acabando com sua constituição física. Assim, o ex-bebedor declara, no trecho abaixo, que ficou desmoralizado perante a família.

O alcoolismo é uma doença progressiva com aumento fatal. Mas antes de matar, ela desmoraliza. Isso que me aconteceu. Eu já tava desmoralizado. Quer dizer, com a minha família, com meus filhos, eu num tinha mais moral. (DEP 18)

Assim, o passo seguinte é aceitar a derrota perante o álcool, segundo AA, e procurar seguir o programa de recuperação da irmandade, que envolve a crença num Poder Superior, na reparação dos danos provocados às pessoas próximas e na abstinência a cada 24 horas. Frequentar as reuniões também faz parte do tratamento, pois, com a audição dos depoimentos dos alcoólicos, o bebedor se identifica com a história contada e se reconhece como doente. Este ponto é importante porque, ao se reconhecer como doente, o ex-bebedor dá a si uma visão positiva de seu problema, rejeitando os estereótipos acerca do alcoólatra: “o desocupado”, “o vagabundo”, “o cachaceiro”. De acordo com Amossy (2005, p.125), a estereotipagem “é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado. Assim, a comunidade avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ela difundida e no

interior da qual ela o classifica”. Essa estereotipagem pode ser positiva ou negativa e, de acordo com Nova (1981), refere-se sempre aos indivíduos de uma subcultura<sup>16</sup>. É o que ocorre, em geral, com as minorias étnicas, judeus, portugueses, etc. No caso dos alcoólatras, embora muitos não tenham chegado ao “fundo do poço”, com perda total de bens e do afeto de familiares, são vistos como vagabundos pelos não-AAAs, como se bebessem para passar o tempo, por *hobby*, sem questionarem o auto-controle dos viciados. No excerto seguinte, o ex-bebedor afirma que foi a irmandade Alcoólicos Anônimos que o fez reconhecer que é portador de uma doença e que precisa de tratamento, deixando entrever por sua narrativa que já incorporou o discurso da irmandade.

Reconhecidamente a irmandade me mostrou que o alcoolismo é uma doença e eu sou portador dessa doença. Feliz daquele que aqui chega e reconhece a si próprio que tem problema. E se tem o problema é render-se, é curvar-se e agradecer a irmandade por essa função especial: transmitir a mensagem. (DEP 10)

Com a entrada em AA, o esboço do que é ser alcoólico muda, pois sofrerá influências das diretrizes da irmandade. O alcoólatra pára de beber, seguindo os Doze Passos, e passa a ter em mente que precisa refazer sua vida. Então, a visão que ele tem de si torna-se positiva, embora continue a carregar consigo a doença incurável. Trata-se, assim, de um doente, que tem forte sensibilidade ao álcool e que precisa de tratamento. Neste último excerto, a narradora reconstrói a imagem de si mesma e constrói um *ethos* diferente do que apresentara anteriormente, pois passa sentindo-se uma cidadã novamente porque parou de beber e, além disso, conquistou um espaço na sociedade, que ela não tinha, conquistou direitos inerentes a um cidadão, através da carteira de identidade, CPF e título de eleitor. Enquanto, no trecho seguinte, o narrador chega inclusive a trocar seu nome por outro por achar que o primeiro representava o ser alcoólatra ativo, que ficara no passado. Nos dois trechos, há intenção de comparar e diferenciar o que eram e o que são atualmente, marcando as mudanças ocorridas na vida de cada um e, por conseguinte, rejeitando o *habitus* do alcoólatra. No entanto, essa mudança, como já comentada, é um processo do qual não podemos precisar o tempo.

Pra encerrar as minhas palavras, eu digo a vocês que é o primeiro ano que eu vou votar. Hoje eu tenho a minha identidade, carteira profissional, título e o meu CPF. Então, gente, eu sou uma cidadã, não só porque parei de beber, mas porque a igreja católica me batizou lá dentro, né? E sou reconhecida agora pela sociedade através do meu título de eleitor. (DEP 15)

---

<sup>16</sup> O termo subcultura aqui não se refere a uma cultura inferior. É utilizado como sendo uma cultura que faz parte de uma outra cultura.

Eu não sou (\*\*\*) não. Hoje eu sou (\*\*\*) porque aquele (\*\*\*) para mim morreu. Agradeço a Deus essa coragem, essa força de retornar a uma sala de AA e aos meus companheiro dessa realidade que me trouxeram. (DEP 14)

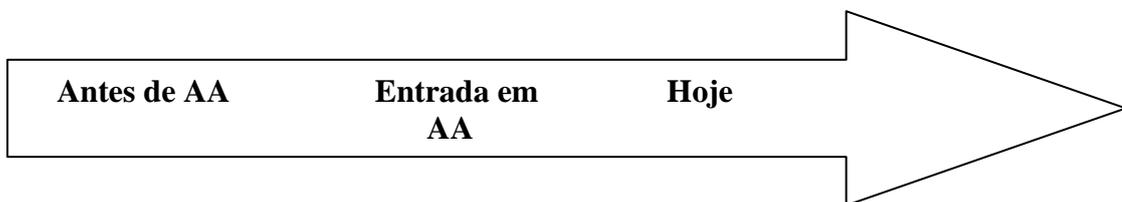
Como já citado anteriormente, a cenografia é “ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra” (MAINGUENEAU, 2005a, p.87), é o que legitima o quadro cênico, além de mobilizar papéis discursivos. Dessa forma, os depoimentos de AAs apresentam duas cenografias construídas em uma narrativa pessoal, cujo objetivo é refletir sobre si, em que há uma tensão entre um passado de um alcoólatra na ativa, que perde o amor e o respeito da família, além do emprego, e um presente de um ex-bebedor, que ao ingressar na irmandade Alcoólicos Anônimos, pára de beber, incorpora o discurso dessa instituição e tenta reconquistar tudo que perdeu durante o período de alcoolismo e provar que mudou, que é uma pessoa melhor, que cumpre com suas responsabilidades referentes a seus papéis sociais.

A narrativa pessoal é um gênero discursivo em que o narrador reconstrói sua história, re-configura de forma criativa sua existência, posicionando-se em relação à alguém, a si mesmo e ao que é dito. Além disso, enquanto prática discursiva, não pode ser desligada do contexto e das relações sociais. Assim, ao analisar depoimentos de AAs, deve-se levar em conta que se tratam de experiências de alcoólicos anônimos que textualizam histórias do passado, que é visto como ruim, trágico, e apresentam seu presente como sendo saudável, melhor que o passado, pois fora construído longe do álcool, para um público formado também de alcoólicos anônimos, ex-bebedores, que juntos traçam uma meta diária para o futuro: não beber. Por conseguinte, tem-se uma comparação entre o passado dramático e desequilibrado de um alcoólatra e o presente saudável e equilibrado de um abstinente, conquistado com o ingresso na irmandade. Dessa forma, há duas cenografias presentes nas narrativas, em que o passado, lembrado sob o ponto de vista do presente, enquanto alcoólico anônimo, é rejeitado pelo orador, e o presente é valorizado e almejado para o futuro.

Nesses excertos citados acima, os oradores relembram o passado e constroem uma representação do que eram enquanto alcoólatras ativos, sob a ótica de AA. Dependentes de álcool, maltrapilhos e flagelados, viviam uma vida desconcertada, errante, privada do carinho da família e do respeito da sociedade, uma vez que muitos perdiam o emprego, e, assim, não cumpriam com suas responsabilidades de pai, esposo, filho e empregado. Eles esclarecem que o vício pelo álcool transformou a vida de todos, modificando, inclusive a postura perante a sociedade. Tornam-se, então, seres degradantes, deficientes moral e fisicamente. Mas, ao

entrar em AA e incorporar o discurso da irmandade, talvez inconscientemente, a vida dos alcoólicos muda, pois param de beber e passam a ter outra visão de si mesmos e para seus problemas e outra postura em sociedade. Querem mudar e parecer que estão melhores que antes e, para isso, rejeitam o passado para enfatizar que o presente distancia-se deste. Assim, quanto mais enfatizam as derrotas por que passaram, maiores são as conquistas do presente. Se antes eram “cachaceiro”, “inconveniente”, “improdutivo” e desequilibrado, hoje são doentes, que fazem um tratamento de recuperação diário em AA e que estão lutando por uma vida melhor que a que tiveram enquanto bêbados, reconquistando um espaço em sociedade para serem vistos novamente como cidadãos.

Estas duas cenografias em tensão constante reforçam o desprezo pelo *habitus* do alcoólatra e o desejo de serem vistos como cidadãos dignos de respeito. Considera-se, então, que o *ethos* de cidadão alimenta-se dessa recusa e é projetado tendo em vista o discurso da irmandade AA e o auditório formado pelos AAs presente. Pode-se representar a trajetória da vida do alcoólatra ativo ao alcoólico anônimo por meio da seta abaixo:



É importante salientar que a mudança ocorrida na vida do alcoólico, embora seja explanada de forma a pensarmos que foi repentina, ela deve ser vista como um processo que se desenvolve ao longo do tempo. De pontual, pode-se apenas determinar o dia em que o alcoólatra parou de beber e o dia em que ingressou na irmandade, uma vez que essa data é sempre lembrada pelo ex-bebedor em virtude da representação que ela tem: o dia em que a vida do alcoólico começou a mudar, por causa das esperanças renovadas de dias melhores, na perspectiva deles. Além disso, a entrada em AA de um ingressante deve ser registrada com um “ritual” de entrada, uma cerimônia em que o alcoólico recebe a ficha de iniciante no tratamento, acompanhado de um padrinho. Assim, não se pode especificar a mudança do ser no decorrer do tempo uma vez que é impossível determinar quando o ex-bebedor iniciou a incorporar o discurso da irmandade, por tratar-se de algo que ocorre até mesmo inconscientemente.

Com relação ainda à seta, a extremidade pontiaguda representa o presente em que vive o alcoólico em direção ao futuro, num sentido de movimento para indicar que a vida dele ainda passa por mudanças e ainda pode sofrer alterações, inclusive se houver recaídas. Deve-se considerar também que, nas narrativas dos AAs, essa linha cronológica não é seguida, pois suas experiências não são contadas na ordem em que ocorreram, visto que o fluxo da história é feito em um vai-e-vem, em idas ao passado e vindas para o presente.

#### 4.4.1.1. O alcoólico e as relações familiares

Como já exposto anteriormente, na literatura de AA, o alcoolismo é visto como uma doença da família, um mal que devasta, ao mesmo tempo, o doente e todos que o rodeiam. De acordo com Campos (2005), a simbologia em torno da família faz parte da formação da sociedade brasileira, principalmente entre as camadas menos favorecidas. Seus valores permitem ao membro de AA dar sentido à vida, construir uma identidade social, além de construir uma representação para seus problemas. Dessa forma, o álcool, enquanto doença da família, destrói os laços familiares e sociais e atinge diretamente todos os papéis sociais que o alcoólico desempenha na sociedade: pai/mãe, marido/esposa, filho/filha, irmão/irmã, amigo, empregado etc. Percebe-se isso no trecho abaixo em que o depoente esclarece o estado em que se encontrava sua família durante o período de alcoolismo ativo. Trata-se de uma família totalmente desprovida de acompanhamento, sem recursos, em virtude do descaso do alcoólico, embora este reconheça que tinha condições financeiras de mantê-la. Mas tudo isso muda a partir do momento que o alcoólico entra na irmandade e começa a seguir o programa de recuperação:

E eu digo a vocês que hoje, eu vendo a irmandade de Alcoólicos Anônimos, eu antes de eu chegar aqui a minha família era uma família flagelada, não tinha o que comer, não tinha o que vestir, não tinha nada, não tinha onde morar. E eu ganhava o suficiente para manter aquele lugar. E meus filhos hoje tão adultos, já casados, né? E alguns deles me ajudam muito também. E às vezes eu fico pensando o que seria daquelas crianças hoje se eu tivesse desistido. Porque era um flagelo e eu tinha certeza que eu tinha condições de mantê-los bem porque eu era bem empregado. Mas hoje eu to nisso aqui, como muito orgulho. Passei a fazer meu programa, passei a gostar de vocês, viu? (DEP 01)

Os males causados à família não decorrem apenas da falta de providências do alcoólico. Em fase de apagamento, quando o bebedor consome álcool em excesso, esquecendo-se do que fez após passar o efeito da droga, o bebedor pode praticar os mais diversos crimes ou males, pois não tem consciência de seus atos. Assim, pode matar,

espancar, agredir verbalmente qualquer ser, inclusive entes próximos, e não saberá o que está fazendo, embora surja, em seguida, o remorso por ser acusado de atitudes reprovadas pela sociedade, apesar de não se lembrar delas. É o que afirma o orador abaixo que declara que, depois de cinco copos de bebida, esquece-se de tudo e corre o risco de agredir familiares e companheiros de bebedeira.

A partir de 2, 3, 4, 5 copo esquece tudo aquilo e vem a mudança de comportamento. Aí vem o risco de matar aquele ser querido. O próprio amigo da mesa, aquele amigo de bebida, né? Maltratar a família, não de pancada, mas numa simples palavra e passa dois 3, 4, 5 dias até duas semana inteira pra esquecer, né? Aquela agressão verbal, né? Num foi física, mas foi verbal. (DEP 11)

Os AAs consideram que a família é a principal vítima, por estar mais próxima do doente. O álcool interfere na vida da família do alcoólico, tornando-a desestruturada, e compromete os papéis sociais desempenhados pelo doente e que norteiam a noção de pessoa representada pelas camadas populares. No trecho abaixo, o orador orgulha-se em dizer que o "embriagado" não existe mais. Agora há somente um pai de família, com vergonha, com caráter, em um discurso puramente moralista.

Acabei com aquele homem embriagado, e nasce um pai de família, nasce bondade, com dignidade, com vergonha, com caráter, com credibilidade. Digo isto que foi por causa da bebida alcoólica que eu perdi tudo isso, né? (...) Porque o alcoólatra quando ele tá bebendo aquele desbravamento do álcool cai em cima da família, exatamente em cima da família. É a principal vítima. Quem quiser saber o que que um bebo é capaz tenha um na sua rua que ele afeta toda uma comunidade, né? (DEP 20)

Isto se torna ainda mais claro quando se vê trechos como o que se segue, em que o narrador mostra que, enquanto filho, provocava o desequilíbrio entre os pais, que se mostravam com reações opostas frente ao problema do filho alcoólatra. A mãe, acolhedora, protetora, quer o filho em casa, sob seus cuidados e proteção, enquanto o pai, o provedor do lar, rejeita-o diante da ineficácia de seus conselhos.

Eu lembro que uma vez eu cheguei em casa e falava pro meu pai que eu não tava embriagado. Eu tinha uma dificuldade de caráter e ele vinha me dá conselho e eu não aceitava. E ele me expulsava de casa. Eu lembro que lá em casa tinha um área e ele me empurrava dizendo que daquele jeito num era um filho dele. Minha mãe vinha chorando atrás. Quando meu pai voltava do portão, minha mãe ia atrás de mim e dizia que eu tinha problema de bebida, que eu devia fazer parte da irmandade. (DEP 01)

Os alcoólatras guardam consigo grande frustração e remorso por terem provocado tantos danos a seus entes queridos e por tê-los feito sofrer. Assim, quando entram em AA,

guiados pelos Doze Passos, tentam reparar seus erros e modificar a conduta. No trecho seguinte, o narrador, tenta reparar o mal que fez à família jurando à mãe que se tornaria um filho diferente, que pararia de beber e daria orgulho, rejeitando, dessa forma, a vida do alcoólatra ativo e almejando uma vida de uma pessoa que somente dá orgulho aos pais.

Minha família sempre foi equilibrada, né? E eu mostrei essa ficha (de ingresso em AA) pra minha mãe e disse: “Olha, a partir de hoje, mãe, a senhora vai ter dentro de casa o filho que a senhora sempre quis”. Porque a minha mãe queria ó que eu não bebesse. Era só isso. Eu era um bom filho, eu era um bom amigo, como a maioria dos alcoólatras. O maior problema que eu tinha era só o álcool. Se eu parasse de beber pra minha mãe era tudo que ela queria. E eu disse pra ela e eu fiz essa promessa pra ela: “mãe, a partir de hoje a senhora vai ter o filho que a senhora sempre quis. Entreguei a ficha pra ela, nos abraçamos, ela chorou. Eu também chorei no momento. (DEP 17)

Além dos pais, as esposas também sofrem com o alcoolismo dos maridos. Muitas delas têm que conviver com o risco de serem agredidas fisicamente ou verbalmente, visto que o alcoólatra não tem domínio de seus atos. No depoimento seguinte, o narrador agradece a Deus por não ter cometido nenhum ato agressivo contra sua esposa, embora admita que ela sofreu deveras a seu lado, não havendo mais a possibilidade de pedir desculpas por ela estar morta. Ressente-se ao afirmar que tirou a moça da casa da família e que a maltratou depois da união, contrariando as expectativas da sociedade que é a de que o marido deve "cuidar" da esposa, assim como fizeram os pais dela.

Eu lembro que eu arranjei uma namorada, né? Eu tirei aquela moça de dentro da casa do cidadão pra casar comigo. E aquela moça sofreu muito ali ao meu lado. Não humilhação, não peia. Eu, graças a Deus, não queria bater nela, graças a Deus, agradeço a Deus todo santo dia por não ter acontecido isso e hoje ela é falecida, né? Porque as coisas que eu aprontei no meu tempo de alcoolismo, que eu vivi com ela, eu tenho que pedir desculpas, mas ela tá no caixão e eu não tenho mais como pedir desculpas por todas as mazelas que já fiz. (DEP 01)

Já no excerto que se segue, o narrador admite que agredia verbalmente a esposa, xingava-a, chegando ao ponto de questionar a paternidade da filha que nascera. Isso agredia severamente sua esposa, como afirma.

Isso é nome de gente, companheiro, chamar minha mulher de quenga? A minha filha, que hoje tem 10 anos, (...) no dia que eu fui dormir com aquela criança ali na maternidade César Calls, a minha mulher olhava pra mim e dizia assim: “(\*\*\*) que tal a nossa filha?” E eu na cara de pau, macho, dizia assim: “rapaz, essa menina, ela nem é minha filha é.” Então, rapaz, isso aí é um negócio que machuca muito uma mulher. (DEP 08)

Além de agressões, as mulheres dos AAs também passam por momentos dramáticos, quando os maridos, embriagados, acusam-nas de terem feito algo que os desagrada. Em geral, são situações criadas pelos próprios alcoólatras, mas que atingem severamente as esposas. No trecho abaixo, o narrador encontra-se sem dinheiro e acusa a esposa de tê-lo roubado. Em virtude disso, ela se encontra atualmente com estado de saúde debilitado, com depressão.

Às vezes o dinheiro que eu tinha no bolso não tava mais. “Foi minha mulher que roubou”, só dizia isso. E eu dizia: “quer ver como foi”. “Rapaz, eu tô sem nenhum tostão aqui, rapaz, é bom pedir”, eu num sabia. Ai a pobre da mulher arriada. É tanto que a minha mulher hoje tem um problema sério de depressão. (DEP 03)

Há ainda que considerar que, nos casos em que o homem é o chefe da casa, no sentido de que administra as finanças da família e participa da educação dos filhos, a dependência alcoólica torna-o negligente e irresponsável. Nessas situações, a esposa é forçada gradualmente, à medida que aumenta a dependência do marido, a assumir todas as responsabilidades sozinha, ocorrendo, então, uma reorganização das relações homem/mulher dentro da família. No excerto seguinte, o depoente narra que sua esposa assumiu a administração da empresa porque ele já não mais trabalhava. Mas, com apenas 30 dias de AA, ele confessa que mudou sua conduta e já se considera um cidadão novamente por ter voltado a garantir a “sobrevivência” da empresa e da família, por manter-se longe do álcool. A tensão entre as duas cenografias se torna latente, pois serão mais uma vez postas em paralelo, o homem embriagado e o homem, pai de família e trabalhador, para mostrar que o alcoólatra gerava problemas e o alcoólico em recuperação soluciona os problemas.

Quando a minha esposa fala “rapaz, você tem que passar pelo menos 4 horas trabalhando”, rapaz, pra mim, era a maior tristeza do mundo. A pobre agarrada, segurou a barra, não deixou a empresa quebrar, confiou em Deus e ele tinha um plano na minha vida que era me recuperar e graças a Deus, companheiros, 30 dias só nesse programa. (...) A minha esposa tá nas nuvens, tá todo mundo de bem comigo só porque eu voltei a ser cidadão que eu sempre fui. (DEP 07)

Até mesmo a vida sexual do alcoólatra é afetada. Com uso excessivo do álcool, o bebedor tende a perder inibições e tornar-se mais amoroso, mas a repugnância pela bebida faz com que a mulher recuse as investidas do marido. O alcoólatra pode tornar-se agressivo ou violento, e a esposa, traumatizada com tal atitude. Ele pode ainda envolver-se em relações extraconjugais e também pode sofrer com o desempenho sexual prejudicado, chegando ao mais alto grau, o da impotência. No trecho seguinte, o alcoólico comenta que, em fase de alcoolismo ativo, sua esposa rejeitava-o sexualmente, por não suportar o odor do álcool,

dormindo em posição invertida, com os pés voltados para a cabeça do marido, mas que tal situação já havia mudado desde a entrada em AA. Mesmo, com a idade avançada, a vida sexual do casal permanece ativa.

... antigamente que eu bebia a mulher dormia lá pra colá e eu pra cá. Eu ia pra lá, ela vinha cá, mas hoje não. Quando dormia comigo botava os pés pra mim, os pés. É por causa da catinga, rapaz. Já pensou uma pessoa que nunca bebeu sentindo aquela catinga. Ave Maria! Hoje não, hoje o negócio é melhor, viu? A véia vem, eu tô na garantia ainda, a véia tá deixando, então tá bom demais a minha vida, né? (DEP 19)

Os filhos também sofrem com o alcoolismo. Os pais, alcoólatras, transformam-se em pessoas irresponsáveis e tendem a abandonar os filhos emocional, moral e financeiramente. No excerto abaixo, o narrador conta que estava, na companhia do filho de nove anos, embriagado, quando foi atropelado e assistido pela criança que desvia do pai os carros que passavam por perto. No estado em que se encontrava, cabia ao filho de nove anos de idade protegê-lo, invertendo as posições, uma vez que se espera sempre que o pai proteja o filho, principalmente se este ainda é uma criança.

E aí eu tava lá na Barra do Ceará totalmente embriagado e esse meu filho que tem 24 anos hoje só tinha 9 anos de idade, né? Aí eu tava de bicicleta com ele na garupa, eu passei a 1ª via, a 2ª via e (...) estacionei a bicicleta, aí, quando fui atravessar o viaduto só vi foi a pancada. (...) A verdade é que esse menino ficou de braços abertos desviando os carro para não matar o resto do bebo. 17 ponto na testa, fratura na coluna. Vinha um camarada na D20, viu aquela cena no meio da rua, deu um break a uns 8 metros, desceu meio apavorado, viu aquela criança chorando eu lá em coma, né? (DEP 20)

Ainda em nossa sociedade, beber de forma excessiva em botequins é uma atitude tipicamente masculina, por isso, quando se vê uma mulher alcoólica, o estigma parece ser maior, pois quebra a imagem de mulher do lar e protetora dos filhos. Na citação abaixo, a depoente se ressentida por não ter podido desempenhar os papéis de filha e de mãe, por estar bêbada. Sofre também por ter sido esquecida pelos filhos que não a felicitaram pelo dia em homenagem às mães. Eles, inocentes “que não pediram pra nascer”, não tinham os cuidados dela, que não trabalhava e não tinha condições de cuidar nem mesmo de si. Vê, então, a si mesma, no passado, simplesmente como uma bêbada, uma pessoa sem valor. Assim, de acordo com Campos (2005), uma mulher que não cumpre adequadamente o papel de mãe, esposa e filha não é considerada uma mulher honrada.

Eu era simplesmente uma bêbada. Como mulher, como mãe, como filha, eu bebi 25 anos. E minha família sofreu, quando eu falo família, eu falo meus filhos também, eu falo nas crianças que não pediram pra vir ao mundo. Eu falo do que aquelas

crianças passaram de fome e dormindo nas calçadas. (...) Domingo eu vi, dia da mãe, um dia importantíssimo, né? (...) Fiquei triste porque nenhum dos meus filhos me deram um abraço, mas por quê? Porque eu estava beba e eles, ó, saíram. (DEP 15)

Essa narradora também se aflige com o descaso dos irmãos que não compreendiam seu estado de saúde e a tratavam como um ser desprezível, não mais como gente, mas como “satanás”, que não merecia ser vista como irmã, que perdera o direito de ser reconhecida como um ser humano.

... eles chegaram (os irmãos) e na hora que me viram lá no mercado me dizia: “olha aí, a situação desse satanás que diz que é nossa irmã”. Olha aí, “desse satanás”, eu perdi o direito, meu povo, de ser chamada de gente... (DEP 15)

Em um outro depoimento, há novamente um caso de rejeição em que o alcoólatra procura o irmão no ambiente de trabalho deste, mas é recebido com desprezo, o que provoca mágoas no alcoólico, que diz que desejava apenas a ajuda de seu ente próximo. Ele desenha a si mesmo como um ser sem presença, acabado pelo álcool, e enfatiza, no início do depoimento, que se fosse hoje, quando se encontra sóbrio, reestruturado, o irmão o trataria diferente.

Se eu chegasse lá no escritório dele hoje ele me aceitava. Mas eu não tinha presença nenhuma, eu tava requenguelo, eu não tinha mais nada na vida todinha, perdido só tudo e a moça dizia assim: “seu João, seu irmão tá aí” e, meus irmãos, ele num vinha nem me receber, ele dizia pra moça “toma essa cédula de um cruzeiro, um real, entrega pra ele. Diga ele que pode ir embora, que o problema dele é bebida”. Agora eu quero dizer pra vocês, eu num ia lá no escritório do meu irmão atrás do dinheiro dele não, meu irmão. Eu ia lá, meu irmão, pra ouvir uma palavra de conforto, eu queria dizer o meu irmão por que é que eu tava sofrendo, eu queria dizer o meu irmão que ele me ajudasse eu a sair daquela vida, mas ele não entendia. (DEP 06)

Com o passar do tempo, após entrada em AA, os AAs consideram-se seres novos, mudados, e que, aos poucos, vão reconquistando um espaço na família, o carinho e a confiança dos membros, e re-estabelecem o lar. No depoimento a seguir, o depoente enfatiza a mudança ocorrida após entrar em AA, pois passara, inclusive, a sonhar, coisa que o álcool o impedira de fazer.

Então, companheiros, a minha vida ela tomou um rumo totalmente diferente. Como eu falei pra vocês, né? Até 24 anos, eu era um homem sem sonhos. Quando foi depois de ter ingressado no AA, eu comecei a sonhar. Aquele homem, que nunca tinha pensado em casar na vida. Hoje tem uma família. Sou casado, sou pai de três filhos. Vivo com minha esposa, nós vivemos bem. Na minha casa existe paz. (DEP 17)

Em outro depoimento, o alcoólico agradece a Deus e à irmandade por ter conseguido parar de beber e ressalta a felicidade em que se encontra juntamente com sua família, deixando claro que problemas sempre haverá no lar, mas não mais provocados pelo alcoolismo.

Hoje a nossa família é muito unida, graça a Deus. Tenho dois filhos e uma moça, nenhum bebe, nem fuma. Graças a Deus, pra mim é uma maravilha. Problema tem, problema a gente vai passar, mas problema a gente resolve. A gente vive em harmonia. Pra mim, isso é a coisa melhor do mundo, por isso que eu volto aqui pra agradecer. (DEP 18)

Novamente os oradores “desenham” um passado ruim, no que concerne às relações familiares. A precariedade da vida do alcoólatra atinge também a família, que passa por transformações ruins, visto que o bebedor se torna agressivo, geralmente, perde o emprego, faltando com suas responsabilidades. Por outro lado, os bebedores também passam a ser rejeitados por seus entes próximos, perdem o afeto destes, no entanto, ao entrar em AA, a conduta do ex-bebedor modifica-se, melhora, restabelecendo seus papéis de filho/filha, pai/mãe e esposo/esposa e cumprindo com que lhe é exigido. As duas cenografias se encontram em comparação constantemente, em que se rejeita o passado ébrio e desequilibrado do alcoólico e se enaltece o presente de abstermia para enfatizar a mudança na vida do ex-bebedor, que hoje vive longe do vício e tem conduta idônea.

#### 4.4.1.2. O alcoólico e o trabalho

Conforme Campos (2005, p.142), a família engloba alguns valores que nortearão a identidade social de seus membros. Assim, entre as classes mais populares, “o valor-trabalho, fundamental na definição da condição de trabalhador e de homem provedor, é encapsulado pelo valor-família, centro irradiador e foco principal na definição da identidade dos membros desse grupo social”. Dessa forma, a condição de chefe do lar ou provedor e de trabalhador é encapsulada pelo valor-família. No entanto, o alcoolismo vai interferir justamente na construção da identidade de provedor e de trabalhador, pois o álcool o impedirá de trabalhar e conseqüentemente de sustentar a família. Nesses termos, os papéis sociais de pai, marido e trabalhador ficam comprometidos.

Nos depoimentos dos AAs, é recorrente a referência às perdas de emprego e de bens materiais em função do vício. Alguns admitem que só conseguiram construir um patrimônio

depois que pararam de beber, enquanto outros confessam que perderam tudo por causa da bebida. Em casos graves, as esposas tiveram que arcar com as despesas da família e com as responsabilidades negligenciadas pelo marido. No trecho que segue, o alcoólico declara que perdeu tudo que tinha por tanto beber exageradamente, o que já estava interferindo em seu casamento.

Eu era exagerado demais. Eu sei que essa bebida fez foi acabar com tudo que eu tinha. Alisei total. Tudo que eu ganhei em 20 anos eu gastei só com bebida. Papoquei tudo. Num gastei todo porque ainda sobrou um pouquinho pra eu ajeitar minha casa, mas o resto foi embora. Só em álcool. O álcool me deixou sem nada. Já tava pra me separar da família porque a minha mulher já tava, num tava agüentando. (DEP 18)

Já no excerto abaixo, o depoente esclarece como foi que o álcool aos poucos foi tomando conta de sua vida até o momento em que o emprego deixou de ter importância, pois ele passou a faltá-lo, inclusive nos dias de pagamento, acreditando que se tratava de uma boa desculpa para faltá-lo, uma vez que ninguém questionaria sua ausência justamente no dia de pagamento. O emprego tornou-se, então, um empecilho para beber, visto que as horas gastas no trabalho eram horas perdidas sem álcool.

O meu grande fundo do poço foi quando eu perdi o meu emprego. Porque eu me tornei tão irresponsável que as segundas-feiras já não eram mais o suficiente. E passei a faltar nas terça, nas quarta... no dia do pagamento eu não ia. Porque eu achava que era uma desculpa muito boa, né? Quer dizer, “não, ele faltou hoje, no dia do pagamento, só pode tá doente”. Mas não era não. É porque eu sabia que dois ou três dias quando eu chagasse lá o dinheiro tava guardado. E eu tava vivendo isso. E eu me tornei irresponsável a tal ponto que abandonei o emprego. Abandonei, simplesmente não fui mais porque queria beber e o emprego me tomava o tempo. Eu queria beber durante o dia, mas não podia porque o emprego não deixava. (DEP 17)

No depoimento seguinte, a dependência do narrador chegou a tal ponto que ele trabalhava embriagado no setor de segurança privada, armado, correndo o risco de ferir alguém. No entanto, hoje, longe do álcool, considera-se um homem respeitador.

Então eu vou dizer a vocês que eu trabalho, graças a Deus, na área de segurança privada e tem alguns companheiros que trabalhavam comigo ali (...) Trabalhando, meus irmãos, com arma de fogo. Chegava muitas vezes de ressaca mentindo, dizendo que tava passando mal e inventava de comprar às vezes um lanche na hora do almoço eu já tava era atrás de me embriagar. Um dia de domingo, às sete horas da manhã, eu ia tirando a vida de um amigo meu de trabalho, sete horas da manhã, eu totalmente embriagado, né? Aquele camarada apenas brincava com a minha pessoa e eu na minha ignorância ia tirando a vida daquele cidadão. (...) E hoje eu sou um camarada que gosto muito de respeitar as pessoas. (DEP 08)

A situação do alcoólico torna-se tão grave que, em muitos casos, as esposas têm que assumir a posição de chefes do lar, trabalhando sozinhas para suprir as necessidades. Se por um lado isso é favorável, visto que as mulheres ganham independência financeira, por outro é ruim, pois é a custo da negligência dos cônjuges, causada pelo vício. Isso ainda se caracteriza em algo vergonhoso para os homens uma vez que passam a ser sustentados pelas esposas e não conseguem mais cumprir seus papéis sociais, que a sociedade lhes exige. No depoimento abaixo, o orador narra exatamente isso, a esposa que suportou sozinha o peso de suas responsabilidades e das do marido. Entretanto, após controlar o vício, encontra-se com grande desejo de voltar a trabalhar, assumir as funções que lhes são impostas.

Eu quero trabalhar agora. Eu num trabalhava não, gente. Era ela (a esposa) sozinha, a coitada. Sabe quando você pega assim numa bacia só uma pessoa pega dum lado e o outro lado num tem quem pegue, a minha empresa tava assim. Tinha um lado que num tinha quem pegasse, que era, que era, pra estar à frente. Eu pra tomar atitudes, pra determinar, pra ajudá-la a levar as coisas a frente, não, num tinha eu não. (DEP 07)

No próximo depoimento, o orador resume todas as tragédias recorrentes na vida de um bebedor: a falta de emprego e por conseqüência a falta de dinheiro, chegando ao ápice pela demonstração de falta de uma moedinha para contribuir durante as reuniões do grupo, o abandono da família, inclusive de duas esposas, que não suportaram a vida ao lado de um alcoólatra, e os problemas de saúde, em especial a impotência sexual. Ele agradece aos companheiros de AA e à irmandade pela graça de ter podido reconquistar seu espaço na sociedade, reconstruindo sua vida, com um emprego, uma nova família, sem muitos bens materiais, mas com paz e amor. Nesse momento, as duas cenografias se encontram em paralelo novamente, em que a primeira é rejeitada, onde se mostra o *habitus* do alcoólatra, e é vista como algo que ficou no passado e não deve mais se manifestar na vida do narrador.

Eu queria ter emprego, eu queria ter um trabalho, pelo menos uma moeda pra botar nessa sacola na hora do intervalo, eu não tinha. (...) Eu não tinha roupa. Cheguei sem roupa, cheguei nu, cheguei com roupas emprestadas e hoje o meu guarda-roupa é repleto de boas roupas. Eu cheguei despejado e hoje eu tenho uma casa maravilhosa, que é um verdadeiro lar. (...) Há bem pouco tempo eu perdi a minha condução, a minha bicicleta, mas nem por isso eu deixei de freqüentar a sala de AA. (...) Eu cheguei nesse programa com impotência sexual. Hoje eu tenho um filho lindo, divino, maravilhoso. Eu cheguei aqui abandonado pela primeira esposa, pela segunda. Hoje eu tenho uma mulher que cuida de mim maravilhosamente bem pelo fato de não estar mais bebendo. Hoje talvez eu não tenha uma conta bancária, eu não tenha um carro dentro da minha casa, mas eu tenho todas as riquezas que o homem deseja ter dentro da casa dele. Eu tenho paz, eu tenho harmonia, eu tenho amor, eu tenho Deus no meu coração. (DEP 13)

Mais uma vez, os AAs enfatizam as tragédias durante o passado de alcoolismo, originadas, principalmente, pela perda do emprego, e que terão como seqüências a falta de dinheiro e a impossibilidade de prover as necessidades da família. Nesses casos, as esposas, muitas vezes, passam a desempenhar a função de chefes da família, provendo sozinhas o afetivo e o material no lar. Entretanto, esse quadro é modificado com a ingressão do bebedor na irmandade AA, refazendo sua conduta, o que acarreta em um novo estado, de estabilidade, com a reconquista de um trabalho.

#### 4.4.1.3. O alcoólico e os amigos

O valor da amizade também foi repensado pelos AAs após entrada na irmandade. Antes de frequentar o grupo, os amigos eram aqueles que, muitas vezes, “apresentaram” a bebida para o jovem, e com quem passariam a dividi-las nos bares. No depoimento a seguir, o alcoólico tenta justificar sua iniciação no mundo das bebidas através da influência dos amigos, que bebiam whisky.

Eu vim tomar a primeira dose da minha vida, eu tinha 27 anos, hoje eu tô com 39. As influências, as amizades. Arranjei um emprego no tribunal de justiça, os meus colegas que trabalhavam no tribunal de justiça traziam a garrafa de whisky... levei ele pra dentro de casa, foi só a conta de começar a beber. (DEP 07)

Já em outro depoimento, o narrador conta uma recaída, ou seja, o retorno às bebidas, mesmo sendo ingresso em AA, depois de um convite insistente de um dos companheiros de copo para ir a uma churrascaria beber cerveja. Ele não resiste ao convite e trava uma luta com o copo de cerveja. Ele ressalta que o convite fora feito cerca de meia hora depois de ingressar na irmandade.

Fui pegar um ventinho, sentar na calçada. Isso numa sexta-feira e passa um daqueles companheiros de bebidas e diz: “(\*\*\*) , vamos tomar uma cerveja ali”? E eu disse: “Não, vou não”. “Rapaz, vamos lá”? E a minha mente me dizia, né, “tu ingressou no AA num tá com meia hora, tu ingressou”. Mas o convite foi feito muitas vezes (...) e eu não resisti, eu fui. (...) E eu olhei pro copo e eu nunca vi uma briga tão grande como aquela minha, né? Aquele conflito bebo ou não bebo, né? O AA me dizia que não podia beber, mas o alcoolismo dizia: “tu tem que beber que tu é alcoólatra. Companheiros, e eu não resisti. (DEP 17)

No exceto seguinte, um outro membro de AA esclarece que as amizades verdadeiras são aquelas construídas longe do álcool, dentro da irmandade, em que há pessoas que se entendem, que têm um passado de alcoolismo bastante trágico, e se ajudam, visto que têm

objetivos em comum, que é parar de beber. Assim, aqueles amigos de bar são rejeitados e substituídos pelos membros do grupo, também com o mesmo problema do alcoolismo.

Os amigos que eu conquistei depois que eu sai daquelas amizades, que eu tinha aquelas amizades do álcool, graças a Deus, são muito melhores, são vocês, pessoas que tão aqui pra me ajudar, que tão se ajudando, estamos numa comunidade múltipla, nós estamos fazendo aqui um entrelace entre nós. (DEP 07)

A representação de amizade também é modificada com a entrada em AA. Anteriormente, amizade era aquela construída entre um copo ou outro de bebida. Hoje amigos são os companheiros de AA, com os quais compartilham as dores sofridas e as esperanças de uma vida melhor. Isso funciona, na verdade, como um elo entre os membros, pois eles identificam entre si e, por conseguinte, fundamentam uma identidade para o grupo. Além disso, de acordo com Santos (2007), reforça a filiação do membro ao grupo e contribue para o estabelecimento de uma memória compartilhada.

Assim, finalizamos essa seção esclarecendo que o *ethos*, a imagem produzida discursivamente em depoimentos de AAs, é de cidadão, um ser respeitador e respeitável, produtivo, construída a partir da recusa do *habitus* do alcoólatra, seu estilo de vida desviante das normas sociais, através da tensão entre as cenografias do passado, de desequilíbrio e irresponsabilidade, e do presente, de equilíbrio e responsabilidade. Enquanto alcoólatras, os AAs modificam a forma de agir, tornando-se irresponsáveis e improdutivos, visto que, geralmente, abandonam o emprego e, com isso, negligenciam as necessidades da família, além de tornarem-se pessoas agressivas, incapazes de um ato amoroso com seus entes próximos. Mas, enquanto membros de AA, abstêmios, relembram o passado e tentam reparar os males causados ao próximo e reconquistam emprego e respeito dos familiares. O passado de alcoolismo é avaliado segundo a ótica moralista e visto de forma negativa e, quanto mais intensa a sua rejeição, maior a dignidade e cidadania do ex-bebedor.

É imperioso esclarecer que as representações sociais perpassam a construção do *ethos*. Assim, para a elaboração dessa imagem de cidadão, os AAs incorporam as representações que circulam dentro da irmandade, ou seja, julgam a si mesmos e suas atitudes a partir de como o grupo representa o alcoolismo, o alcoólatra ativo, a recuperação do vício do álcool, as atitudes certas e erradas em sociedade. Dessa forma, em todos os depoimentos, expõem a representação de alcoólatra segundo o imaginário de AA, apresentando-se como bebedores-

problemas no passado de alcoolismo ativo, para, em seguida, mostrar que são cidadãos hoje, que não mais seguem a “filosofia” do álcool. Mais uma vez, destacamos a impossibilidade de pontuar as mudanças ocorridas. Não se pode dizer quando exatamente o alcoólatra mudou seu modo de agir e pensar em sociedade. Assim, marcada no tempo, é apenas a entrada do alcoólico na irmandade, uma vez que este passa por um “ritual” para ingressar nela.

#### **4.5. O corpo do alcoólico anônimo**

Nessa seção, discorreremos sobre o a constituição do corpo de AA, tendo em vista o tom presente nos depoimentos.

O tom, na concepção de Maingueneau (1997), é uma certa voz presente tanto em textos escritos quanto orais. Através dele, é possível construir o corpo do enunciador, o caráter, aspectos psicológicos, e a corporalidade, uma sugestão corpórea, que envolve o modo de se movimentar e de se vestir, inclusive.

De acordo com Masur (2004, p.24), torna-se fácil dizer que o indivíduo é alcoólico quando bebe muito, perdeu o emprego em função da bebida, “que tem problemas sérios de relacionamento com amigos e/ou familiares que se ressentem da forma pela qual esta pessoa vem bebendo, e que apresenta doenças devidas ao álcool.” Mas o problema está na dificuldade de definir uma pessoa como alcoólatra quando não apresenta estes sinais gritantes.

Uma das formas mais usadas para tentar marcar uma fronteira entre o beber com “normalidade” e o alcoolismo é através da quantidade e da frequência na ingestão de bebidas alcoólicas. Assim, aqueles que bebem diariamente cerca de quatro doses de bebidas destiladas, como cachaça, ou quatro garrafas de cerveja são considerados alcoólatras.

A dependência do álcool, causada pelo uso contínuo de drogas, também é um indicador. O organismo passa a precisar do álcool para funcionar normalmente, pois, quando a pessoa pára de beber, ocorre a síndrome de abstinência, que são problemas físicos, como tremores, que o organismo apresenta até se acostumar novamente a trabalhar sem o álcool. É relevante verificar ainda a importância que o álcool passa a ter na vida do indivíduo em detrimento de outras coisas. Para AA, somente o próprio bebedor poderá dizer se é ou não alcoólatra. Alguns não conseguem ter o controle sobre a bebida, outros têm experiências ruins

com o álcool até reconhecerem a dependência. Há ainda aqueles que, mesmo não passando por experiências trágicas, procuram AA por conhecerem o alcoolismo como uma doença progressiva. Nas citações abaixo, os oradores, em tom de revolta, de indignação, expressam o que a dependência causou neles e em seus familiares: lar arruinado, descuido com o filho, no preparo da alimentação do pequeno, sofrimento.

A casa cheia de filhos e nada eu tinha ou nada nós tínhamos, dado ao abandono e o sofrimento que o álcool nos trouxe. É como se tivesse passado um tornado na minha casa. Fazia muito que num tinha nada e eu desgraçado sem saber o que fazer. (DEP 10)

Tem uma cena gravada aqui na minha cabeça que pode, eu posso viver mil anos aqui nessa terra que eu não esqueço, pegar farinha, colocar dentro duma xícara com água e dá pro meu filho de um ano, viu? Eu não esqueço nunca. (DEP 01)

O alcoolismo, como veremos no próximo trecho, também interferiu na vida pessoal da narradora a seguir, atingindo fortemente os papéis sociais de mãe e irmã, que desempenha na sociedade. Vejamos:

...como mulher, como mãe e como filha eu bebi 25 anos, fiz minha família sofrer; e, quando falo em família, eu falo em oito filhos que eu tenho. Eu falo nas crianças que não pediram para vir ao mundo, (...) meus filhos chegaram a dormir no meio da rua, dentro de caixa de geladeira, na praça José de Alencar, da Estação, da Lagoinha, pedindo esmola pra beber cachaça e quantas e quantas vezes as pessoas me davam algumas coi..., alguma quantia, e muitas vezes me dava até leite da minha filha deficiente. Eu tinha uma filha deficiente, ela nem andava, nem falava, se alimentava pela uma sonda... (DEP 15)

A narradora esclarece que passou 25 anos de sua vida sob o estado de alcoolismo e que isso fez sua família sofrer, inclusive seus oito filhos, o que denota um certo tom de sentimento de culpa por ter provocado o sofrimento, a dor nestas pessoas. É perceptível, pelas passagens, que a narradora e seus filhos dormiram, não se sabe por quanto tempo, ao relento, em praças, ou seja, não possuíam moradia, nem emprego, visto que pediam esmolas, inclusive para comprar cachaça, recebendo, por vezes, alimento para a filha deficiente. Como se pode ver, ainda, em outro excerto:

(...) eu sofri humilhação, (incompreensível), é, nomes, perda de tudo, menos perda de emprego, que eu nunca tive, bens materiais, que é tudo que eu consegui foi através de um cidadão chamado álcool. (DEP 15)

A depoente mostra o quanto sofreu como depende de álcool e que as perdas que teve e os ganhos, provavelmente de ruim, foram por meio do alcoolismo. Ressentida, ela mostra que

as humilhações por que passou vieram inclusive de membros de sua família, demonstrando que tinha perdido o amor e o respeito de seus parentes.

Mesmo assim, há uma forte resistência por parte do alcoólico em assumir a dependência por parecer fraqueza o fato de não conseguir negar um gole de bebida. No depoimento abaixo, o orador declara que não se considerava alcoólatra, porque conseguia tomar apenas uma garrafa de cerveja e parar. No entanto, ele, em tom firme, afirma que estava tentando enganar-se, pois o alcoolismo é uma doença progressiva, que iria progredir com o passar do tempo, transparecendo a absorção do discurso da irmandade.

Tá vendo? Num sou alcoólatra não, tomei só uma cerveja. Eles me disseram que alcoólatra é aquele que bebe de maneira exagerada. E eu só tomei uma, então num sou alcoólatra. Mas passaram-se alguns dias, eu me embriagava novamente. Quer dizer, eu comecei a me auto-negar, né? (DEP 17)

Muitas vezes, é preciso perder tudo, a família, emprego, bens, enfim, chegar à *sarjeta moral e física*, como falam os próprios AAs, para assumir a condição de derrotado. No trecho seguinte, o depoente afirma que, quando o alcoólatra se encontra fragilizado moral e fisicamente, é a fase em que ele não tem mais nenhuma credibilidade enquanto cidadão.

... quando o alcoólatra tá na sarjeta física, porque na moral ele já está, quando ele perde toda a sua credibilidade de cidadão. Quando ele não tem mais uma roupa pra vestir, quando ele não tem mais um calçado pra calçar, quando ele não tem mais dinheiro pra tomar uma dose de cachaça... (DEP 06)

Entretanto, assumir a derrota perante o álcool e a total falta de controle na vida é fundamental e está no programa de recuperação de AA. Assim, no excerto abaixo, o depoente, em tom acrimonioso, relembra o estado em que chegou à irmandade e tudo o que já tinha perdido por causa do alcoolismo.

Chegava bagaçado, um homem derrotado, com apenas 39 anos de idade. Eu me encontrava derrotado por conta de uma doença chamada alcoolismo que eu não tinha consciência de que era alcoólatra. Eu achava que era um cara que sabia beber, que era um cara que tinha amigo. (DEP 07)

É nesse momento, na entrada na irmandade, que o alcoólico descobre uma outra forma de conceber o seu ato excessivo de beber: o alcoolismo é representado como doença e alcoólatra é um doente em busca de tratamento. Chega a hora de rever a conduta pregressa, fazer uma auto-avaliação e seguir os Doze Passos em busca da sobriedade dia após dia.

Assim, os integrantes do grupo absorvem as idéias da irmandade e passam a encarar o passado do ponto de vista do presente. No trecho seguinte, o alcoólico elucida, de forma dogmática, aos presentes como o grupo compreende o que é o alcoolismo e os bebedores compulsivos.

O grupo diz, quando nós entramos, que nós somos pacientes em recuperação. E quem é paciente tá portando uma doença. Só que a nossa doença só aparece quando bebemos. Sem beber, ela não se manifesta, entendeu?. (DEP 05)

Após tomarem conhecimento do tratamento de recuperação, o passo seguinte é a reparação dos males causados pelos AAs durante o período de alcoolismo ativo. Eles sempre se ressentem pelos problemas que causaram e sofrem por terem magoado muitas pessoas, dentre elas, os parentes. O ressentimento também é fruto dos maus-tratos que o dependente sofreu por parte dos parentes, que não compreendiam a dependência como doença, causando mágoas no bebedor. No entanto, em AA, os ex-bebedores encontram conforto e compreensão, pois estão rodeados de outras pessoas que passaram por situações semelhantes e que também comungam de mesmo problema, a doença do alcoolismo.

No trecho baixo, a oradora mostra ter apresentado as características mais marcantes do alcoólatra, como não ter mais mau-cheiro, por passar dias embriagado, não se sentir mais culpado por ter bebido, por ter feito algo que, no dia seguinte, não lembra, o que os AAs chamam de “fase de apagamento”. Tudo isso leva a narradora a agradecer a Deus e a sentir-se feliz, mais do que isso, sentir-se gente novamente, em um tom de gratidão pelas mudanças na vida.

... agradecendo a Deus por não ter bebido, feliz por ter hoje amanhecido o dia e colocado as minhas duas mãos assim (paralelas, no ar) e ver que não estavam mais tremendo, não estou mais com aquele fedor, aquele ressentimento de culpa, eu sei tudo o que eu fiz ontem, que eu tô, que eu fiz até agora, neste exato momento, e o mais importante é que hoje eu sou gente ... (DEP 15)

A narradora deixa clara sua felicidade por estar sóbria, não tremer as mãos e ter autocontrole e sua segurança por lembrar o que fez anteriormente, certificando que passou pela síndrome da abstinência e pela “fase de apagamento”. Como se percebe já de início, nesse depoimento, há as características mais marcantes na vida de um alcoólatra, como ocorre com a maioria dos AAs.

Eu estava defecada, urinada, o cachorro já tinha beijado minha boca, eu já tinha (...), perdi a locomoção das minhas pernas, cheia de bicho, vários meses sem tomar banho, toda me tremendo, eu não tinha mais condição de vida, cadáver ambulante, meus dois irmãos (...), eles chegaram e na hora que me viram lá no mercado me diziam: “olha aí, a situação desse satanás, que diz que é nossa irmã.” Olha aí, desse satanás, eu perdi o direito, meu povo, de ser chamada de gente, é por isso que vocês me entendem quando eu falo assim, eu sou gente. Mas naquele dia (...) meu irmão (...) disse: “vamos levar pra tua casa, jogar ela dentro de um buraco, jogar terra e pronto”. (DEP 15)

Inicialmente a narradora marca o quanto era degradante sua vida, suja, sem o movimento das pernas, sem o controle das funções fisiológicas, doente, considerando-se um cadáver ambulante, a tal ponto que seus irmãos a desprezam, chamando-a de “satanás”, que se joga em um buraco e enterra. A narradora denuncia também, por meio das palavras do irmão, que estava tão sem a consideração, o respeito e o amor, até mesmo de seus parentes, que não era mais vista como ser humano, mas como um satanás, algo qualquer que se joga fora. Isto mostra certa mágoa por parte da narradora, que se ressentia com a forma de tratamento que seus parentes lhe dedicaram, mas que encontra conforto no fato dos demais AAs compartilharem de mesma dor e compreenderem quando ela fala que hoje é gente, visto que todos passaram por situações trágicas semelhantes. Sobre sentir-se gente, vejamos o que ela ainda tem a dizer:

Sociedade eu não era reconhecida, na igreja católica, eu não era reconhecida, que eu não era batizada, eu me batizei no ano passado, na igreja católica, (...), fiz a primeira comunhão e o batismo num dia só, graças a Deus, no dia do meu aniversário de 45 anos, e eu pensava que não ia chegar a essa idade, viu?! (...) Há 14 anos de vida, 14 anos que não caio mais nas calçadas, (...) 14 anos que eu não vou ao hospital psiquiátrico (...), 14 anos que eu sou gente, e pra mim encerrar minhas palavras, eu digo a vocês que é o primeiro ano que eu vou votar, hoje eu tenho minha identidade, carteira profissional, título (...). (DEP 15)

Com estas palavras, é possível verificar que desde que entrou em AA, desde que iniciou o programa de recuperação, a narradora parou de beber, tornou-se uma alcoólatra em recuperação, nos termos de AA, consciente de seus atos, e que passou a reconquistar um espaço na sociedade, que o uso excessivo do álcool a impediu de ter. Hoje é gente, confiante, que sabe o que faz e que participa de decisões importantes no país, como eleger um representante político.

Em outro depoimento, o orador, em tom forte e seguro, deixa entrever que, mesmo com o vício que castigou sua vida por muito tempo, ainda é forte para continuar a trabalhar,

sem ver empecilhos pela frente. Apesar do uso contínuo do álcool, que o debilitou, ainda tem saúde e disposição para a luta do dia-a-dia, talvez com o desejo de recuperar o tempo perdido.

Porque eu sou valente. Eu vou pra luta, eu num perco tempo, num tem hora ruim, num tem dia ruim e num tem hora pra trabalhar também não. (...) Eu tenho força, eu tenho saúde, graças a Deus. (DEP 07)

Ainda em outro depoimento, o narrador também modifica a forma de descrição física de si na tentativa de mostrar que não é mais o mesmo. Encontra-se hoje fortalecido, re-estabelecido, disposto a trabalhar, apesar da idade avançada e das consequências do álcool sobre o organismo, e com coragem para trabalhar superior a que tinha durante a fase de alcoolismo ativo. Tudo isso é mostrado inclusive pelo tom de suas palavras, de satisfação.

Com a idade que eu tenho, não tenho a minha saúde toda, mas tenho coragem pra trabalhar. Aquela disposição que eu tenho hoje beirando os setenta anos eu não tinha com quarenta e nove quando eu cheguei aqui. Eu era movido a álcool. Só fazia alguma coisa depois que bebesse. (DEP 09)

Esse mesmo tom também está presente no trecho abaixo em que o orador compara o seu passado ao presente e assevera que prefere o que está vivendo hoje, “o mundo diferente”, a experiência de AA. Considera-se hoje iluminado, porque parou de beber e afirma, seguro, que nasceu novamente, com bondade e dignidade, que havia perdido devido ao excesso de álcool. Dessa forma, o alcoólico passa a avaliar seu passado tendo em vista as diretrizes de AA, enxergando-se um ser humano melhor que o que fora, quando bebia, alguém responsável, bom e digno.

Tudo isso porque hoje eu sou uma pessoa que procuro dentro desse princípio da irmandade fazer o meu melhor em tempo de vida diferente daquela que eu era antes. Digo a vocês fazendo um paralelo, eu hoje sou uma pessoa que gosto mesmo do mundo diferente. O mundo de AA é diferente do mundo que tá na ativa, certo? Então hoje eu sou uma pessoa que procuro cada vez mais me alimentar desse remédio que tem aqui na cabeceira-de-mesa. (...) Então nós somos pessoas iluminadas porque deixamos parar de beber. Acabei com aquele homem embriagado e nasce um pai de família, nasce bondade, com dignidade, com vergonha, com caráter, com credibilidade. (DEP 20)

Para finalizar, o narrador reflete sobre como poderia estar hoje se estivesse ainda a beber álcool, provavelmente morto.

... mas se eu tivesse continuado no álcool hoje eu era finado... (DEP 20).

Percebe-se que, ao longo dos depoimentos, os oradores mudam seus sentimentos, o modo de dizer, o tom com que proferem suas palavras à medida que saem dos dramas do passado para mostrarem-se como um indivíduo renovado, sem o vício do alcoolismo. Ao entrarem em AA, tomam conhecimento das idéias da irmandade e passam a julgar o passado por meio delas. Mostram em suas narrativas que mudaram após iniciar o tratamento de recuperação, que se tornaram pessoas muito melhores do que eram quando bebiam diariamente.

Nestes termos, o tom do alcoólico nas narrativas varia do ressentido, por causa de certa mágoa por ter provocado tanto sofrimento a si mesmo e aos familiares, que o desprezam, de mágoa, por ter sido ignorado pelas pessoas próximas e pela sociedade, a um tom autoconfiante e seguro quando se refere ao ser hoje, à fase de alcoólico em recuperação. Além disso, o contentamento também está presente por sentirem que estão melhor que antes, que se tornaram pessoas melhores, que agem corretamente na sociedade, seguindo um discurso moralista. Assim, se constitui um caráter de um enunciator ressentido com o passado, fragilizado, físico e psicologicamente, em decorrência do excesso de álcool e das mazelas por que passou sem o apoio da família e sem emprego, respectivamente, mas autoconfiante, forte e esperançoso em relação ao presente e ao futuro. A corporalidade também varia de um corpo débil e desequilibrado a um corpo forte e firme. Esse tom dos depoimentos confere ao *ethos* de cidadão uma concepção mais concreta, quiçá mais “palpável”, no sentido de ser mais explícito, que “salta aos olhos”.

Dessa forma, o enunciator constrói um *ethos* de cidadão, que se constitui a partir do momento que o bebedor pára de beber álcool, entra na irmandade e inicia a terapia de recuperação para tornar-se sóbrio. Assim, reconstrói sua vida, fortalece-se e reconquista um espaço na sociedade, por tornar-se produtivo, o amor e o respeito dos familiares e passa a ser visto dignamente.

## **CONSIDERAÇÕES**

*Ser bom em ciência, como ser bom no senso comum, não é saber soluções e respostas já dadas. Estas podem muito bem ser encontradas em livros e receituários. Ser bom em ciência e no senso comum é ser capaz de inventar soluções. (ALVES, 1988, p.19)*

Alcoólicos Anônimos surgiu na década de 1930 nos Estados Unidos da América e constitui um grupo formado por homens e mulheres que têm como objetivo permanecer sóbrios e ajudar outros alcoólicos que ainda sofrem com os males causados pela ingestão excessiva de álcool.

A irmandade, como os membros a denominam, foi fundada por dois ex-bebedores norte-americanos, Bill W. e Dr. Bob, que acreditavam que ajudar outros bebedores contribuiria para manter os dois sóbrios. Para AA, o alcoolismo é uma doença progressiva e incurável, e, para permanecer sóbrio, o alcoólico deve evitar o primeiro gole de bebida.

Em 1939, o grupo publicou *O livro azul*, onde se concentra toda a filosofia e o programa de recuperação da irmandade. Nesse livro, encontra-se as Doze Tradições, que são princípios que orientam a abertura de grupos de AA ao redor do mundo para assegurar a unidade da irmandade. Além disso, está presente também o tratamento de recuperação de alcoólicos através dos Doze Passos, que, com um discurso médico, religioso e moralista, admite a impotência perante o álcool, a necessidade de cuidados de Deus para alcançar a sobriedade a cada 24 horas e a humildade para reconhecer os males provocados a outrem durante o período de alcoolismo ativo.

Para alguns membros do grupo, não basta seguir os Dozes Passos, é fundamental também manter contato com outros alcoólicos, participar das reuniões do grupo e depor na cabeceira-de-mesa. Para os AAs, o ato de depor é importante por permitir ao alcoólico lembrar o passado cercado de tragédias, mostrar aos ouvintes que mudou e, por conseguinte, reafirmar a sobriedade. De acordo com Fabrício (2006), narrar histórias é um processo de interpretação de eventos pelo narrador, que lhes dá significado.

Nessa pesquisa, trabalhamos com os depoimentos dos AAs em que estes retomam os dramas vividos enquanto alcoólico ativo, sempre permeando as esferas da vida em família e

no emprego, relacionando-se aos papéis sociais que desempenham em sociedade, e apresentam as mudanças por que passaram desde que entraram em AA. Como fazem parte de um grupo que consideramos uma comunidade discursiva, os membros incorporam o discurso da irmandade e passam a avaliar o passado e orientar o futuro por meio deste. Assim, seguindo a perspectiva de Santos (2007), consideramos que os AAs narram suas histórias sob a ótica do presente em que se encontram, estabelecendo a passagem de uma condição de vida ruim para uma melhor. De acordo com Bastos & Santos (2006, p.226), “o contraste entre o presente e o passado se faz especialmente visível.” Por quanto mais sofrimento passou o narrador, maior é o seu desejo em mudar e mostrar essas mudanças, inclusive para convencer o auditório e conquistar novos adeptos.

Dessa forma, verificamos que o alcoólico constrói em suas narrativas duas cenografias que são sempre postas em contraste, a de um homem que bebe excessivamente e negligencia algumas obrigações que lhe são impostas e vive uma vida desequilibrada, reprovada pela sociedade, porém, ao entrar em AA, torna-se um homem que sofre da doença alcoolismo, mas que é abstinente e cumpre com suas responsabilidades de acordo com os papéis sociais que desempenha. A partir dessa tensão entre as duas cenografias, os AAs rejeitam o estilo de vida do alcoólatra, o *habitus*, como forma de enfatizar a mudança na vida para a melhor e para reafirmar a sobriedade.

Isso foi verificado a partir da análise das temáticas recorrentes nas narrativas, que são as seguintes: o ser alcoólico, a família, o trabalho e os amigos. No tópico sobre o ser alcoólico, expusemos como os AAs interpretam o que eram e como viviam antes de tornarem-se membros de AA e como se vêem após ingressarem no grupo. Sob influência do discurso da irmandade, constroem uma identidade de pessoa alcoólica, que busca a cada 24 horas a recuperação. Além disso, vêem-se de forma positiva, enquanto doentes, e reprovam as denominações da sociedade acerca da pessoa alcoólica: “o cachaceiro”, “o desocupado.” Sobre as relações familiares, os depoentes reprovam os atos de violência cometidos contra os pais, a esposa/o marido e os filhos e a ausência no exercício dos papéis de filhos, marido/esposa e pai/mãe e tentam mostrar que os restabeleceram após parar de beber e integrar a irmandade. Sobre o trabalho, os narradores mais uma vez reprovam a forma como agiam no emprego, negligenciando-o, ou mesmo faltando-o com recorrência até sua perda definitiva, uma vez que passa a ter pouca importância na vida do alcoólico ativo em detrimento do vício da bebida alcoólica. No entanto, quando entram em AA, os membros

percebem a necessidade de ter um emprego para reconstruir a vida. E, finalmente, os amigos, para os AAs, eram aqueles companheiros de bebedeiras para os quais pagavam bebidas, mas, em AA, amigos são os que estão juntos objetivando parar de beber e reconstruir a vida em sociedade de forma a serem aceitos e respeitados por todos.

Verificamos ainda que a mudança por que passam os AAs também interfere no modo como constroem o caráter e a corporalidade, de acordo com Maingueneau (2008). Através do tom do discurso, os membros vêm-se hoje como pessoas fortes, autoconfiantes e esperançosas, mas que se encontravam, antes de entrar em AA, com corpo débil e desequilibrado e extremamente frágeis. Mais uma vez, tornar-se membro de AA foi decisivo para a mudança, primeiramente, ao parar de beber e, por conseguinte, ao tornar-se um ser firme.

Dessa forma, consideramos que os alcoólicos, a partir do momento que entram em AA, começam a absorver o discurso da irmandade e passam a avaliar seu passado e orientar seu futuro tendo em vista tal discurso. Assim, vêm-se, em relação ao passado de alcoolismo, como bebedores-problemas, que se envolviam em brigas, que não cumpriam com as responsabilidades inerentes aos papéis sociais que desempenham e esperadas pela sociedade e que “abandonavam” econômico e afetivamente seus familiares. Eram seres maltrapilhos, que perambulavam, muitas vezes pela cidade, caíam em calçadas, viviam sujos, eram apontados na rua como “vagabundos” e eram menosprezados, inclusive, por entes da família. Enfim, improdutivos, não eram considerados como pertencentes à sociedade, eram não-cidadãos. As mudanças começam a ocorrer, de acordo com eles, quando conhecem Alcoólicos Anônimos e passam a seguir a programa de recuperação de doentes alcoólicos. Com isso, deixam-se influenciar pelo discurso da irmandade, de teor médico, religioso e moralista, e passam a se ver de um outro modo. Constroem, então, uma imagem de doentes, alcoólicos em recuperação, que restabelecem seus papéis sociais e agem de acordo com as expectativas referentes à ação social. Reconquistam o carinho da família e o emprego e vêm-se, enfim, como pessoas respeitáveis. Consideramos, dessa forma, que os AAs constroem por meio das narrativas a imagem de cidadão em detrimento do passado de bebedeiras que tiveram. Por meio do discurso, verbal e não-verbal, tentam persuadir o auditório da mudança que sofreram. Hoje, portanto, tentam transmitir a imagem de que são cidadãos que cumprem com seus deveres e merecem o respeito de todos.

Para a elaboração dessa pesquisa, tivemos que freqüentar a irmandade Alcoólicos Anônimos e observar seu funcionamento, especificamente, o grupo São Vicente de AA, no bairro Antônio Bezerra, para analisarmos a organização e o modo de interação dos membros. Essa pesquisa nos despertou interesse por envolver histórias de vida, que era algo ao qual já nos dedicávamos, embora sem o aparato da ciência. Assim, decidimos unir a paixão pela audição de histórias ao engajamento científico. À princípio, ouvir as histórias dos AAs nos chocou por se tratar de pessoas que perderam tudo que possuíam de valor, afetivo, econômico e social, e que chagaram à sarjeta moral e física. Embora estivéssemos cientes de que a vida de um depende de álcool é cheia de “derrotas”, como falam os próprios membros do grupo, não esperávamos ouvir tamanhas tragédias. Mas, por ser uma pesquisa científica, tentamos sempre nos manter emocionalmente afastados dos membros do grupo, embora permanecêssemos atentos ao funcionamento e organização da irmandade. Além disso, tentamos não emitir um juízo de valor acerca dos atos e narrativas dos membros do grupo por considerarmos que isso não nos cabia. Apesar disso, sabemos que, enquanto pesquisa científica, há conseqüências morais em sua conclusão.

Acreditamos que a pesquisa acerca do discurso de AA não se encerra por aqui. Essa parada, obrigatória, deixa-nos ainda repletos de indagações que poderão ser respondidas com pesquisas futuras. Por exemplo, é possível ainda pensarmos em como ocorre o processo de inculcação do discurso do grupo nos membros. Embora não tenha sido citado no decorrer da pesquisa, percebemos que os recém-ingressos em AA mantêm um discurso diferente dos membros mais antigos, por não terem ainda o sentimento de pertencimento do grupo. Ficamos, então, curiosos para verificarmos como podemos afirmar que um sujeito faz parte realmente de um grupo.

Finalizamos, então, essa seção com uma citação de um depoimento que, de forma sucinta, apresenta o discurso da irmandade Alcoólicos Anônimos e de seus membros.

Quando a gente passa pela porta de Alcoólicos Anônimos passa pela mão do bisturi do Poder Superior, do bisturi de Deus e aí é para quem tem vontade de parar de beber. E hoje eu quero parabenizar esse rapaz aqui que o AA é o maior presente que você deu para sua família. Aqui é a maior irmandade que dá de graça o que eu recebi de graça. (DEP 16)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCOÓLICOS ANÔNIMOS. **44 Perguntas**. São Paulo: JUNAAB – Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil, 1993.

\_\_\_\_\_ **Alcoólicos Anônimos**. São Paulo: CLAAB, 1994.

\_\_\_\_\_ **Os Co-fundadores de Alcoólicos Anônimos**. São Paulo: JUNAAB – Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil, 1997.

AMOSSY, Ruth. (org.). **Imagens de Si no Discurso**: a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_ *O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos*. In: **Imagens de Si no Discurso**: a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ARISTÓTELES. **Arte Retórica**. São Paulo: Ediouro, s/d.

AUCHLIN, Antoine. *Ethos e a experiência do discurso: algumas observações*. In: MARI, Hugo *et al* (orgs.). **Análise do Discurso**: fundamentos e práticas. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BASTOS, L. C. *Contando Estórias em Contextos Espontâneos e Institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa*. *Caleidoscópio*. Ed. Unisinos, v.3, n.02, p.74-87, 2005.

BASTOS, L. C. & DANTAS, M. T. L. *Construções Identitárias de Gênero na Fala de uma Paciente Psiquiátrica/Artesã: em busca da cura pelo trabalho*. Comunicação apresentada na XI Congresso da ASSEL-Rio, 2001.

BASTOS, L. C. & SANTOS, W. S. dos. “Caramba, e eu era assim, pelo amor de Deus”: a perspectiva do presente na reconstituição identitária em narrativas de conversão religiosa. In: MAGALHÃES, Izabel; GRIGOLETTO, M. & CORACINI, M. J.. **Práticas Identitárias: língua e discurso**. São Paulo: Claraluz, 2006.

BERNARDINO, C. G. **Depoimento dos Alcoólicos Anônimos**: um estudo do gênero textual. Fortaleza. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Federal do Ceará (UFC), 2000.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. – 10ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_ **A Economia das Trocas Simbólicas**. – 6ª ed. – São Paulo: Perspectiva, 2005.

\_\_\_\_\_ **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papyrus, 1996.

BRUNER, Jerome & WEISSER, Susan. *A invenção do ser: a autobiografia e suas formas*. In: OLSON, D. R. & TORRANCE, N. (Orgs.). **Cultura Escrita e Oralidade**. -2ª ed. - Editora Ática, 1997.

CABELLEIRA, D. M. *Comunidades de Prática – conceitos e reflexões para uma estratégia de gestão do conhecimento*. XXXI Encontro da ANPAD-Rio, 2007.

CAMPOS, E. A. **Alcoolismo, Doença e Pessoa**: uma etnografia da associação de ex-bebedores alcoólicos anônimos. Tese (Doutorado em Ciência Sociais). Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHAVES, Eduardo. A natureza da moralidade. In: <http://myblogs.net/spaces/200602.htm>. Acesso: 22/05/2008.

EGGS, Ekkehard. *Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna*. In: **Imagens de Si no Discurso**: a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

FABRÍCIO, B. F. *Narrativização da experiência: o triunfo da ordem sobre o acaso*. In: MAGALHÃES, Izabel; GRIGOLETTO, M. & CORACINI, M. J.. **Práticas Identitárias: língua e discurso**. São Paulo: Claraluz, 2006.

FERNANDES, Josicelia D., OLIVEIRA, Maria Rita & FERNANDES, Juliana. Cidadania e qualidade de vida dos portadores de transtornos psiquiátricos: contradições e racionalidade. *Revista Esc. Enferm. USP*, 2003.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Edições Loyola, São Paulo, 2006.

GONÇALVES, J. B. C. **Poder e Afeto nas Narrativas Bíblicas**: uma análise da construção do *ethos* discursivo nas parábolas contadas por Jesus. Fortaleza. Tese (Doutorado em Lingüística). Universidade Federal do Ceará (UFC), 2006.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da Conversação**: princípios e métodos. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. São Paulo: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **O Contexto da Obra Literária**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo: Contexto, 2005a.

\_\_\_\_\_. *Ethos, cenografia e incorporação*. In: AMOSSY, Ruth. (org.). **Imagens de Si no Discurso** (a construção do *ethos*). São Paulo: Contexto, 2005b.

\_\_\_\_\_ e CHARAUDEAU, Patrick. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. **Cenas da Enunciação**. Curitiba, PR: Criar Edições, 2006a.

\_\_\_\_\_. **Discurso Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006b.

\_\_\_\_\_. *A propósito do ethos*. In: MOTA, Ana Raquel & SALGADO, Luciana. (orgs.). **Ethos Discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. **Pragmática para o discurso literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Gêneses do discurso**. Paraná: Criar edições, 2007.

MARCONI, M. de A. & LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. – 4ª – São Paulo: Atlas, 2004.

MARTINEZ, Paulo. **Direitos de cidadania**: um lugar ao sol. São Paulo: Scipione, 1996.

MASUR, Jandira. **O que é Alcoolismo**. - 2ª ed.- São Paulo: Brasiliense, 2004.

MELLO, C. M. M. *A cenografia de um drama romântico Henri III et sa cour (1829) de Alexandre Dumas*. In: PAULIUKONIS, M. A. L. & GAVAZZI, Sigrid. (orgs.). **Da Língua ao Discurso**: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MORATO, Edwiges Maria. *O Interacionismo no Campo Lingüístico*. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina. (orgs.). **Introdução à Lingüística**: fundamentos epistemológicos. – 2ª ed. – São Paulo: Cortez, 2005.

MOTA, L. de A. e. **A Solidariedade entre os Alcoólicos Anônimos**: a dádiva na modernidade. Fortaleza. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará (UFC), 2002.

NETO, Otávio Cruz. Capítulo III, *in Pesquisa social*: teoria, método e criatividade. – 6ª ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

NOVA, Sebastião Vila. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Atlas, 1981.

PERELMAN, Chaïm & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação**: a nova retórica. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SANTOS, W. S. dos. **O Longo Caminho até Damasco**: rede de mudança e fluxo de mudança em narrativas de conversão religiosa. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), 2007.

WENGER, Etienne. **Communities of Practice**: learning, meaning and identity. USA: Cambridge University Press, 1998.

## ANEXOS

### DEP 01

Companheiros, boa noite! Quero agradecer a Deus mais uma vez por tá continuando o tratamento e por mais 24 horas. Quero agradecer ao grupo mais uma vez por mim receber, pra mim tá continuando o tratamento. Eu só vim conseguir depois que eu conheci a irmandade de Alcoólicos Anônimos. Quero lembrar o que o companheiro falou aqui que às vezes das mil palavras que se fala só uma serve para identificar o problema. Eu também quando eu chegava aqui na irmandade de Alcoólicos Anônimos uma palavra só identificava que eu sou alcoólatra. Eu tive uma série de problemas por causa de álcool. Eu tava ali pensando como o álcool tira a infância de uma pessoa. Porque eu não lembro da minha infância, eu não tive adolescência. Com 14 anos eu já tava bebendo. E o álcool foi entrando dentro de mim sem eu notar, né? Porque eu tomava muita bebida alcoólica, mas não tinha ajuda para permanecer parado e quando eu voltava a beber sempre eu queria tirar o atraso. E foi dessa maneira que eu vim descobrir que tinha a irmandade de Alcoólicos Anônimos. Eu lembro que eu arranjei uma namorada, né? Eu tirei aquela moça de dentro da casa do cidadão pra casar comigo. E aquela moça sofreu muito ali ao meu lado. Não humilhação, não peia. Eu graças a deus não queria bater nela, graças a deus, agradeço a Deus todo santo dia por não ter acontecido isso e hoje ela é falecida né? Porque as coisas que eu aprontei no meu tempo de alcoolismo que eu vivi com ela eu tenho que pedir desculpas, mas ela tá no caixão e eu não tenho mais como pedir desculpas por todas as mazelas que eu já fiz. Mas eu, eu conheci a irmandade de Alcoólicos Anônimos, né? Eu chagava, eu, eu sempre, eu falo que eu não cheguei aqui abordado por alguém que disse: “rapaz, vamos conhecer os Alcoólicos Anônimos.” Eu lembro que uma vez eu cheguei em casa e falava pro meu pai que eu não tava embriagado. Eu tinha uma dificuldade de caráter e ele vinha me dar conselho e eu não aceitava. E ele me expulsava de casa. Eu lembro que lá em casa tinha uma área e ele me empurrava dizendo que daquele jeito não era um filho dele. Minha mãe vinha chorando atrás. Quando meu pai voltava do portão ela dizia que meu voltava do portão minha mãe ia atrás de mim e dizia que eu tinha problema de bebida, que eu devia fazer parte da irmandade. Era o conhecimento que ela tinha de Alcoólicos Anônimos. E eu não sabia o que era Alcoólicos Anônimos, não sabia o que era AA. E me falou do AA. E digo a vocês que seis meses depois eu sofrendo do alcoolismo, eu passando em frente ao Banco do Brasil, na época, né? Eu levei uma pancada, que eu olhei vi duas letras numa janela de vidro e olhei e lembrei do AA da minha mãe. E quando as letras se

juntaram ficou os dois A e eu me lembrei do AA da minha mãe. Não sei como e quem me levou aquilo, creio que foi Deus. E quando eu dei por mim eu tava na última cadeira e eu ouvi a fala do último orador da cabeceira de mesa. Cheguei embriagado e aquele orador contou minha história, em quinze minuto, ele contou minha história todinha e eu me identifiquei aqui dentro dos alcoólicos. Tem uma cena gravada aqui na minha cabeça que pode eu posso viver mil anos aqui nessa terra que eu não esqueço, pegar a farinha, colocar dentro numa xícara com água e dar pro meu filho de um ano, viu? Eu não esqueço nunca. E eu digo para vocês que hoje eu vendo a irmandade de Alcoólicos Anônimos eu antes de eu chegar aqui a minha família era uma família flagelada, não tinha o que comer, não tinha o que vestir, não tinha nada, não tinha onde morar. E eu ganhava o suficiente para manter aquele lugar. E meus filhos hoje tão adultos, já casados, né? E alguns deles me ajudam muito também. E às vezes eu fico pensando o que seria daquelas crianças hoje se eu tivesse desistido. Porque era um flagelo e eu tinha certeza que eu tinha condições de mantê-los bem porque eu era bem empregado. Mas hoje eu tô nisso aqui, com muito orgulho. Passei a fazer meu programa, passei a gostar e vocês, viu? E passei a participar de reuniões, viu? Escuto os companheiros, aceito críticas, o que vier. Porque isso aqui é hoje a maior irmandade do mundo, viu? Eu considero a maior irmandade do mundo. Digo p vocês que eu dentro do programa, né? Com muito orgulho pra mim eu tô com 22 anos de sobriedade, certo? (palmas) 22 anos que eu digo pra vocês de alegria, sabe? Eu já vi pessoas dizer aqui que não tem felicidade, tem momentos felizes. Eu sou feliz e tenho meus momentos de felicidade. E só em eu fazer parte dos alcoólicos anônimos é inteira felicidade. Quero parabenizar mais uma vez os companheiros do grupo Tiradentes, agradecer os companheiros que me receberam e o espaço e mais 24 horas pra todos nós.

## DEP 02

Companheiros e companheiras, meu cordial boa noite! Mais uma vez estou aqui no Grupo São Vicente. É uma alegria muito grande eu estar sóbrio e abstendo qualquer tipo de bebida alcoólica. Realmente foi uma luta conseguir ajuda, acessar a uma sala de AA. Fiz 40 anos de bebidas alcoólicas. Evidentemente que com 16 anos de idade eu já provava bebidas alcoólicas. Não via nenhum problema naquela época, era uma criança. Mas eu me tornei um bebedor social a partir de 1962, quando eu comecei realmente a trabalhar. Pior é que eu tive tendência natural para realmente me projetar muito no alcoolismo. Sou realmente filho de um alcoólatra que já partiu. Meu pai em 1945 deixou de beber. Porque era um cidadão de muita responsabilidade, arranjou um emprego na Reserva. Ele parou de beber por 30 anos. Mas no

dia que o patrão deixou, ele foi comemorar e aí voltou aquele mesmo problema que acontecia com ele lá em Caucaia. No mesmo dia ele caiu no pé do balcão. Porque um alcoólatra é sempre um alcoólatra. Mas nem sempre a hereditariedade é o problema. Eu sei que o homem é o produto dele. O irmão dele mais velho nunca bebeu e os filhos tudo são alcoólatra. Alguns deles até já partiu. Anteontem morreu um primo meu com 72 anos, bebia também. Uma irmã que bebia que morreu mais foi de problema no pulmão de fumar demais. E papai com 4 filhos realmente era um alcoólatra. O mais velho foi só bebedor social logo em seguida abandonou as bebidas, eu tive que fazer meu tratamento através da irmandade Alcoólicos Anônimos. O outro irmão ele procurou outros caminhos da espiritualidade, santuário de Nossa Senhora de Lourdes, aqui no bairro aqui de Porangabussu. O outro meu irmão ta se acabando no alcoolismo. Já se arruinou na família, os filhos não querem mais nada com ele, tem um que vai casar agora que é da mesma profissão dele, sargento da aeronáutica e ele não quer nem que o pai dele vá ao casamento. Ele acaba de me dizer a pior. Eu moro em frente a casa dele e disse que tinha parado de fumar, né, e perguntei a ele “e você com as suas bebidas?” “não eu não sou alcoólatra, alcoólatra é você que começo a beber desde os doze. Eu sou realmente, eu sou alcoólatra porque realmente, mas eu aceitei a derrota companheiros, mas eu não tô fora daqui porque eu estou lhe abordando não, porque eu já fui convidado pela minha irmã, virei aposentado hoje da refesa, mas eu cheguei lá pra fazer a abordagem, mas eu nem quis fazer porque ele é muito arrogante e prepotente o meu irmão. Por ele é um camarada com, com a razão fora de sério porque não tem condições de eu abordar meu irmão porque um rapaz que ainda como aluno da escola da aeronáutica levava um tremendo dum murro ali pero de viajar para Guaratinguetá. Depois esse homem ameaçou um sargento da aeronáutica. Foi preso pela polícia perto daqui. Recebeu um adicional, perdeu todinho numa farra. Agora tá com a família destruída por causa do alcoolismo. Agora recentemente no casamento do sobrinho dele, do filho dele, deu mais uma porrada na mulher dele. Então são uma série de coisas. O Camarada diz que não é alcoólatra, eu que sou, me esbarrou muitas vezes. “Agora você viu companheiro, você foi à falência total, NE? Eu sou um derrotado, mas eu tenho meu lar e você não aceita o problema do seu alcoolismo. Eu não posso fazer nada. Agora eu não estou aqui pra fazer abordagem a você não.” Eu falei que eu tô aqui, que eu não tenho problema de família. Eu estou aqui me comparando.

DEP 03

Boa noite, companheiros, visitantes. Tá aqui meu nome, eu sou alcoólatra. Pela graça de Deus e pela minha vontade e perseverança e persistência. Sempre voltando às salas de AA. É mais

um dia que eu volto e me encontro com meus companheiros. Eu sou portador da doença do alcoolismo e é justamente essa doença que me fez chegar no AA, certo? E é justamente ela que poderá me levar lá pra fora de novo, se eu não tomar cuidado, certo? Todo cuidado é pouco. Eu vejo que é necessário que eu volte às reuniões. Quando eu volto às reuniões parece que algo acontece que faz com que eu volte de novo. É eu me encontrar com meus companheiros que faz eu lembrar a data da minha chegada. 24 horas um dia sem beber é o método que a gente usa pra não beber hoje. E cada dia que me acontece o tempo vai passando. O maior professor da vida da gente é o tempo, certo? O tempo ensina a gente. E se agente tiver bem atento vai aprender muito mais, pois são 16 anos já que eu não bebo. Aí meu companheiro vem aqui e diz: “eu também, 16 anos.” Eu quando parei de beber veio uma lei da minha adolescência. Quando a gente tá na adolescência da gente a gente não sabe o que, que quer, né? E ainda tem a família pra atçar: você vai ser médico, você vai ser tenente da polícia, vai ser igual ao teu pai. Eu ouvi muito isso da minha família certo? Só que quando eu parei de beber, diz aí que veio essas coisas. Uma delas, quando eu cheguei aqui no AA eu tava preso como integrante da polícia militar, como soldado. E quando eu cheguei no AA, que eu parei de beber, que descobri o tamanho do erro que eu tinha cometido eu decidi agora eu vou acertar todinho. Mesmo pensamento meu. Agora eu vou descontar, agora eu vou acelerar. Agora eu queria ser coronel da polícia, né? De cabo pra coronel, de soldado pra coronel é muito distante, né? Então eu muito vexado. E o AA veio me ensinando aqui, que não é por aí. E um companheiro chegou pra mim e disse: O que você quiser pode acontecer, cuide da sua casa primeiro. Não só o nosso companheiro, mas a nossa literatura diz o que o nosso companheiro falou aqui. Cuide da sua casa, do seu lar. Se eu não tomar de conta do meu lar, que é o meu corpo onde eu resido, esse é que é o importante, a minha casa, a minha família, os meus filhos, os meus vizinhos, não vai prestar não. Nem o AA. Mas a partir do momento que eu peguei esse neguinho, que era lá no bairro, lá em casa, é esse mesmo, esse não, aquele acolá, é esse mesmo o (\*\*). Logo quando eu cheguei no AA teve uma força muito importante. Ele me tocou: o problema sou eu. Não é o bar, não é a bebida, o problema sou eu. E a minha caminhada aqui, aí eu descobri que eu não posso ficar só pra mim. Há uma grande necessidade de eu informar pro outro. É tanto que eu levei na cara, logo de início. Nos meus vexames. Pra vocês terem uma idéia eu queria fazer meus amigos parar de beber todinho. Eu descobri que era tão bom ficar sem beber que eu fui chamar meus amigos. Diz aí que me xingaram, fizeram piada. Isso é pra tu ver. Olha, eu tomei o copo da mão do meu amigo, um copo de cerveja, oh! Maior felicidade dormindo. E eu sei, hoje eu sei, que o cabra que ta bebendo no início quando ele fugir de uma ressaca um copo de cerveja eu sei o sabor daquele

bicho ali, viu? Você de ressaca de manhãzinha, tando liso, certo? Doido pra tu beber um negócio e no fim tem um amigo lá no bar e diz: “(\*\*\*), bora aqui, só falta você!” Acho que é o convite mais pai d’égua que pode existir pra um alcoólatra. Então, quando eu vi o meu amigo com um copo eu disse: “rapaz faça isso não.” Aí ele foi e bateu. Bateu por quê? “Quem não pode fazer isso aqui é tu, macho. Quem deu na cara do teu amigo dentro de casa. Eu não faço um negócio desse não, vai pra lá.” Então depois que eu parei de beber, eu me analisando, nem pra beber eu presto mais. Quando eu digo isso comigo, fica mais fácil de eu chegar amanhã: nem pra beber eu presto mais, pronto. Eu sei o tamanho da situação que eu passei por causa de bebida. E através de bebida alcoólica, eu me envolvi não bocado de dependências, certo? Pra vocês terem uma idéia até psicotótico eu fiquei dependente. As minhas loucuras. A minha mãe uma vez eu cheguei fardado, eu não me lembro a hora que eu cheguei, eu sei que eu caí na sala. Aí sabe como é a mulher da gente, a mãe da gente vai mexer no bolso da gente, mexe mesmo. E eu do jeito que eu tava fardado, caindo no chão, o bolso tava aberto. E apareceu assim a cartela de comprimidos. Ela tirou, olhou, era diazepam. Eu já tava indo pro hospital, certo? Tinha arrumado comprimido, tinha bebido tava bebendo, só deu pra minha vê o comprimido. E o outro dia ela mostrou: olha aí o que eu encontrei no seu bolso! Esse comprimido aqui é um tranqüilizante para as pessoas que são alvoroçadas. “Que que você ta fazendo com isso dentro do bolso?” “Vixe Maria!” Porque a coisa mais difícil que eu passava, rapaz, é que eu não me lembrava como as coisas aconteciam. O processo de bebedeira, aí quando eu parava, aí vinha aquela sabe? A síndrome de abstinência. A revolta: ‘que foi que eu fiz?’ as vezes o dinheiro que eu tinha no bolso não tava mais. ‘Foi minha mulher que me roubou’ só dizia isso. E eu dizia: “que vê como foi” “rapaz eu tô sem nenhum tostão aqui, rapaz é bom pedir” eu não sabia. Aí a pobre da mulher arriada. É tanto que a minha mulher hoje tem um problema sério de depressão. Mulher é... depressão. Eu tenho uma filha também na mesma situação. Então a minha família é aquela que passou o drama do alcoolismo, né? A doença entrou em mim e eu fui desconhecendo, aí o despacho foi feio entre a minha mulher e os meus filhos. Ficou difícil? Ficou! Hoje eu sinto na pele. E agora para reparar o dano causado pro futuro? Também quando parei de beber queria logo resolver isso aí. E não é por aí. E eu consultei o companheiro ali até numa reunião temática, o oitavo passo, né? Para reparar os danos as pessoas que eu causei não posso acelerar não. E alguém pode até dizer assim: “rapaz só você ta tendo a intenção de reparar esses danos pra mim fique tranqüilo. É uma conquista.” Porque tinha um sargento da polícia, o sargento (\*\*\*), eu botei ele pra correr. “Vá se embora!” Eu disse desse jeito pro homem oh! Ele ia passando na minha rua, na mesma rua. Aí tava os filhos dele e ele. Aí quando eu passei, alcoólico é cismado, eu pelo menos era cismado

demais, aí ele ia passando eu só vi foi a risada oh! Kkkkkk aí eu disse isso aí é comigo, ele ta rindo de mim. Aí eu me virei: “ta rindo de quê? Tu pensa que eu sou palhaço, é?” Aí todo mundo pára né? Fica surpreso. Ora, eu de costa, talvez o sargento sorriu de uma piada que tava contando ali, aí acharam graça e eu. Aí riram de novo, aí eu saquei do revolver, aí PA PA no meio da rua. No outro dia de ressaca, aí é onde vem aquela ressaca moral miserável. Quando eu ia saindo minha mulher me perguntou: “ (\*\*\*) , tu atirou em quem? Pra quê?” Aí eu não sei, eu não sabia que eu não me lembrava. Aí apareceu o sargento (\*\*\*) e os filhos dele: “Oh filho, se a polícia não resolver esse problema seu aí eu vou dar parte de você no comando. Se não resolver, nós vamos conversar isso aí vamos resolver.” Aí eu: “que é isso sargento, que é isso” de ressaca não é? Aí pronto tinha caído a ficha. “Que é isso sargento, que é isso que foi que houve?” Já pensou se eu tenho matado o homem, se eu tivesse matado alguém? Mas voltando a reparação dos danos. Quando eu parei de beber eu fui procurar o sargento. Aí ele não aceitou não. Aí eu corria pra cá: “rapaz, eu tô num sufoco danado. Meu vizinho é um homem que eu causei um mal, esculhambei, talvez poderia até ter sido muito maior a situação e hoje eu procuro ele pra conversar ele não quer em conversa.” Aí um companheiro: “rapaz, vá com calma”. E ele é evangélico oh! Aí eu descobri, eu vou na igreja dele, lá no Conjunto Ceará, Assembléia de Deus oh! Dia de domingo. Me aprontei, agora eu converso com ele. Fui pra igreja. Fui bem recebido lá. Aí me entreguei aí disseram: “vai ter uma festa no céu”, isso comigo oh! Aí me receberam, pegaram meu nome, deram lá pro pastor, né? Porque lá dentro da igreja anunciam os visitantes. Achei aquilo interessante. Vi uma cadeira perto dele vazia, eu digo: “vou sentar bem pertinho dele” mais uma vez. Alcoolismo é uma doença. Mesmo parando de beber, vem a situação, o vexame sabe? A ansiedade, a ira. Porque que ele não me ouve? Olha ma! “Tu ta afim de levar uma mãozada?” Aí eu, PA, me sentei perto dele aí ele, PA, se levantou. Ora o cara vai falar de peia, tô indo pro AA parar de beber. Ele: só vai com peia e muita, quer repetir a dose?” Aí eu no AA diz que a gente deve reparar os danos. “Não rapaz, vá com calma!” Olha aí como a coisa funciona. Aí eu fui lá pra uma reunião ali no bairro Nossa Senhora das Graças. Saí do Conjunto Ceará de bicicleta. Aí quando eu cheguei lá, era uma reunião temática. Eu tava... companheiro (\*\*\*) era o facilitador aquele que facilita pros meus companheiros. Aí eu me sentei. Pra começar eu disse: rapaz, o cara sai lá do Conjunto Ceará de bicicleta e chega aqui uma reunião temática, como é que pode um negócio desse? Mas só que é justamente aí onde as coisas acontecem. É justamente aqui que eu passei uma experiência, que as coisas não vem por acaso. Há algo que já tá feito pra mim ouvir. Já sei disso. Então logo que eu não sei explicar pros meus companheiros que tava acontecendo. A mesma coisa, a minha chegada no

AA. Eu disse que ia parar de beber e aconteceu e as pessoa: “rapaz, parou de beber só ouvindo?” aí eu sentei e começou a preparação, a abertura. Aí começou a passar para os companheiros aí chegou na minha vez. Ai o companheiro (\*\*\*) aí. Aí eu fui contar a história do sargento: “rapaz eu tô numa situação difícil. O sargento lá não quer conversa comigo não.” Aí eu contei. Aí o (\*\*\*), olha aí como é as coisas, ouviu, NE? Aí o (\*\*\*) tava lá sentado lá atrás oh! Aí ele disse: “olha aí (\*\*\*) o problema do (\*\*\*) aqui!” olha eu não me esqueço não! Às vezes, o cabra diz mil palavras, aí só uma que vai servir. Oh o que foi que o homem disse lá. “Companheiro se comporte! É tem que se comportar”, eu tava vexado e não estava me comportando direito. Logo logo o sargento (\*\*\*), ele também bebia, ele tava com vinte anos na igreja, tava com cirrose. Quero até dizer aos meus companheiros que a gente tem que tomar cuidado. Que às vezes a gente não quer ver o hospital, mas não que hoje eu sofro com o tempo. Depois que tenho parado de beber tem coisa aqui dentro que são sequelas da bebida e do cigarro. E o sargento (\*\*\*) se internou num hospital vizinho a minha casa. Hospital Nossa Senhora da Conceição. E a mulher dele conversava comigo, né? “Ô seu (\*\*\*), o (\*\*\*) tá aí no Hospital. Só tirando a água da barriga e parece que quanto mais tira...” Tava... Sabe? Em fase terminal. Agora uma coisa que me chamou muita atenção foi um dia pela manhã, que eu sempre de manhãzinha eu pego uma vassoura e vou fazer a faxina da minha esquina, sabe? Aí quando eu tô lá eu vi um movimento, o pessoal passando pro hospital. Quando a fé lá vem a mulher dele. Vinha do hospital. “E aí como é que tá o sargento (\*\*\*)?” “Ele faleceu.” “E, me diga uma coisa, faleceu agora, agora?” “Sim. Agora uma coisa interessante que aconteceu lá, olha o pastor, muita gente evangélica conhecido dele, mas um nome que não saía da boca dele era o seu”, Olha, tá vendo?! Ela disse que ficou, não sabia como, porque ela achava que ele tinha muita raiva de mim e não era, não era. Pra concluir, o companheiro disse: “rapaz, só a sua intenção valeu.” Mesmo eu me sentindo mal. É por isso que dessas partezinha aí eu me seguro pro programa, sem vexame. Eu adquiri uma coisa pra mim não ficar prestando atenção nos meus companheiros. Que as vezes né? O atrito. Porque pela dupla tradição ou você é animado ou é triste. Já pensou, uma vez eu tô aqui imburricado aqui. “Oh pessoal, vamos fazer silêncio aí” Isso dói. Então tem que se não nasce uma página, outra página tem que ser criada. É desse jeito. Tudo que você quiser tá dentro de você. A partir daí eu vim ver que tudo que eu quiser tá aqui dentro, basta querer. Eu dentro da minha casa, só pensando: hoje vai ter uma reunião ótima lá no AA. Eu tenho que pensar positivo, oh! Aí até isso eu aprendi. Amanheceu o dia, o dia amanhece no domingo, a negrada diz qual é o programa de hoje. Mas é hoje que a nossa tarefa se prepara pra amanhã, né? Não prepara pra amanhã? Não vou pensar até o amanhã chegar. Mas vamos preparar hoje. Se amanhã eu amanhecer com

condições do jeito que eu tô aqui eu vou trabalhar de novo. Domingo de manhãzinha oh! Vou lá no Divina Luz, Tá lá, mais de 16 anos é um companheiro de farda e de companheiro de AA, (\*\*\*)). Foi condenado, passou pela tribulação todinha mesmo fazendo parte do AA. Tá aí o resultado. Então eu sou assim porque eu vou me integrando com meus companheiros. Eu tô na minha atividade, voltei. Mais exemplo pra mim, eu sempre tô observado. Eu tô trabalhando no presídio feminino e uma coisa que me chamou muita atenção, certo companheiros. Eu falo isso aqui, não é falando do outro não, certo? É tomando como exemplo. Aquela mulher que foi acusada de ter rebolado a criança, soltado a criança numa estrada, ela tá lá. E hoje de manhã que eu tava lá no presídio, aliás ontem à noite que entrei ontem de manhã, a segurança é feita por dois policiais, na primeira cela foi a dela tava clã escoradinha lá, aí eu pedi a Deus pra falar alguma coisa. Aí tinha uma irmã, era uma irmã presa ali com um novo testamento. Tava lá. Aí eu me lembrei com fé a leitura aí eu me lembrei do livro de provérbio capítulo 20 e versículo oh! Eita, aí eu pedi, dá pra você abrir aí no livro de Provérbio, o capítulo 20, versículo 1, você pode ler aqui pra suas amiga ouvir? E ela justamente, ela tava sentada lá. Rapaz, olha, eu me arrepiei todinho, viu? Rapaz quando a presa que tava lá perto da grade começou a ler, não sei se os companheiros já leram esse versículo, diz assim oh: o vinho e escarecedor, a bebida forte alvoroçadora, aquele que errar nunca será salvo. Rapaz essa menina entrou numa crise de choro, sabe por quê? Porque o filho que morreu, dizem que foi ela que matou, tava todos dois embriagados, perderam a coordenação motora, né? É aquela coisa, você vai segurar uma coisa, pensa que tá segurando e não tá. Isso foi ontem de noite. Quando foi hoje de manhãzinha fui de novo lá na sela. Aí eu disse pra ela: olha isso aqui não vale nada não viu? Isso aqui não vale nada! A pior prisão é a prisão da consciência. Se eu não tenho nada na minha consciência, eu tô livre. Eu disse pra ela. Toda vida que eu falava isso pra ela, ela ficava com os olhos desse tamanho olhado pra mim. Então essa é a mensagem que eu quero passar pras pessoas. Porque eu aprendi, viu companheiros. Eu aprendi. Até com meus companheiros mesmo que às vezes recai, que às vezes dá vontade de esculhambar, né? Mas não é por aí. Nós somos, temos uma doença e é possível ter uma recaída. E eu não sou diferente de ninguém não. Vocês pensam que eu tô aqui de sobriedade, já me preparando pra receber minha ficha no dia 31 de agosto e é uma Sexta-feira no grupo Menino Deus, são 16 anos, todo cuidado é pouco. Todo cuidado é pouco, meu irmão. E eu venho pra e fico todo tempo ligado. Todo tempo ligado. Todo cuidado é pouco. Todo cuidado é pouco. No dia que eu pensei que tava com tudo, não tava com nada. E é às vezes. Uma vez eu cheguei na sala de AA e eu disse: rapaz, tô me sentindo tão bem, parece que eu nunca bebi na minha vida. Aí tem aqueles companheiros mais esperto né? Que presta atenção: companheirinho, cuidado,

viu?! Eu digo: Má rapaz, olha aí! Se eu tô bem, tô legal vou tomar cuidado com quê? Aí ele disse: “Você tem que andar com cuidado”. A doença do alcoolismo ela continua aqui. Ô rapaz se tivesse ido embora oh! Num foi sabe por quê? Porque hoje ainda eu vejo um copo de cerveja eu encho a boca d’água. Mas hoje eu já disse e digo, nem pra beber eu presto mais. Então aqui eu agradeço o silêncio dos meus companheiros, a mesa coordenadora e a gente tem que o na reunião falou aí referente a nossa reflexão diária hoje. Se eu disser pra vocês que sou humilde já deixei de ser. A perfeição é só de Deus, mas eu tenho que buscar certo? Que às vezes na ignorância da gente mesmo. Ah perfeito só Deus. Mas eu tenho que ir em busca. Enquanto eu vou em busca, eu vou evitando um monte de coisas ruins. Tranquilo, certo? Tranquilo. Então é por isso que eu vou pra reuniões. Aqui eu busco sabedoria, aqui eu tiro meu dia-a-dia pra mim prestar atenção na minha vida, certo? E ver que meu problema não ta na garrafa, não ta no bar. O problema ta é aqui. Todo dia eu tenho que vencer essa doença, todo dia de manhãzinha. Pois é justamente a raiva, a ira, o ressentimento, ódio, rancor, inveja, tem que tomar cuidado. Então agradeço meus companheiros pelo silêncio, aos meus coordenadores, mais 24 horas sem beber. (palmas)

#### DEP 04

Bom, companheiros, pessoas que estão aqui nessa noite, boa noite! Meu nome é (\*\*\*). Também mais um alcoólico em recuperação. O que eu gostaria na noite de hoje em primeiro lugar é agradecer. Agradecer a Deus por me manter sem beber nenhuma bebida que contém álcool e nenhuma substância química. Pra mim é o motivo de mais alegria e mais feliz também por eu fazer parte dessa descoberta, né? Por eu tentar me enquadrar nessa recuperação, também eu trabalho nessa descoberta. É... A gente descobrir o que realmente o álcool nos proporcionou e a transformação que nos ofereceu e que ofertam a qualquer um dos seres anônimos. Pelo compromisso com ele. Seja ele, seja ela, seja rico, seja pobre. O álcool não procura acordo na raça e nem no status, né? Ter um compromisso com ele pela primeira vez é um negócio muito sério. Não sabendo, nem tão pouco conhecendo que o alcoolismo é essa doença, né? É o terror da humanidade que no traz e que nos oferece esse grande flagelo humano, né? Essa derrota, essa sarjeta, tudo traz, esse fundo do poço, né? E álcool, pois, dá essa transformação a gente. Eu não conhecedor comecei a beber como qualquer um outro que bebe. Não tinha conhecimento, nãoo sabia de nada. Só vim realmente reconhecer e descobrir o problema que o álcool nos trazia, que carrega para o ser humano depois que eu conheci a irmandade do AA, né? E começou o AA no início de Outubro e eu vi o alcoolismo como uma doença, né? A terceira doença da face da terra. E depois que eu conheci foi que realmente eu

fiz aquela colocação, né? Dado aos anos que eu tinha bebido, dado aos problemas que tinha carregado, que eu gastava com ele e realmente foi o suficiente também pra mim é... mais ou menos uma conscientização ou melhor mesmo uma descoberta, né? Até que admissão não venha a ser concretizada que sempre o álcool ele nos proporciona essa derrota, esse desequilíbrio, essa falta de aceitação porque o alcoólico em si falando por mim, fica difícil da gente ter essa aceitação com a gente. Como se diz no linguajero popular, no linguajar comum, dar a mão à palmatória, né? E se auto-analisar e dizer: “é realmente eu sou um derrotado.” Então é difícil essa parte aí, né? Não aceitar só a sua derrota, como o seu desequilíbrio total, de que realmente é um derrotado perante a nada mais a nada menos, não perante a fábrica, não perante o bar, não perante a... e sim perante o pó e sim só o primeiro gole por pequeno que ele seja. Então, aí é quando o bicho pega. O camarada tem que, né? Porque o orgulho, a prepotência, o orgulho fala mais alto, né? “Conversa é essa, ser um derrotado perante um golevéi de cachaça, tá vendo que isso é história por aí, isso é conversa de menina” (com raiva) e fica difícil porque o orgulho, falando por mim, eu pra aceitar a derrota, seja qualquer derrota, seja qualquer problema não é muito fácil não, sabe? O camarada te distorcer assim, né? O meu orgulho, a minha prepotência, a minha arrogância me falava sempre mais alto. Pedir perdão a um outro ser humano, pedir desculpa pela minha falha, que conversa é essa, rapaz. Pra mim isso é história de mina fêmea, né? Chegar perante assim o ser humano e “rapaz me perdoe, me desculpe” não, não. Eu pedir desculpa pra fulano e pra sicrano. E quando alguma desculpa eu pedia era aquela desculpa esfarrapada, aquela “ô cara me desculpa aí, foi sem querer querendo,” né? Mas aquela desculpa saindo da alma e do espírito. Pois então, companheiros, todo esse processo que o álcool, o AA na sua sabedoria nos oferece, essa lição nos transmite os fatos pra gente, então cabe, é, a cada um. Em primeiro lugar a minha pessoa, se devo partir for melhor pra essa parte ou não. Então eu tenho que... não só descobrir o que realmente eu sou um doente com um problema e não é uma doença pegajosa, mas é uma pior que doença. Como disse o companheiro, determinados afetos se torna pior do que uma doença pegajosa. Mas aí não tem só isso aí, tem esse porém. Eu vou ter que lutar com meu eu, com meu gênio com esses meu defeitos inúmeros, né? Essa prepotência, essa arrogância. Então eu tenho que tentar para que eu parta para uma nova vida, uma nova vida plena, uma nova vida de paz, uma nova vida de felicidade, né? De viver em paz com meu eu com meu Deus, né? Eu tenho que tentar mais ou menos essa parte. Pra esse grande processo. E partida que eu procuro essa tentativa, né? A procurar esse princípio aí o negócio já claramente, já clareia mais, né? O horizonte já clareia mais. Então companheiros é isso. E eu venho fazendo assim porque quem sou eu, né? Eu tô partindo pra essa tentativa, não

é muito fácil, mas também não é muito difícil. É um processo, é um serviço, é um trabalho, é um desgaste, é uma renúncia que cabe a minha pessoa, só quem pode e fazer esse tipo de trabalho sou eu, né? E tenho que se me conscientizar de aceitar as pessoas como elas são, não como eu quero. E tenho que ver que a doença o problema tá em mim. Não tá nos meus filhos na minha esposa, em nenhum parente meu, certo? Então é, fica meio difícil, eu me aceitar, quem sou eu, como eu fui, como eu sou, que eu tenho meus erros, não é muito fácil. Confesso a vocês hoje que essa aceitação.. admissão na teoria é fácil. Agora aceitação na prática, aí o bicho pega. Aí a corda é mais difícil de torcer, né? Dado a este grande nó como eu já falei. Mas é isso companheiro. Mas o bom é que mesmo assim eu venho e junto com vocês tô descobrindo que fazer parte da programação do AA é uma nova vida, né? É uma renúncia, é um retrato de tudo isso que eu falei, né? A pergunta nos faz a resposta. É obrigado não, mesmo porque aqui não somos obrigado a nada. O que me cativa mais, e me causa mais esse amor, esse despertar, essa curiosidade, essa vontade de ficar sempre ao lado de vocês. Não é todos momentos nem todos os dias porque tem o meu lado profissional, né? Mas é bom. O bom é que realmente, e quando eu digo que.. sou feliz por isso, né? Porque fazer parte do AA é isso. É como fiz eu. Aqui é um trabalho, é um serviço de cada um, é recuperação de cada, nós aqui temos o direito de fazermos bem e aqui eu tô fazendo de acordo com as minhas posses, de acordo com as minhas condições. Procurando sempre a descobrir sempre a sabedoria, né? A experiência, o despertar e uma série de coisas bom. Então é isso companheiros. As minhas palavras seriam mais, mas eu vou ficar aqui por aqui desejando o bom final de semana a todos, não só os companheiros, como os seus familiares e parabenizando aqui o nosso companheiro, o nosso irmão que vai ingressar aqui hoje, né? E digo pra você meu irmão, meu companheiro que esse é um dos primeiro maior passo que você tá dando na sua vida. Que, já que você realmente tá querendo se associar a nós, mesmo porque não paga nada, cabe a você, é porque algo de bom, algo de bom pra você acabou de acontecer, ou talvez aconteceu, e talvez é porque você necessite. Não estou aqui para dar diagnóstico de ninguém, nem tampouco para julgá-lo, mas lhe dizendo uma simples coisa a partir de qualquer um ser humano quando ele ingere ao primeiro gole, automaticamente ele tá dando continuidade a uma doença, não que ele seja hereditário ou que não seja. Mas tudo indica que quem continua tá dando continuidade a uma doença. Então aqui parabenizo meu companheiro, meu irmão mais uma vez e é isso. O AA não é esse bicho de sete cabeça. É só procurar aqui pra participar e é aquilo que eu falei: mergulhar dentro de si, ser puro e honesto consigo e ver se tem problema ou se não tem. Se você tiver achando que tá com problemas, parabéns, né? Mas digo pra você que sirva de alerta, que se você continuar a parar, é melhor

parar enquanto o problema ta pequeno, né? Antes que o problema aumente. E aqui não existe meio termo, se é meio alcoólico ou não é. Ou é ou não é. Mas a verdade é isso. E aqui desejo a todos um bom final de semana levando meu pensamento ao poder superior por ter me dado mais 24 sem beber.

#### DEP 05

Boa noite, meus amigos, companheiros. É um prazer muito grande para mim está aqui no grupo São Vicente, hoje aqui na cabeceira da mesa, usando a palavra, né? É uma coisa gostosa porque a gente é valorizado e motivado a continuar sem beber. A partir do momento em que a gente dentro do nosso grupo, nosso que eu falo numa forma carinhosa, não nosso no sentido possessivo, mas nós, a partir do momento que a gente consegue falar, a gente tá motivado a continuar sem beber. Quando falamos aqui é uma abordagem coletiva para que os companheiros que chega aqui sejam motivado a não mais beber e os que tá visitando seja atraído. Não de maneira obrigatória, mas de maneira transparente. Acima de tudo, para se libertar das mentiras que se pregam por aí. Eu sou alcoólico, meus amigos, sou uma pessoa problemática por beber. E eu só adoeço se tomar algo que contém álcool. No momento aqui eu não me considero doente nenhum. Mas na hora que eu começar a beber começa o drama. Eu mudo até a personalidade. É uma personalidade diferente. Eu vou agir de maneira errada. Vou me tornar inconveniente, vou me tornar improdutivo, talvez não chegue em casa porque erre o caminho, vou ser indelicado, vou me agredir. A primeira agressão é levar o copo na boca com bebida alcoólica. Eu tava numa palestra um dia desses aí, eu perguntei: “doutor, é verdade que o nosso corpo precisa de bebida, precisa de álcool?” Ele disse: “não, isso não é verdade. Todo alimento faz digestão quando a gente começa a digerir já traz a quantidade de álcool que a gente necessita.” É tanto que ele considera o fenômeno, aquele soninho que a gente sente depois do almoço. Eles acham que é a fabricação do álcool no organismo. Mas infelizmente o homem é o único animal que paga para se autodestruir. Porque tomar uma cachaça, cuspir, fazer careta, ralar os dentes é uma coisa terrível. Isso não é normal. Normal é você se alimentar bem, normal é você se encantar com a beleza do sexo oposto. Mas beber, irmão! Mas a sociedade tá pra conceituar e não aceita o alcoólatra como doente. O cara bebe porque é sem vergonha, é desqualificado, não tem cidadania, não tem coragem, não tem amor próprio. Uma série de adjetivos que não têm qualificação que é colocado na pessoa que tá bebendo. O AA não trata dessa forma. O grupo diz quando nós entramos que nós somos pacientes em busca de recuperação. E quem é paciente tá portando uma doença. Só que a nossa doença só aparece quando bebemos. Sem beber ela não se manifesta, entendeu? E de

maneira altamente destrutiva e a sociedade tá preocupada com o consumo de bebida. Eu vi há poucos dias um médico, eu esqueci o nome do médico, pedindo que as autoridades voltassem os olhares para o problema do alcoolismo porque o Frotão não tem mais condições de receber tantas pessoas machucadas pelo álcool. E o cara bêbado não age mesmo pela razão, age pelo instinto. Fortaleza é quarta cidade do país. Uma cidade que superou a de Belo Horizonte. E nesse momento nós estamos às 18:39, e neste instante na nossa cidade tem lares sendo dilacerados. E não é no sentido literal não, é no sentido biológico. Pessoas perdendo a vida agora porque estão bêbados. Pessoas tirando a vida de outros porque também estão embriagadas. Por quê? Porque o cara embriagado ele não age realmente pela sua sã consciência. É comandado pelo seu vício, basta tomar o primeiro gole. Porque o problema do álcool foi usado como instrumento, porque se eles voltassem agora eles não teriam capacidade pra ver o que eles fizeram. Já pelejaram pra colocar alguma coisa na literatura, mas não tem como, não tem espaço. Tudo que eles colocaram, o livro foi tão chato que ele disse em 1935: um membro de AA deve procurar o grupo mais próximo para facilitar a sua recuperação. Não é que ele sabia que hoje a gente não pode ir lá pro planalto Aldeota, é... Planalto Caucaia, não sei pra onde, o cara não tem mais dinheiro pra ficar pagando passagem. Agora aqueles que voltam ao grupo dificilmente voltam a beber. Pode até beber, mas tem mais dificuldade. Por quê? Porque ele está motivado. Ele tá sendo incentivado a não beber. Nós temos um companheiro lá perto do Banco do Brasil, ele era administrador de calçados e chamavam ele de (\*\*\*)). E ele dizia: “quando o cara se ausenta da sala de AA e depois ele aparece balançando a cabeça assim como raposa que está querendo pegar a galinha pode olhar que é reingresso.” E cada um de nós, né? Sabe meus amigos é responsável pelo que diz, é responsável pela permanência. Agora o medicamento para doença que eu sou portador fica aqui. As experiências, o sorriso, o aperto de mão, esse cafezinho que é cheio de energia positiva, que é invisível, sabe? O amor que circula aqui dentro. Uma médica psicanalista ontem deu um show na cabeceira da mesa do grupo Assunção. Uma senhora de idade, vestida de maneira muito modesta e ontem o grupo tava completando 33 anos, ela foi a última oradora, ela disse que tudo na vida se consegue com amor. Tudo na vida só se consegue com amor. Ela disse que quando nós somos crianças a família faz medo: “você é teimoso!” “Você, eu vou levar pro dentista! Você só faz as coisa errada!” E tudo isso aí vem impregnando no inconsciente e depois a pessoas não tem como sair. Aí, ao contrário, a partir do momento que você ouve: “ô garoto bom, isso aí não ta certo, vamos fazer de outra forma!” Quando a criança espalha os brinquedo e ela não junta porque vai dar preguiça de fazer aí você diz: “deixa que eu junto.” Não, negativo. Você vai lá e junta com ele ou então deixa ele juntar. Pra

criar responsabilidade. Então foi bom ouvir uma senhora de idade , uma coisa valiosa no grupo Assunção, 33 anos de existência. E aí meus amigos à proporção que a gente vai participando, a gente vai aprendendo. É preciso, companheiros, também alimentações, né? Se eu não posso comer caviar, eu vou comer ovo estralado com baião de dois e dar graças a Deus porque tem gente que não tem ovo, não tem baião, nem nada. Eu sou um cara muito feliz. Eu tô muito feliz na noite de hoje. Eu vou sair agora às 19h, eu vou dar um abraço no (\*\*\*) lá no grupo Ester, além de ser um companheiro, é meu amigo particular, ele mandou um convite para ir ver o grupo Edson Queiroz e eu vou dar um abraço nele. E me lembrando aqui com (\*\*\*), que tá aqui do nosso lado, esse cidadão, esse companheiro, esse amigo, esse homem que nos recebe lá em Sobral quando nós visitamos o grupo União. (\*\*\*) foi encontrado no balcão literalmente destruído, literalmente destruído. O cara abordou ele no balcão de um bar aqui no centro de Fortaleza. E (\*\*\*) nunca mais bebeu, vai fazer 26 anos já, né, (\*\*\*)? Parabéns. Eu soube que por causa da bebida você tava com um problema muito sério, a questão da saúde. Mas Deus é magnânimo e faz verdadeiros milagres e a gente fica recuperado e eu tô muito feliz e ver adentrando hoje à noite aqui. Eu queria parabenizar mais uma vez o companheiro que tá ingressando, é? O companheiro (\*\*\*). Aí você vai escolher um nome de guerra aqui, né? (\*\*\*), né? E assim a gente parabeniza você agora como sugestão. Não precisa dizer pra ninguém que você tá aqui. Pra ninguém. Não deixe de vir às reuniões, não se aborreça com nada, principalmente aqui dentro, o AA não erra muito menos o grupo. Há erro isolado. Quem erra é o (\*\*\*) lá no Menino Deus, quem errou foi o (\*\*\*), não foi o grupo, nem o AA. Tem que fazer essa analogia concreta. “não, o grupo..” o grupo o que, meu amigo? O grupo negativo. Quando eu pensar no grupo, eu penso na motivação. Um companheiro nosso aqui do bairro passou 24 anos sem beber, passou em frente a minha casa e disse: “bebi meu amigo.” Passou daqui da sala perde a motivação e bebe. Mas quando tiver com vontade de beber companheiro coma feijão, farinha, enche o bucho que de bucho cheio não dá vontade de beber. Ih, rapaz, mas eu vejo um cara bebendo e eu não posso... Posso. Eu gostaria, meus amigos de ver o cara bebendo, mas eu não posso ver.. é por isso que têm alimentações. Eu sou louco por doce de leite, agora eu tenho que comer muito, tá bom! Bebe o doce de leite, açúcar demais, 89 kg. Se eu tenho que parar, eu paro, se não eu morro. E é um ato fisiológico, meus amigos, isso aqui. Ninguém pode dormir por mim, não, sou eu que tenho que dormir. Ninguém pode vencer por mim, sou que tenho que vencer. Eu, graças a deus, desde que entrei aqui nunca mais eu voltei a beber, graças a Deus. Procuro a não criar problemas pra mim. Eu procuro a sempre colocar amor para que eu não fique deslocado na sala. Sabe como é.. a se hostilizar, o negócio tá torto, o café tá com gosto de barata, a cadeira

tinha poeira, o cara não falou como eu queria ouvir aiaiaiaiaai, isso acontece, tem deles que não dar tempo mais vir aqui. O cara aqui do Tiradentes e caiu lá no balcão. Então não adianta tentar aprender a beber porque não dar certo. Então eu tô muito feliz, meus amigos, por não beber, graças a Deus. E eu estou em paz comigo, vou lutar para quebrar um pouco dessa gordurinha mais que o normal, porque é bom a gente comer, mas tem que ter cuidado. Parabéns, viu, meu amigo. Venha ao AA. Não visite os ambientes que não são realmente coniventes. Aqui, agora não tem perigo nenhum da gente beber. Agora no bar vai discutir política, religião, anedota, aí não dá, né? Há 45 anos era praticamente proibido discutir política, religião, futebol e eu ouvia sempre no exército: sempre você deve confiar desconfiando. Não é mole. Depois que eu aprendi no exército, aprendi muita coisa boa. Aprendi que depois de eu tomar meu café eu tiro a louça da mesa e vou lá e lavo. Quando eu termino de tomar banho, eu lavo minha cueca. Não me arranca nenhum pedaço, não me diminui nada. E vivifica a pessoa, sabe? Eu tô sozinho, minha mulher tá lá em São Luís do Maranhão. Meu filho, a mulher dele teve uma menininha aí minha mulher apanhou o avião aqui em fortaleza e foi lá fazer uma visita. Então, meus amigos, eu fico aqui, faço um arroizinho, uma carninha moído do meu jeito, estralo um ovinho, faço um omelete, faço uma cenourinha ralada com casca e tudo, não é ruim. Mulher tá doente! Que conversa é essa, bote na boca, mastigue e fique bem! Então, meus amigos, escutem os conselho que eu tô dando pra vocês, não desistam do AA, pelo amor de Deus. Continue aqui conosco. O AA o mundo é divino, isso aqui é sublime, a pessoa que chega aqui eu abraço porque eu só conhecida de propaganda e se há a essência e o conteúdo que é a essência dessa história, vocês dizendo a verdade, recuperando o outro sem interesse nenhum em termo material ou financeiro a não ser a felicidade espiritual.. isso aqui meus amigos isso aqui é amor, isso aqui é lindo demais, isso aqui quem criou foi Deus, o AA não foi formado, aconteceu. Deus é tão magnânimo que ele era economista, mudou de casa, envolveu-se com álcool, foi despejado da casa onde morava com a mulher porque não pagava o aluguel, tá tudo escrito aí, foi tratado como gente num hospital, aí pára de beber por um milagre, né? Outro médico beberrão, o rosto todo inchado, maio de 1935, tá escrito também, e era arrogante, não dizia mais coisa com coisa, não queria conversar com ela e nessa conversinha que... conversou de dar valor, né? Engraçada, mas já sabendo que a mentira é uma verdade que não aconteceu e tem pessoas que diz essa mentira e é verdade e quando ele sai não bebe nunca. Tá vendo, por isso que é bom a liberdade de cada um. Cada um fala por si. O AA é tão bom quando diz eu não posso falar por ninguém, eu n posso falar pelo grupo. As palavras aqui vão fluindo, sabe? Sai lá das cadeiras onde você tá sentado. Eu já vivi muitas emoções gostosas aqui no AA, se eu tivesse vindo mil vezes. E é a

segunda maior .. do mundo agora né? Eu vi numa reportagem. Eu não pagaria a felicidade de vir aqui. Eu passei domingo na cidade de Varjota, eu olhei prum restauantezinho assim... Carnaubáú.. e eu olhei assim, que coisa gostosa, eu vim coordenar a reunião nessa cidade... Tinha conhecido um cara numa noite, numa reunião, aí ele me hospedou na casa dele no segundo andar: frigobar, ar condicionado, televisor a bordo, maior carinho do mundo. Sabe? Uma coisa impressionante, o cara cuidadoso, ganha e guarda e a casa dele lá em Varjota é a coisa de primeiro mundo. Depois eu conheci um companheiro aqui em Fortaleza por nome (\*\*\*), peguei a ficha dele lá no Nossa Senhora das Graças, depois peguei minhas filhas pra fazer uma viagem daqui para o Crato de trem pra ver a sensação. Bora! Comprei as passagens, cheguei lá tava escrita venda de passagens para o Crato o..., linha sul a partir de 13: 30. Aa, eu tava lá desde 10h quando eu vi ali o (\*\*\*). “Nossa! Eu vim comprar aqui umas passagens pra minhas meninas” e aí ele disse “deixe comigo que eu compro.” Tava na segunda vez que eu via o cara. Vendedor ambulante, não tinha residência fixa, não tinha trabalho fixo, quando foi 4:30 eu peguei minha meninas, peguei minha bagagem e fui. Cheguei à estação, sabe o que tinha acontecido: ele tinha comprado as três passagens, tinha adentrado no trem, botou as coisinhas dele, a lamparina e o candeeiro e não sei o que em cima das cadeiras do vagão do trem, afastando o lugar pra mim. Ele podia ter ido embora com o dinheiro (\*\*\*), o cara não tinha profissão, pelo amor de Deus, isso aí nunca mais e eu fui para o Crato, depois me encontrei com ele em Fortaleza e disse “tu vai em Juazeiro trazer minha ficha” ele disse: “vou. Que dia é?” “Dia tal”, “pois eu vou tá lá no grupo Santa Luzia.” Cheguei lá no grupo, ele tava, peguei a ficha e ele disse: “vai dormir na minha casa”, eu disse: “vou!” Meus amigos, cheguei lá, a mulherzinha dele sentada numa cadeirinha, com a lamparina acesa e ela dando mingau aqui a criança. Eu não vim por causa de luxo... Passamos a noite todinha conversando. O importante é ser feliz meus amigos. Felicidade não consiste só em ter dinheiro e faculdade, ter televisão demais, sabe? Não precisa. É não fazer mal ao semelhante, é fazer o bem em torno de si próprio. Só em acordar e conseguir sorrir e se transportar ao banheiro e agradecer por mais um dia que está começando. Pedir que possa praticar boas ações até mesmo aquele que lhe tratam com desprezo com indiferença tratar bem. E ninguém alimenta a ilusão de dias melhores vai ser pior tudo porque o homem precisa ser puxada as orelhas por muitas coisa. Ele é o responsável por tudo que ta acontecendo aí. Cada vez ele procura mais destruir a si próprio, certo? Cada dia e a gente ta vendo aí. E a natureza não aceita puxão de orelha, aí vem terremoto, maremoto, no álcool não tem solução não. Meus irmãos, quero agradecer mais uma vez a vocês, que sejam muito felizes, sabe? Muita paz, procurem procurar realmente a medicina, você que tem acima de 40 anos. Veja como tem

gente morrendo inclusive de câncer de próstata por causa do machismo, da ignorância, vá ao médico urologista meu irmão. Se ajude! Sabe? Procure botar os pés no chão. Não compre além do que você pode pagar. Se só pode pagar 10 R\$ não compre coisa de 12 que não dá certo. Aí fica devendo mais do que pode, vai buscar solução lá no bar e não tem solução lá não. Entendeu? Não tem dinheiro no mundo que compre a liberdade de um homem. A coisa mais agradável do mundo é você sentar na sua calçada cumprimentando soldado, coronel, material reciclado, coisa mais gostosa do mundo. Inclusive uma sensação, essa semana muito ruim que eu não queria que ninguém passasse. Eu ia chegando na minha casa, foi quarta-feira, tava um companheiro nosso saindo da aquela companhia da polícia chorando. Eu me aproximei dele e: “o que foi meu irmão?” “Não, é que meu filho tá sendo recolhido agora pro 5º batalhão. É da polícia e houve um negócio, num lugar errado que ele estava na hora errada e tal e ele foi acusado um sei o que e agora ta no 5º batalhão.” O cara morrendo de chorar e outros companheiros já saindo de carro e eu disse: “olha, rapaz, conversa com Deus através da sua mente, só ele que faz justiça, se o seu filho tiver razão, ele vai punir por ele, se ele não tiver, ele tem que ser punido. Tem que ser punido. Um amigo meu tem um comércio bem aqui depois da estação, eu passei lá ontem de manhã, tava chorando ele e a mulher e eu digo: “o que foi (\*\*\*)? “Não, seu (\*\*\*). “O que foi, me diga, meu amigo, foi assaltado?” Ele: “Não, eu com medo de assaltante, de bandido, fui botar o dinheiro numa caixinha, minha mulher botou no lixo 4.000 R\$.” 4.000R\$. Chorando todos dois, e é isso aí, meus irmãos, se alguém tiver sentindo falta de alguma coisa, ninguém passa problema ao beber, ninguém, isso aí não te dúvida. Meus irmãos, tô muito feliz por está aqui, vou continuar, graças a Deus, quando entrei, consegui superar os problemas de bebida alcoólica e graças a Deus mais 24h.

#### DEP 06

O meu nome é (\*\*\*), eu sou alcoólatra em recuperação. Agradecendo ao Poder Superior por hoje ele tá me mantendo sóbrio e ter me dado mais uma oportunidade na minha vida de eu participar de uma reunião de Alcoólicos Anônimos. A minha vinda ao grupo é para participar da reunião e quando tenho oportunidade dar continuidade aqui na cabeceira da mesa a minha recuperação. Dizer para os meus companheiros da minha alegria, da minha felicidade por hoje eu me encontrar aqui no grupo São Vicente. Grupo que quando eu chegava aqui era justamente a casa que ficou de braços abertos para me receber. Eu que vim de uma vida pregressa muito grande devido o alcoolismo, ia precisar de chegar aqui e ser recebido pelos companheiros de Alcoólicos Anônimos. Tive a felicidade de dar continuidade ao tratamento de Alcoólicos Anônimos e hoje sou feliz por não tá bebendo. Essa felicidade se renova

sempre quando eu volto a grupo. Porque dentro dessa volta eu tenho sempre as oportunidades dadas pelos companheiros e nessa grande oportunidade que eu tô tendo hoje. Oportunidade que não é todo mundo que tem, certo? Essa oportunidade só cabe a cada membro de Alcoólicos Anônimos. Quando Deus dá oportunidade que está me dando hoje e como tem dado a cada um dos companheiros que estão aqui no grupo de receber o nosso companheiro que tá chegando, de receber o visitante, se ele estiver nessa sala, que está nos visitando. Isso é muito gratificante para nós que estamos no mundo de Alcoólicos Anônimos. Por isso companheiros, minhas companheiras, os que estão presentes é muito importante a vinda ao grupo porque a gente já tá assim mais ou menos com uma condição de tá em casa, de tá sentado na frente da televisão Assistindo aí o jogo, uma coisa e tal e lá vai e fica por aí, muitas vezes nessa acomodação. Mas, o amor é tão grande pelo AA que não deixa nós lá não pra vir aqui e ter essa oportunidade de agradecer a vocês. Porque a Deus eu agradeço em todo lugar onde eu tiver, mas a vocês eu só tenho essa oportunidade vindo ao lugar de Alcoólicos Anônimos. Como eu quero lhe agradecer, meu amigo, eu quero lhe agradecer por esta vinda ao alcoólicos anônimos porque cada um que chega aqui é mais uma força nova, é um sangue novo que nós tamos precisando, irmão. É o sangue que vai sendo injetado nas nossas veias e a gente tá vendo justamente que o nosso trabalho tá funcionando. O grupo tá de portas abertas, tá funcionando porque tá chegando mais gente. E esse trabalho incansado, nosso trabalho. É essa responsabilidade que foi imposta em nossas mãos. Porque essa responsabilidade poderia ter sido colocada na, ao do jurista ali. Dos homens letrados, dos médicos, daquele pessoal, mas não. Mas quis o Poder Superior colocar na mão de quem? Na mão do alcoólatra. Ele não colocou esse trabalho na mão do, do, do homem formado, não. O homem é formado, mas dentro daquela altura a formação dele nada valia. Ele era simplesmente um alcoólatra dependente do alcoolismo e Deus deu a ele a condição de formar a irmandade de Alcoólicos Anônimos. Para que nós que sofremos o problema do alcoolismo tenha a oportunidade de passar para os nossos irmão que aí estão sofrendo a mensagem do AA. Para que ele também venha gozar a mesma felicidade que hoje nós estamos gozando. Por isso que o nosso trabalho é gratificante. E nesta sala, pelo que consta, pelo que eu estou vendo aqui, deve ter um visitante deve ter um visitante nesta sala pelo que nos consta realmente. Um ou dois porque nós não conhecemos. Nós não conhecemos a pessoa que tá visitando porque dificilmente ele chega aqui e se identifica para nós. Mas qual é a nossa responsabilidade aqui na nossa cabeceira da mesa quando nós viemos aqui? É transmitir para o visitante a mensagem, que ele saia daqui consciente que alcoolismo é doença. Que ele saia daqui consciente que alcoolismo não é sem-vergonhice. Que ele saia daqui consciente que alcoolismo não é fora de vontade

pra parar de beber, não. Que ele saia daqui consciente como uma pessoa que alcoolismo não é nada mais nada menos que uma doença. Só que é uma doença que é diferente das outras doenças, doença que quando o doente tá doente a família chega perto dele. Todo mundo tem pena dele, todo mundo tem dó dele, todo mundo quer vê ele curado. E o alcoólatra não. O portador do alcoolismo é diferente. A primeira coisa que a família faz é desprezar ele. Aí outra coisa que faz é a sociedade não aceitar mais ele. E aí vai adiante e aí fica uma dificuldade muito grande de um homem ou a mulher que é portadora do alcoolismo dele se tocar. Porque não tem ajuda. Quando ele corre pra ajuda, ninguém quer ajudar ele. E único lugar em que o alcoólatra ainda tenha oportunidade de se encontrar é dentro do AA. Mas porque, meu caro visitante, que está na sala? Por que que você vai ter esse apoio dentro dos Alcoólicos Anônimos? Porque as pessoas que tão aqui, este que tá aqui falando pra você, eu sou alcoólatra. E só um alcoólatra pode entender um outro alcoólatra. Só um alcoólatra pode entender um outro alcoólatra. A sociedade hoje pode me compreender como cidadão porque não me vê, eu bêbado, mas como alcoólatra ninguém me entende, nem a minha família entende eu como alcoólatra. Só vocês, só o alcoólatra. Por isso, meu caro visitante, que está aqui nessa sala, saia daqui com esta consciência. Eu não sou sem-vergonha, eu não sou irresponsável, eu não sou o que as pessoas dizem aí de mim. Eu sou apenas portador de uma doença chamada alcoolismo. E alcoolismo como doença ele não tem cura. É uma doença incurável, é uma doença progressiva, irreversível e tem as suas fatalidades. E o remédio será que é aquele que aparece lá na propaganda na televisão? É não. Aquele não funciona não. Sabe por quê? Porque a nossa doença não é lá do exame de laboratório não. De maneira nenhuma. A doença não cai lá não. Se tivesse não tinha médico dentro do AA, não. As pessoas com seu grau de estudo muito alto não adoça do alcoolismo. Ela é uma doença que não escolhe cor nem cara nem sexo. Ela é uma doença que não quer saber se é preto se é rico se é pobre. Ela não quer saber. O álcool ele atinge todas as camadas. Por isso que há dificuldade. Você, meu companheiro, que tá nos visitando, se você tiver passando por onde eu passei, se você viver como eu vivia, é difícil, companheiro, é difícil porque quando o alcoólatra tá na sarjeta física, porque na moral ele já está, quando ele tá na sarjeta física, quando ele perde toda sua credibilidade de cidadão. Quando ele não tem mais uma roupa pra vestir, quando ele não tem mais um calçado pra calçar, quando ele não tem mais dinheiro pra tomar uma dose de cachaça, quando... quando ele não tem mais dinheiro ao menos pra ajudar lá na cachaça, quando não mais dinheiro lá, acabou tudo. Acabou-se tudo. Quando ele não tem mais dinheiro pra família, acabou-se tudo. Se tiver um irmão como eu tinha que quando eu tava mendigando cachaça nos bares de Fortaleza, o meu irmão lá no ar condicionado, no

bem-bom no escritório, podendo sair de lá quando quisesse e eu chegava lá e falava com a secretária dele e dia assim, quando ela me via, dizia: “O que é que o senhor quer?” Porque eu vinha maltrapilho, porque eu vinha sem presença nenhuma. Se eu chegasse lá no escritório dele hoje, ele me aceitava. Mas eu não tinha presença nenhuma, eu tava requenguelo, eu não tinha mais nada na vida todinha, perdido só tudo, e a moça dizia assim: “seu (\*\*\*) , seu irmão tá aí” e, meus irmãos, ele não vinha nem me receber, ele dizia pra moça “toma essa cédula de um cruzeiro, um real, entrega pra ele. Diga ele que pode ir embora que o problema dele é bebida.” Agora eu quero dizer pra vocês, eu não ia lá no escritório do meu irmão atrás do dinheiro dele não, meu irmão. Eu ia lá no meu irmão pra ouvir uma palavra de conforto, eu queria dizer o meu irmão porque é que eu tava sofrendo, eu queria dizer o meu irmão que ele me ajudasse eu a sair daquela vida, mas ele não entendia. Ele mandava era que eu bebesse mais. E o que era que poderia fazer, meus irmãos, se eu tinha agüentado até aquela hora de ir lá um troço de cachaça? Um cruzeiro era o suficiente pra eu entrar no primeiro bar e beber cachaça. É por isso que tô dizendo a vocês aqui que é difícil, mas eu só vim encontrar o amor, a moral que eu precisava foi dentro de Alcoólicos Anônimos. Aqui foi que eu encontrei o apoio que eu precisava, eu não precisava de dinheiro não. Eu não precisava de emprego naquela época, eu não precisava de nada naquela época. O que eu precisava naquela época, seja visitante que está nessa sala, o que você está precisando hoje. Você esteja precisando desse apoio moral, esteja precisando desse ombro amigo, você esteja precisando talvez hoje dessa mão amiga que ajude você cada vez mais. E diga assim: “vem pra cá, meu irmão, aqui nós tamos aqui pra te ajudar, nós tamos aqui pra poder dividir contigo a nossa felicidade. Nós não tamos aqui pra te dar dinheiro, não, nem pra te dar emprego, não. Mas nós estamos aqui pra te dar a coisa mais importante da face da terra que talvez você não tenha encontrado ainda, o amor, o cuidado, a dedicação.” É isso que o AA pode oferecer. Agora cabe a você depois que fazer o seu ingresso no Alcoólicos Anônimos levar a sua vida como tá fazendo o meu companheiro aqui que tá só num canto ali todo bonito, se eu tivesse chegado aqui desse jeito, talvez eu tivesse ficado mais rápido, né? Ficava não, porque quando me chamaram quando eu tava assim como ele eu não aceitei o AA. Mas diz lá que todo alcoólatra, quase todo alcoólatra tem que chegar ao fundo do poço, tá entendendo, pra puder ver a sua derrota e eu fui preciso beijar a lona, eu fui preciso deitar no chão, eu fui preciso mendigar um copo de cachaça e eu não precisava disso não, não, mas fui. Mas graças a Deus e graças a vocês eu hoje tô aqui. Tô aqui pra agradecer a Deus e a vocês. Os chegados aqui queiram ficar na sala, sabe por que a sua importância na sala? Sabe por quê? Porque você vem desanimado, você encorajar o grupo, você vem dizer ao grupo que tá precisando, que tá necessitando e o grupo

se alegre com a sua presença como se alegre com a presença de todo aquele que chega a sala de reunião de Alcoólicos Anônimos. Eu vou parar por aqui porque se não eu tomo o tempo da reunião de vocês todinha. Porque eu me empolgo aqui, não é empolgação, é coisa que vem de dentro de mim. Eu não sou programado pra falar nada, nada. Você senta, você vem pra cá, você não sabe o que vai dizer, mas, quando aqui, deixe o Poder Superior operar em você, deixe que ele opere. Abra seu coração e a sua mente e deixe Deus falar por você. Deixe ele colocar as palavras na sua boca que ele vai colocar muito, muito e você passa um noite todinha aqui falando, por quê? Porque as palavras vêm. As palavras vêm. A felicidade é tamanha. Eu hoje digo a vocês que moro na cidade de Sobral, tô aqui de férias com a minha filha, tá terminando as férias amanhã, nós já tamos voltando segunda-feira. Eu tô com 10 dias que tô aqui, mas hoje eu não poderia ir pra outro grupo, hoje eu tinha programado pra vir aqui, certo? Por que que eu vim ao grupo? Eu venho, companheiro, pra agradecer a vocês, eu venho, companheiros, pra chegar aqui ter o poder e a felicidade de rever meus amigos, os meus companheiros, aqueles que me receberam quando eu cheguei no AA, certo? Aqueles que me receberam quando eu cheguei no Alcoólicos Anônimos. Chegar aqui, encontrar aquele ali ó, do nosso tempo, esse aqui, que chegou agora por último, aquele bem ali, que não me conheceu de camisa azul, aquele lá detrás ali.. a gente vai ficando velho, vai perdendo o nome das pessoas. O (\*\*\*), eu um sabia mais nem quem era o (\*\*\*), o (\*\*\*), eu saía porque já reconhecia, certo? Pessoas que me ajudaram, pessoas que, quando eu cheguei aqui, me carregavam a tira colo, paga a passagem, paga, paga mesmo, porque eu não tinha. Mas foram os meus companheiros de Alcoólicos Anônimos que me ajudaram. Então são companheiros daquele tempo e talvez também tenha gente da minha época aqui que eu não conheça, certo? E hoje eu passo mais tempo, passo minha vida toda no interior, certo? Deus foi bom comigo, como tem sido até hoje, foi bom comigo, certo? Fui-me embora tá com 14 anos que moro em Sobral, era meu pensamento um dia morar no interior, certo? Venho aqui, quando tenho oportunidade eu venho, passo aqui pra visitar. Meu negócio é mesmo em Sobral, meu comércio é dentro de Sobral. Tranquilo e calmo, graças a Deus e graças a vocês. E que o Poder Superior nos conceda a todos nós mais 24 horas sem beber. (palmas)

DEP 07

Companheiros, a vocês meu muito boa noite. Eu sou um pouco emotivo, sabe? Vou começar dizendo pra vocês, quinta feira agora, dia 12, eu fiz 30 dias de AA. (palmas) 30 dias atrás, companheiros, eu chegava ali no grupo Santa Fé. Chegava bagaçado, um homem derrotado, com apenas 39 anos de idade. Eu me encontrava derrotado por conta de uma doença chamada

alcooolismo, que eu não tinha consciência de que era um alcoólatra. Eu achava que era um cara que sabia beber, que eu era um cara que tinha amigos. E eu tive outras situações financeiras muito boas e a minha casa era desses amigos, entre, que tavam lá em casa pra beber comigo, porque não faltava whisk bom, não faltava carne na churrasqueira, não faltava nada na minha casa, até acômodo tinha. Sempre fui cara trabalhador, graças a Deus. Humilde, mas, porém digno. Sou muito trabalhador. Aqui eu tive oportunidade de encontrar, em 30 dias, 5 companheiros que eram meus amigos lá fora, não sabia nem que tava vivo esse que eu trabalhei com ele. Então, companheiros, eu tenho uma empresazinha ali no João XXIII, essa camisa aqui é de lá. Há 30 dias atrás, eu não vestia nem por decreto. Quando a minha esposa fala, “rapaz, você tem que passar pelo menos 4 hora trabalhando”, rapaz, para mim era a maior tristeza do mundo. A pobre sozinha, agarrada, segurou a barra, não deixou a empresa quebrar, confiou em Deus e ele tinha um plano na minha vida que ele me recuperar e, graças a Deus, companheiros, 30 dias só nesse programa... é até difícil de dizer pra vocês o quanto a minha vida já mudou. A que ponto já cheguei em 30 dias. Fico até sem jeito de falar (chorando), mas eu vou falar um pouquinho pra vocês. Primeiro de tudo quando eu fui convidado pra o AA, há 30 dias atrás, o companheiro que me convidou ele tem uma fé nesse programa. E ele era proprietário de um estabelecimento lá onde o meu comércio funciona, se eu estourar 8 meses que tem um comércio funcionando lá. Rapaz, foi 8 meses de álcool à vontade porque ele também é alcoólatra. Então eu fiz amizade com ele, me entrosei com ele lá, rapaz, depois nós descia a lenha. E não queria saber da empresa, nem da esposa, nem de filho, nem de nada, não. Era só álcool, só álcool. Aí, depois de eu chegar no fundo do poço, como vocês dizem aqui, acho muito bonito os mais experientes falarem, são vocês que me dão essa força pra mim continuar. Eu, graças a Deus, sou uma pessoa muito determinada nas minhas coisas. Tenho fé em Deus que ele vai me levar pra frente, eu tô muito bem do jeito que eu tô, não pretendo voltar a beber em hipótese alguma, nunca mais na minha vida. Então o companheiro me convidou pra ir a reunião de AA que eu só escutava via na televisão, eu via aquele negócio, não sabia nem o que era AA. E se falasse numa mesa de bar, numa roda de amigos, eles fazia era mangar: “que negócio de AA.” Eu só ouvia era assim. Mas eu não sabia que existia essa conscientização, o que acontece nessa cabeceira-de-mesa para transformar um homem. Eu não sabia, eu não tinha provado dessa dose de liberdade ainda. Mas eu provei, me fez bem e graças a Deus eu tô aqui falando com vocês. Então, no dia que o companheiro me convidou, eu tinha bebido numa segunda feira antes de vir ao AA e ele me convidou no Sábado. Segunda-feira eu tinha parado de beber, ele chegou lá no Sábado e disse: “tu parou de beber?” “Parei!” Parei, foi desse jeito. Eu tava morto, gente, não tinha mais nada não. Aí eu

disse, “parei!” Aí ele: “rapaz, pois vamos conhecer o programa do AA domingo lá no grupo Santa Fé.” Aí, eu disse: “eu vou!” Aí ele disse: “pois domingo eu passo aqui 3h em ponto pra gente porque a reunião começa 4h.” Quando foi meio dia, eu já tava na minha loja, cheguei lá o homem já tava era bebendo. Puxa vida! Aí eu disse: “mas eu vou sozinho.” Peguei minha bicicletinha que eu nem transporte tenho mais só por causa do alcoolismo. Aí peguei minha bicicletinha e arrochei, aí fui lá pro grupo Santa Fé. Cheguei lá meus amigos perdido igual cego em tiroteio, olhei aquele pessoa sentado naquelas cadeirinhas, eu sou uma pessoa meio cabrochinha, cheguei lá me sentei, meti o pau a chorar, a reunião todinha. Mas eu chorava, meus amigos, era de tristeza que tava dentro de mim de ver o meu lar destruído, a minha empresa falida, o meu filho chorando por um pai, não tinha pai. Não tinha mais forças. E agora faz 30 dias. A minha esposa tá nas nuvens, tá todo mundo de bem comigo só porque eu voltei a ser o cidadão que eu sempre fui. Se tiver algum visitante aqui que me escute, que passe essa mensagem pra casa. Não fui criado pelo meu pai biológico, mas Deus colocou outro homem na minha vida, que me criou, que me deu educação, me colocou pra fazer esporte, eu era um atleta, fui pro hipismo, fui carateca, lutei em academia de karatê. Com 18 anos, a primeira faculdade que eu fui fazer foi nutrição porque eu só gostava das coisas que fazia bem ao organismo, só gostava de me sentir bem, de me alimentar bem. Pra vocês terem uma idéia, até hoje, desde quando entrei na faculdade, eu não como açúcar, eu como gordura, eu não como carne vermelha, justamente que eu aprendi que aquilo minha fazia muito mal. Dose em pensar. Eu vim tomar a primeira dose da minha vida eu tinha 27 anos, hoje eu tô com 39. As influências, as amizades. Arranjei um emprego no tribunal de justiça, os meus colegas que trabalhavam no tribunal de justiça traziam a garrafona de whisk. Levei ele pra dentro de casa, foi só a conta de começar a beber. Aí comecei. Foram 12 anos de trajetória dentro desse álcool. Esse álcool me arrastou pra onde quis, do jeito que quis. Destruí dois lares, um casamento de 14 anos, foi com a minha primeira esposa, eu casei bem novinho, com 17 anos eu já tava casado, destruí. Depois com a segunda foram 3 anos, destruí também, que ela não agüentou também, que o álcool era demais na minha vida. E agora tô com quatro com essa minha esposa agora. O nome da minha esposa é (\*\*\*), tô com um filho, o nome é (\*\*\*). São duas pessoas maravilhosas na minha vida. Eu estava com 14 anos que eu não batia uma bolinha. Ontem eu fui prum clube socyte com um amigo que veio me convidar porque soube que eu tinha parado de beber. Aí ele chegou lá na minha loja e disse: “rapaz tem um campim socyte aqui que a gente bate um racha toda sexta-feira.” Eu disse: “vou na hora.” Me convidou na segunda, quando foi anteontem eu fui pro clube, joguei 10 min que achava que não ia conseguir jogar muito, mas joguei foi 40 min. Tô aqui com as pernas toda dolorida, né?

É sempre uma felicidade e o meu filho na beirada do campo, torcendo por mim. Meu filho torcendo quando a bola chegava ele dizia: “vai, papai, vai, papai.” Rapaz eu dava uma olhada assim, mas prestando atenção no jogo, né? Aí, companheiros, é você tirar assim de cima de você um peso, um peso que não tem tamanho, que não tem força que pudesse carregar. Viver sem alcoolismo é bom demais. A diferença que eu tenho em 12 anos de bebida, 12 anos que eu bebi e fumei. Agora também eu sou meio invocado, eu parei foi os dois. Tô 40 dias sem beber e sem fumar e 30 dias de AA (palmas). Mas eu tô em, sabe o que é um cara bem? A minha carteira de cigarro que eu comprei, a última, eu fiz foi lacrar. 30 dias só, meus amigos, 40 dias sem beber, eu já consegui pagar metade das minhas contas, já tô conseguindo botar tudo em dias, tô tomando de conta de uma das lojas sozinho. A minha esposa, o meu filho eu levo ele pra onde quero. Eu quero trabalhar agora. Eu não trabalhava não gente. Era ela sozinha a coitada. Sabe quando você pega assim numa bacia, só uma pessoa pega dum lado e o outro lado não tem quem pegue? A minha empresa tava assim. Tinha um lado que não tinha quem pegasse, que era, que era pra está a frente. Eu pra tomar as atitudes, pra determinar, pra ajudá-la a levar as coisa a frente, não, não tinha eu não. Aí, a bicha tava assim. Mas eu cheguei a bicha ta se equilibrando. Ainda não tá direito, não, mas tá chegando, já tá chegando lá por quê? Porque eu sou determinado, eu sou valente. Eu vou pra luta, eu não perco tempo, não tem hora ruim, não tem dia ruim, e não tem hora pra trabalhar também não. No final de semana passado, ela me escalou num plantão, aí foi sexta, sábado e domingo trabalhando, os 3 dias direto. Ela disse que era muito, eu disse: “ta é valendo, minha filha, quando eu farreava. eu não saía na sexta e só chegava segunda-feira, porque que agora eu não posso passar 3 dias inteiros trabalhando?” Posso. Eu tenho força, tenho saúde, graças a Deus. O álcool não conseguiu destruir muito a minha saúde, destruiu pouco. Eu sempre me alimentei muito bem e isso compensava o álcool que eu bebia. Por isso eu tenho ainda essa firmeza toda, mas que destruiu muito destruiu. Só meus companheiros que eu chegava ali, ao grupo Santa Fé, naquela tarde de domingo, arrasado psicologicamente, vivendo a vida toda por água baixo, tudo acabado. Aí Deus disse assim: “vá pra lá que eu vou determinar o anjo.” Aquele amigo tava lá que eu tenho muito apreço, estava lá, viu a minha aflição, viu meu sentimento, viu meu sofrimento e colou em mim. Quando eu saí da reunião muito é motivado naquela bicicletinha. E não era essa pessoa que vocês tão vendo aqui não, que tá falando aqui com vocês, não. Era um mortinho mesmo. Aí eu, companheiro me acompanhou até a minha loja, foi conversando comigo, foi me orientando e a partir daí eu não perdi mais nenhuma reunião, eu só não venho pra uma reunião se eu estiver trabalhando, aí eu não venho. Mas eu ficar com o tempo ocioso, não fico mais com o tempo ocioso. Os amigos que eu conquistei depois que eu saí daquelas

amizades que eu tinha, aquelas amizades do álcool, graças a Deus, são muito melhores, são vocês pessoas que tão aqui pra me ajudar, que tão se ajudando, estamos numa comunidade múltipla, nós tamos fazendo aqui um entrelace entre nós. Eu sinceramente eu considero isso aqui, companheiros, uma sala de psiquiatria, eu sou o paciente e vocês são o divã. Quando vocês tão aqui pra mim é o inverso porque eu também me emociono em ver vocês falando, em ver vocês contando o que o álcool fez com vocês. E vocês conseguiram vencer e eu também estou aqui pra tentar vencer. Agora na minha opinião, o passo que eu dei já foi uma vitória pro sucesso né? Porque se eu não deter, minar, se eu não tomar essa decisão que eu tomei, quem vai tomar por mim? Eu que tenho que tomar. Graças a Deus hj eu tô muito bem obrigado, sabe? Quero expressar ainda muita felicidade pra vocês como a que eu tô trazendo aqui hoje. Quero poder voltar mais vezes. Hoje é a segunda vez que eu venho nesse púlpito aqui. Eu sou uma pessoa que gosta de reconhecer o campo, eu gosto de fazer o reconhecimento, quando o cara me der o convite, eu corro lá no grupo, mesmo sem saber onde é. Vou de ônibus, vou de moto emprestado. Hoje eu vim na moto emprestada de um amigo meu. Vou pra todo canto, meu pai vai me buscar na moto dele, ta entendendo? Pessoa que eu tenho muito apreço. Uma pessoa que me instrue. Quando eu quero saber de uma coisa, eu corro pra ele e ele diz: “não, meu filho, é assim, assim.” E graças a Deus, companheiros, eu só tenho é, é, essa felicidade pra passar pra vocês. Pode olhar aqui no meu semblante que vocês vêem um homem feliz. Só com 40 dias que eu tenho parado de beber, eu sou feliz, graças a Deus e graças ao AA que tem me dado essa força. Eu desejo a vocês muita paz, muita saúde, muita luz e mais 24 h de sobriedade pra todos de todo coração.

#### DEP 08

Então, eu comecei beber e, quando eu terminei, agora eu tô há 40 dias sem beber. Eu comecei bebendo, primeiro porre que eu tomei, cerveja com coca-cola, pra vocês terem uma idéia, né? Então eu começava a beber com meus 17 anos de idade. Eu moro aqui no bairro padre Andrade há uns 31 anos, aqui nesse bairro. Inclusive tem um companheiro aqui, que ele chegou agora nessa sala, que eu conheço ele das antigas e ele talvez não esteja me conhecendo, brigado, pra vocês terem uma idéia. E eu tenho certeza que eu já cheguei até a beber não com ele, mas no mesmo local de bebida. É o meu companheiro (\*\*\*). Conheço a família dele, ta entendendo? Eu vi ele aqui na festa do nosso companheiro (\*\*\*), aí eu disse: “olha aí, (\*\*\*), esse companheiro também é ingressante, graças a Deus. E a gente fica muito grato com isso aí, não é não, (\*\*\*)? Então, meus companheiro,s como eu já comecei a contar pra vocês, eu começava a beber cerveja com coca-cola e eu dava o meu início as bebedeiras e

me tornei um camarada irresponsável quando bebi no primeiro gole. Eu digo a vocês que eu perdi cerca de 3 empregos, todos através das bebidas alcoólicas, né? Então eu digo a vocês que hoje em dia eu sou um camarada altamente nervoso devido as minhas bebedeiras, que eu comecei a beber essa cerveja com coca-cola, no outro dia eu amanhecia numa boa, nada de ressaca, logo no início, né? Mas eu digo a vocês que, que eu tinha 22 anos de idade. Eu já tava totalmente arrasado por causa da bebida, porque eu tinha que beber uma dose de cachaça 5h da manhã. Eu nunca falei isso, eu vou falar isso agora pra vocês me ouvir, cansei de dormir com um litro de cachaça ao lado da minha rede. Pessoa vê o camarada assim, né? Então eu digo a vocês que eu tive perda de família, porque a 1ª mulher que eu convivi com ela, essa daí passamos 5 anos separando devido as minha bebedeiras e eu sei que o problemático foi a minha pessoa devido a minha doença de alcoolismo, certo? E o meu filho, que eu tenho, que hoje tem 14 anos, sofreu demais, que eu estava não o campo do alcoolismo. Porque muitas vezes eu pedia dinheiro emprestado dizendo que era pra comprar alimentação pra aquela criança e eu gastava no pé do balcão com os meus companheiros de copo, tá entendendo? E eu falo pro meus companheiros que é um dinheiro que não tem retorno, não tem retorno. E digo a vocês que passei a ser um camarada mentiroso. Rapaz, não é fácil, o camarada, na minha casa, eu chegava na minha casa totalmente embriagado e essa segunda mulher que eu convivo com ela eu pedia pra ela botar o jantar e no outro dia eu perguntava se eu tinha jantado. E muitas vezes ela falava assim: “rapaz, você tá ficando é doido. Você sentou aí pra jantar, sem tomar banho e não jantou, fez só a comparação e deixou o prato pra lá.” Então, meus amigos, isso aí digo para os meus companheiros que é uma verdadeira decepção. Porque aí eu poderia tirar a vida de uma pessoa sem saber e principalmente agredir meu filho e minha mulher, que muitas vezes sem saber eu esculhambei a minha mulher. Isso é nome de gente companheiro, chamar minha mulher de quenga? A minha filha que hoje tem 10 anos, graças ao meu bom Deus, eu que, eu tava na ativa do álcool, no dia que eu fui dormir com aquela criança ali na maternidade César Calls, a minha mulher olhava pra mim e dizia assim: “(\*\*\*) que tal a nossa filha?” E eu na cara de pau, macho, dizia assim: “rapaz, essa menina, ela nem minha filha é.” Então, rapaz, isso ai é um negócio que machuca muito uma mulher (barulho). Então eu vou dizer a vocês que eu trabalho, graças a Deus, na área de segurança privada e tem alguns companheiros que trabalhavam comigo ali e tava somente companheiro irresponsável no meu trabalho, tá entendendo? Trabalhando, meus irmãos, com arma de fogo. Chegava muitas vezes de ressaca, mentindo dizendo que tava passando mal e inventava de comprar às vezes um lanche. Na hora do almoço eu já tava era atrás de me embriagar. Um dia domingo, às 7 h da manhã, eu ia tirando a vida de um amigo meu de trabalho. 7h da manhã, eu

totalmente embriagado, né? Aquele camarada apenas brincava com a minha pessoa e eu na minha ignorância ia tirando a vida daquele cidadão. Isso tudo por causa do alcoolismo viu pessoal. E hoje eu sou um camarada que gosto muito de respeitar as pessoas. Porque o meu pai, ele criou dez filhos muito bem todos muito bem, mas eu embriagado, eu não respeitava ninguém devido a minha mudança de comportamento. Por isso eu descobri que eu sou problemático, se eu beber um gole de cachaça ou qualquer bebida que contenha álcool. Então eu digo pra vocês que o alcoolismo me deixou no fundo do poço devido as minhas perdas de emprego, a primeira família, a segunda que a gente já tava já perto de separar, tá entendendo? Eu digo a vocês, eu vou dizer isso não pra amedrontar os visitantes, mas pra qualquer pessoa, meus irmãos, eu cheguei a urinar sangue, rapaz. Não é fácil não, rapaz, o cara bem de manhã todo se tremendo, tendo que tomar uma cachaça. Então eu digo pra vocês que eu passei tudo isso devido a minha recaída, mas eu tô e que bom que tem vocês pra me abraçar e eu só tenho que agradecer a Deus. Então eu vou ficar por aqui, eu quero ouvir meus companheiros, a nossa sala hoje está quase completa, tá entendendo e hoje eu passei o dia em casa graças a Deus, tranquilo, né? A minha mulher até brincava comigo assim, né? “Hoje, tu tá tranquilo, né?” Tá entendendo? Porque na minha embriaguez ela sabe como é que era. Aí eu disse: “não, minha filha, na verdade é que quando o camarada tá fazendo parte da maior irmandade do mundo que se chama Alcoólicos Anônimos,” né, não, meu irmão, o cara tem que tá diferente, tem que tá tranquilo, que mais tranquilo melhor. Isso eu tô falando por mim, né? Então eu vou agradecer a todos vocês aqui, né? Nesta noite de hoje, né? Pelo silêncio que todos vocês tiveram de me ouvir. Agradecer o (\*\*\*) aí por ter falado esses dezoito minutos aqui, rapaz. Então agradeço a todos vocês e se agente não se vê daqui até o dia 24, né? Eu desejo a todos vocês que me ajudam todo dia, os familiares de vocês um feliz natal e muita paz a todos vocês mesmo e tudo de bom eu vou pedir a Deus mais 24 h e muito obrigada, viu?

#### DEP 09

Também sou mais um derrotado com o negócio do álcool, fisicamente e moralmente, como eu cheguei aqui. Eu cheguei aqui no AA por meio de um convite e hoje eu considero esse ponto de aceitação. Já tava acabado mesmo. Arrasado em tudo por tudo. Acabei com tudo. Mendigava. Trabalhava, mas mendigava não os bares. Eu chegava nos bares e pedia uma dose de cachaça pelo amor de Deus e ninguém se importava. Até vocês me desculpem que a maioria sabe o que é que eu faço na vida. Eu sou, eu sirvo bebida. Eu sou um garçom e digo a vocês que ali eu arrumei mais experiência do que a que eu arrumei bebendo álcool. Porque eu vejo o exemplo. O cara chega todo bonitinho, bem arrumadinho, não sabe ele nenhum, e sai

bebo dali derrotado. Tudo acontece depois da primeira dose. Depois que dá o primeiro gole, o rapaz lá até hoje. Digo a vocês com todo amor e carinho: tem muita gente que sabe como é minha vida e eu ainda trabalho hoje com ela. E o cabra chega e diz: “irmão você não vai aposentar não?” E eu digo: “não tem nada a ver uma coisa com a outra. Faça a sua parte.” Eu sou meio grosseiro. Faça a sua parte que eu faço a minha. Tô errado? Não tô. Faço a minha parte. E quando eu me aposentei há 4 anos atrás o médico chegou pra mim e disse: “olha, não vai se afoitar não que tu vai morrer antes do tempo, viu bicho. Esse cabra meio doido não vale nada, nada mais, nada menos que o doutor (\*\*\*) aqui da Caucaia. Então é desse jeito como eu tô lhe dizendo. Eu conheço gente da minha família, o colega meu aqui que conheceu um filho meu o (\*\*\*) sabe que hoje ele é paralítico através de um porre. O filho mais velho da 1ª família. O outro o mais novo derrotado no trabalho, serve mais em pra ele mesmo, nem pra levar o copo pra boca. Vocês me desculpem eu gosto muito de lembrar o dia de ontem. Não só o de ontem. Eu gosto muito de lembrar o dia de ontem de hoje e de amanhã. E ontem fui aquele que eu fui preso, fui aquele que eu apanhei, fui aquele que eu aprontei. Fui alguém ali no poço, né? Chegava em casa bêbado depois de 2 ou 3 dias de porre. A mulher bota cara feia pra mim e aí? Pra quê? Alguém pode perguntar: (\*\*\*) mas por quê? Pode acontece hoje. Eu falo isso também, vocês me desculpe. Eu sou ingressante de meia reunião, cheguei naquele lugar ali por meio de um convite. Tinha dois irmãos na entrada, eu pedi meu ingresso. Meu e da (\*\*\*). Um só beber numa casa acaba com o quarteirão ou então com o bairro inteiro. E o negócio tava dentro de casa. Eu comprava uma garrafa de cachaça e bebia dentro de casa. (\*\*\*) falou umas coisa aqui. Eu fui fazer umas compra um dia desses e soube que quando eu tava com 10 anos da minha turma morreu 14, viu? 14. E eu tô aqui. Tem um que eu conheço ali que tá só o bagaço. E eu tô aqui. Qualquer dia faço 70 anos. Cheguei aqui com 48, tô chegando nos 70. Agradeço a Deus toda hora do dia e da noite. Com a idade que eu tenho, não tenho a minha saúde toda, mas tenho coragem pra trabalhar. Aquela disposição que eu tenho hoje beirando os 70 anos eu não tinha com 49 quando eu cheguei aqui. Eu era movido a álcool. Só fazia alguma coisa depois que bebesse. Conheci uma colega minha grande profissional também com problema do coração. Então, meus amigos, é agradecer, em primeiro lugar. Eu sempre agradeço a Deus por tudo isso. Eu não diminuo 1 segundo. É agradecer toda hora pela vida que eu tenho hoje. E o cara pergunta: “você tá rico?” Tô não, agora rir de quê? Eu zelo pela minha vida. E aí? O que é que tem que falar, que tem que explicar? O cara vai beber cachaça com tamarina, limão, laranja, coisa pra botar na boca. Isso não é normal. Se eu soubesse disso tinha me afastado da bebida. É uma doença e tem que ser conduzida. E ainda hoje eu conduzo ela. Agora só eu que posso refrear ela. Eu que posso

dizer não aqui. Eu digo isso nós tamos fazendo uma caminhada até boa, mas se Deus quiser daqui 20 dias eu e a (\*\*\*) nós fazemos 20 anos na programação junto de vocês. Por quê? Porque eu quero. Eu cheguei aqui não foi por causa de brincadeira não. Cheguei aqui pra ficar. Cheguei aqui altamente derrotado, cheguei aqui só a vida. E hoje eu zelo por ela. Sou eu que tenho que zelar pela minha vida. A (\*\*\*) tem que zelar pela vida dela, né? Assim a gente vai conseguindo. Viu? E é assim que eu vou levando a vida e que eu peço a Deus toda hora. Já vou caminhando pros 70, mas eu quero mais daqui pra frente. Não sei até quando ele vai me levar no caminho da vida dele. Essa é a vida que ele me deu eu amo a ela. O cabra diz: rapaz você é doido? Semana passada trabalhei sexta de noite, sábado o dia todinho e chego em casa só o bagaço. Aí pergunte como é. Aí eu vou me tratando, me cuidando pra trabalhar na segunda-feira, sabe? Eu me cuido rapaz. Foram vocês que me deram esse direito. Se eu tivesse continuado a beber depois dos 50 já tinha era morrido. E hoje é 20 anos de luz que eu tenho. Por quê? Porque vocês me deram esse direito. Primeiro lugar Deus, segundo são vocês, somos nós. Então, o AA é muito importante na minha vida. É a minha vida e o AA. Eu sirvo a alguém. Às vezes o cara diz: “chagas você não aparece.” Eu sou meio doido, mas vocês diz uma coisa não tem medo porque não tem ninguém bebo NE? E nem ninguém alcoólatra NE? Então a gente pode falar, brincar. Foi vocês que me deram esse direito aqui quando eu ia subindo no ônibus e peguei o ônibus errado porque eu ia bêbado. Eu só quero uma coisa a fazer mais uma vez agradecer a vocês, fazia dias que eu não vinha por aqui e pedir a Deus, só ele que pode nos dar mais 24 horas.

#### DEP 10

Companheiros, Boa noite. A todos os presentes, companheiros, companheiras e pessoas não AAs. Meu nome é (\*\*\*) e sou alcoólatra. Agradeço a Deus e a vocês por hoje eu não ter bebido. Feliz da vida hoje por não ter bebido. Há muitos anos, muito cedo eu me tornei um bêbado. Há pessoas que podem beber, outros não podem beber. Eu sou essa pessoa que nunca devia ter experimentado bebida. Porque depois que eu passei a mim comandar a bebida pra mim era como se eu pegasse um fio descascado, era pra cair. Reconhecidamente a irmandade me mostrou que alcoolismo é uma doença e eu sou portador dessa doença. Feliz daquele que aqui chega e reconhece a si próprio que tem problema. E se tem o problema é reder-se, é curvar-se e agradece a irmandade por essa função especial: transmitir a mensagem. Eu chegava há poucos anos já velho com 61 anos de idade. A casa cheia de filhos e nada eu tinha ou nada nós tínhamos. Dado ao abandono e o sofrimento que o álcool nos trouxe. É como se tivesse passado um tornado na minha casa. Fazia muito que não tinha nada e eu desgraçado

sem saber o que fazer. Mas nesses 61 anos de idade, 29 de dezembro de 1980 eu me encontrava bêbado num bairro que ainda hoje eu moro. E ali chegava um membro. Me abordou. E eu digo: “que que há?” E ele: “tudo bem.” E só encostou por aqui. “Ah tá bom.” E foi embora. Comigo estava um filho. Também doente, alcoólico, já num grau muito avançado. Até mais do que eu. E eu pensei que se eu viesse podia até trazer aquele rapaz. E deu tudo certo. Eu vim. Me deram alguma coisa pra beber e passou a vontade, passou até hoje. Foi a última cerveja, 29 de dezembro de 1980. Fui pra casa com a mensagem. Ela me abrangeu do cérebro aos pés. Não dormi. Amanheceu o dia eu pensando em Alcoólicos Anônimos e fui na casa do rapaz que era pertinho assim. Me fez 12 perguntas e a 12 me chamou atenção: “já pensou que tu poderia ter uma vida melhor se tu não bebesse?” Eu nunca vi uma bebida que prestasse. Passei a beber e abandonei tudo. Aqui só fala da gente, mas aqui faz conclusões. Dia 1º de Janeiro nós fomos a 1ª reunião eu e esse rapaz e lá foi dito da doença alcoolismo. Eu já vinha do hospital, mas pra se reconhecer que é não precisa de hospital não. Alguém chega e diz a mensagem, se agarra com ele e vem porque a doença é progressiva e mata. Mata sem dó e sem piedade. No dia 5 de janeiro eu me declarei membro porque meu irmão disse que tinha gostado e tal, mas não gostou. Lá pra diante ele esmoreceu. Começou pra satisfazer a mim e aqui pra satisfazer a ninguém, ninguém fica. É satisfazer a si. Pra agradar as pessoas não fica. Mistérios. Sentiu uma necessidade que precisa, fica. Se ficar aqui vacilando sem entender, abusando da bondade, mais tarde pega e vai embora. E passou só dois anos sem beber, em respeito a princípio nunca, jamais. E fazia bebendo e fazia também fumando. E acontece que ele voltou várias vezes e nunca mais ficou. Ele pegou a ficha hoje já devolvia na mesma noite e agora há sete anos a cirrose bateu e acabou com ele. Ele tá operado dessa perna, o sujeito tava no chão como se tivesse sangrado um boi, fazia pena, ninguém queira visitar não. Eu só tenho que agradecer a Deus pela mensagem e o privilégio que eu tenho de ser membro. Porque é um privilégio um bebo da minha espécie hoje não ter mais problema com bebida. Meu problema hoje é com Alcoólicos Anônimos. Enquanto der pra mim dar uma passada, ajudar os companheiros, eu estarei aqui com vocês. Cheguei lá com 61 anos de idade, já cheguei a 88 de idade e no dia 10 de janeiro eu comemoro neste grupo onde eu sempre tô por lá, o Samritano, 27 anos que nunca mais bebi. Nesse dia, os que lembrarem e tiverem tempo disponível dê uma ajuda por lá. Obrigado e mais 24 horas.

DEP 11

Vim agradecer a Deus, ao poder superior, a mim e a vós e a grupo São Vicente. Parabenizar a todos os companheiros que passaram aqui nessa tarde maravilhosa aqui nessa cabeceira de

mesa que falaram aqui no grupo São Vicente. Alcoolismo não há líder, não escolhe, não distingue a cor do homem, né? Da mulher que seja e tira ainda mais a essência da profissionalidade, o profissional de cada cidadão, né? Então eu quero ouvir mais do que falar né? Quero continuar meu tratamento, né? E parabenizar os inscritos nesta noite, né? Ele veio de Salvador, tá aqui em Fortaleza e nesta noite no grupo São Vicente. Quero dizer aos companheiros que o alcoolismo tira todo o valor físico moral, né? Quando chega aquela vontade, aquela saúde que todo homem quer ter seu trabalho, quer subir na vida, quer ter sua família, quer ter seus amigos, quer criar energia. Então tudo isso eu notava que partir só momento que eu vim aqui eu notava que o companheiro dizia que parava num determinado local e n tomava só 1 né? Então tudo isso aí. Eu bebia era sim uma bandinha de limão e dois litros de cachaça todinha. Aí me perdia, perdia toda aquela alimentação que eu tinha feito pra levar pra minha casa pra minha família. E até mesmo comprar alguma coisa pra minha mãe conversar c meus irmãos, tudo isso veio por água abaixo. Mas o normal, é um normal da sequência da bebida, né? Pra acontecer isso tem que ser doente o alcoólatra. O cara não pode ficar em cima do muro. Ou é alcoólatra ou não é, né? Tem que aceitar todos os parentes da irmandade, né? A partir do momento que adentra numa sala dessa aqui do Grupo São Vicente. Você vê os companheiros mesmo de faculdade de universidade dizer: o alcoolismo é um calor arretado. E é progressivo, irreversível e de conseqüências fatais não é? A partir de 2, 3, 4, 5 copo esquece tudo aquilo e vem a mudança de comportamento. Aí vem o risco de matar aquele ser querido. O próprio amigo da mesa, aquele amigo de bebida, né? Maltratar a família n de pancada, mas numa simples palavra e passa dois 3, 4, 5 dias até duas semana inteira pra esquecer, né? Aquela agressão verbal, né? Não foi física, mas foi verbal. Aquele ato de responsabilidade, de educar, de criar e a pessoa chega embriagado, aconteceu comigo, duas horas da manhã 4h até raiando o dia, querendo aquilo que eu não tinha deixado, né? né? Exigindo. E ela ali trabalhando naquela máquina de costura que ela é costureira minha mulher, a mulher que eu casei com ela, a minha 2ª mulher, a mãe dos meus filhos. E tudo isso me vem à mente e me leva a crê nas tragédias que pode haver dentro de casa, né? E a irmandade é rica e sábia pra aqueles que querem seguir de uma maneira respeitando. Digo respeitar não é querer criar problema, confusões com aqueles que tão em outro caminho além do nosso, né? Nós temos uma vereda a seguir. Talvez seja a vereda da luz, né? Que leva a Deus e tem a vereda da escuridão, né? Que é aquela que leva ao ambiente de bebida, né? A irmandade é rica, eu vim sair um dia desse e eu exatamente falei, só pra.., uma reunião com mais de 100 pessoas. Então uma irmandade dessas que já salvou milhões e milhões de pessoas, homens e mulheres no mundo, nesse planeta, né? Isso só pode ser o poder superior

de deus NE? Aqui no grupo São Vicente, essa reunião sagrada aqui os olhos de deus, né? O AA como todo mundo sabe, né? Não tem vínculo a religião, mas temos que agradecer aquela chance dada pra nós. A função da fé, todos nós sabemos esse valor e assim vai de acordo com a realização do grupo. O amor é um estado essencial pra não cair num buraco e arrebentar o carro, né? E eu acredito no poder superior porque ele me salvou porque eu tenho certeza se eu tivesse continuado na minha bebedeira eu já tinha partido pra outra vida há muito tempo. Porque escapar de atropelamento de carro, escapar de bala, de faca, digo porque aqui não se pode mentir porque lá em cima tá todo o relatório feito por deus, ser expulso de dentro de bar, chegar onde você chegar tomar uma cerveja sem ter um tostão, né? E o cara me chutar e dizer: sai pra lá. E ia bater, não bateu porque tinha um carro próximo e o cara desceu não deixou eu me esquentar. E isso é o mínimo. Sem falar que eu saí correndo e o cara atirando atrás de mim. Nos estacionamento do BEC e deus salvou minha vida, mas foi por pouco, já era mais de meia noite, né? Então tudo isso apareceu na minha vida porque eu procurei porque eu procurava mesmo. Então eu tenho que agradecer muito a deus e a vocês, né? Eu tava ali no Tiradentes, né? Assistindo a reuniões no Sábado à tarde e nos domingos pela manhã e parabeno todos os companheiros aqui do São Vicente que Deus lhes conceda muita saúde, segurança e paz, né? E parabenizar também os companheiros estão pela primeira vez com essa experiência hoje, né? Eu já tô com 7 anos na irmandade, graças a deus, né? E eu preciso dessa camaradagem, da vossa ajuda. Se tem um visitante, faça uma análise, já vou terminar, faça uma análise daqui da reunião do São Vicente, da sua mente pra com deus e reconheça que o álcool não tem a dar a cidadão nenhum seja lá o que for. Aqui nós aceitamos do mais simples ao mais graduado, né? Aqui é ajudar aquele que precisa, né? Sair do campo do alcoolismo. Muito obrigada, mais 24 h pra todos nós.

#### DEP 12

Boa noite, meus amigos. Agradecemos a Deus, agradecemos ao AA por ter nos dado essa oportunidade. Tô muito feliz eu. Desde que eu encontrei essa, essa festa maravilhosa aqui. Essa ajuda de vocês. Sou feliz por eu ter deixado de beber. Eu ingressei no dia 3 de Janeiro de 1985. Vinha das quedas, das prisões, da separação, todo desconcertado, triste. Desde que eu cheguei aqui eu passe a mudar no AA. Venho participando ativamente, gostando. É pela experiência de cada um, né? Isso é importante. E graças a isso eu sou muito feliz viu? E mais uma vez eu tô aqui agradecendo. O São Vicente me ajudou muito. Eu cheguei aqui no programa esse grupo era lá naquele recanto acolá, lá naquele lugar. E tantas experiências participando, de várias maneiras. Recebi até o documento no em Janeiro fez 23 anos de eu com

vocês. Tô muito feliz pela presença de cada um, viu? Que participa. Tô tão feliz. A família feliz através do programa, através dos companheiros, da experiência de cada um. Eu cheguei doente, além de ser alcoólatra cheguei todo doente. É rapaz eu cheguei muito triste. Mas hoje em dia eu sou feliz né? Agradecendo a deus pela ajuda de cada um a experiência de cada um. Eu me sinto muito bem quando eu chego nesse grupo aqui. Companheiro (\*\*\*) já tem me ajudado muito aqui rapaz. Vocês todos, todos companheiros que vêm me ajudando aqui. Aliás, todo grupo. Sou feliz. Então quero agradecer ao grupo São Vicente q me ajudaram desde sempre e fico feliz c a presença de cada um. Então-se é dessa maneira. Cheguei aqui muito triste, separado. Meu amigo, né moleza não, meu amigo. É eu me juntei com os bebarrões, caí na calçada. Rapaz, saía por aí bebendo com os companheiros de copo. Eu achava extremamente ridículo rapaz um negócio daquele. Um negócio horrível, rapaz. E aí. Mas Deus foi maravilhoso, rapaz. Desculpa aí os. Me levaram pruma sala de AA. A primeira vez eu participei de uma reunião não me disseram que era uma reunião. Aí assisti, depois assisti uma reunião no grupo Bonito e outra reunião foi no grupo Cazajeiras. Então eu agradeço aqui a vocês mais uma vez dando sequencia a esse programa. Porque aqui é vida, rapaz. Então hoje eu sou feliz. Então eu quero agradecer o silêncio maravilhoso que eu tenho visto aqui. O grupo São Vicente pela oportunidade que foi me dada. E mais 24 horas para todos nós. Muito obrigada.

### DEP 13

Caríssimo visitante, a razão maior da nossa existência, sou alcoólico em recuperação graças a Deus. Pela graça de Deus hoje eu não bebi. Pela essa riqueza, pela sobriedade que eu peço que se estenda, que derrame sobre todos os alcoólatras. Gostaria de passar para os companheiros algumas informações sobre a hereditariedade e a organização mundial da saúde está quase admitindo que hereditária é a doença do alcoolismo. E fazem estudos bem avançados. Já tá quase concluído esse estudo, é uma matéria que eu tô lendo atualmente, já tá quase em fase de conclusão comprovando para ser publicado que a doença é hereditária. Em relação ao grupo Assunção que não funcionou, talvez não tenha funcionado devido à pessoa que coordenava os trabalhos não ser um alcoólatra. Não sei se é, mas muitas vezes mesmo sendo um alcoólico pode não funcionar porque a pessoa pode não estar preparada para estar à frente do serviço, né? Recebe uma preparação. Por exemplo, o Siqueira às vezes diz aqui que ele não faria esse trabalho embora seja uma pessoa extremamente preparada através da nossa literatura o conhecimento que tem, os conceitos, os nossos princípios. Já foi falado aqui, já foi tocado nisso desde o 1º orador se fala na questão espiritual, Alcoólicos Anônimos é um

problema totalmente espiritual. Mas nós também temos um lado material. Saco vazio não funciona, né, e todo mundo sabe disso. E eu queria começar a minha mensagem, eu vou investir, eu vou começar pelo material e lá no final eu vou falar da espiritualidade. Eu separei uma mensagem que diz assim: a riqueza e a pobreza. Um dia, um pai de família rica levou seu filho para o interior com firme propósito de mostrar o quanto a pessoa pode ser pobre. Eles passaram um dia e uma noite na fazenda de uma família muito pobre, na casa de uma pessoa, de uma família, um morador e quando retornaram o pai perguntou ao filho: como foi a viagem? Foi boa papai! – você viu como as pessoas pobres podem ser? E o que você aprendeu com elas? - e eu vi que nós temos um cachorro em casa e eles têm 4. Nós temos uma piscina que vai até o meio do jardim. Eles têm um riacho que não tem fim. Nós temos uma varanda iluminada com luz e eles têm as estrelas e a lua. Nosso quintal vai até o portão de entrada e eles têm uma floresta inteira. Quando o pequeno garoto estava acabando de responder ao seu pai, o mesmo ficou estupefato e o filho acrescentou: obrigado papai! Muito obrigado por o senhor ter me mostrado o quanto pobre somos nós. Moral da história: tudo que nós temos depende da maneira como nós olhamos para as coisas. Se nós temos amor, amigos, saúde, bom humor e atitude para com a vida, temos tudo. Se nós temos, não temos coisas desse tipo, nós não temos nada. Dito isso eu queria relatar para vocês da minha chegada no programa, no dia 18 do 5 de 99, que eu cheguei aqui, praquelas pessoas recém-chegadas, praqueles que estão visitando porque muitas vezes, eu pelo menos quando eu cheguei aqui no AA. Eu queria ter emprego, eu queria ter um trabalho, pelo menos uma moeda para botar nessa sacola na hora do intervalo, eu não tinha. Eu não tinha um cordão para puxar uma cachorrinha enquanto muitos chegaram aqui puxando a cachorrinha. Eu não tinha roupa. Cheguei sem roupa, cheguei nu, cheguei com roupas emprestadas e hoje o meu guarda roupa é repleto de boas roupas. Eu cheguei despejado e hoje eu tenho uma casa maravilhosa que é um verdadeiro lar. O 1º orador falava do 3º ou do 4º carro. Há bem pouco tempo eu perdi a minha condução, a minha bicicleta, mas nem por isso eu deixei de freqüentar a sala do AA. Nem por eu deixei de ir para os lugares mais longínquos porque a minha recuperação depende de eu estar dentro de uma sala de AA. Eu cheguei nesse programa com impotência sexual. Hoje eu tenho um filho lindo, divino, maravilhoso. Eu cheguei aqui abandonado pela 1ª esposa, pela 2ª. Hoje eu tenho uma mulher que cuida de mim maravilhosamente bem pelo fato de eu não estar mais bebendo. Hoje talvez eu não tenha uma conta bancária, eu não tenha um carro dentro da minha casa, mas eu tenho todas as riquezas que o homem deseja ter dentro da casa dele. Eu tenho paz eu tenho harmonia, eu tenho amor, eu tenho Deus no meu coração. E isso só foi conquistado graças à disciplina, graças a essa obediência que os senhores têm me passado ao longo dessa

caminha de AA em todos esses anos. O cara que chegou aqui pesando 49 quilos, em 78 eu precisei fazer um regime pra perder 10 kilos. Eu achava muito bonito alguém comprar um peixe, comprar um frango, comprar uma carne, eu nunca consegui trazer um ovo pra mistura da minha casa. Eu nunca consegui colocar dentro da minha casa uma coca-cola, eu nunca consegui, só chegava litro de cachaça dentro da minha casa, quando chegava. Esse programa que precisa ser misturado ao material. Esse programa que nos dá condições, e o (\*\*\*) falava com muita propriedade: é dando que se recebe, é estendendo a mão ao outro, é como o olho d'água que só faz minar água. Quando você distribue essa riqueza que é a única riqueza do universo que quando você divide, ela duplica, ela multiplica e assim sucessivamente é a riqueza da sobriedade. Quando eu dou de graça o q de graça recebi, quando eu adentro por essa porta tão estreita, já que lá fora existe uma porta tão larga. “Vem, toma a tua, só uma! Todos os dias tem esse convite pra mim. Não posso, sou doente, tenho o coração crescido, se eu beber eu morro. Eu preciso ser mentiroso, embora o programa me ensine a não mentir, mas eu preciso ser mentiroso pra não beber, eu tenho que enfrentar as feras lá fora. Alcoolismo é uma doença que afeta o comportamento, alcoolismo não tem cura, mas comportamento tem. Eu cheguei aqui mentindo, eu cheguei aqui desonesto, eu cheguei aqui cambaleando todas as noites. 25 aos procurando a fazer aquela coisa que o (\*\*\*) dizia aqui, aquela coisa de ser ao menos um bebedor social e não consegui. Eu também cheguei abaixo da linha da miséria. Cheguei na 3ª fase do alcoolismo. Mas o nosso evangelho ensina que a dor é uma benção que deus envia. Puxa vida e como eu sou feliz de ter chegado nesse programa. Eu conheço através do amigo (\*\*\*), a gente viajou, a gente viaja muito por aí, a gente conhece várias coisas, vários grupos, várias formas de fazer AA, várias formas de fazer religião, mas eu não conheço nada mais belo, nada mais rico, nada mais sublime do que a mais simples sala de AA. Pra Ser específico essa sala. Eu não conheço dentro do ambiente de Alcoólicos Anônimos um ambiente mais espiritualizado, mais harmonizado do que esse pequeno espaço do grupo São Vicente. Porque aqui emana uma força superior que nós não conseguimos ver, nós não conseguimos enxergar esse poder superior porque nós tamo muito, mais muito além desse conhecimento. Mas cada um de nós que vem aqui se avicia, se sente, que às vezes o coração só sente e engasga. O álcool me tirou o direito de chorar, mas o programa de AA me deu o direito de sentir a emoção, de voltar a ter vida outra vez. E todas as vezes que eu venho pra uma sala, todas as vezes que eu venho pra uma reunião, todas as vezes que eu vejo alguém voltando, todas as vezes q eu vejo alguém chegando pedindo pra ingressar no AA, aquilo é um espírito novo. É como alguém que tá dando baixa no hospital, é como um garoto que tá acabando de nascer e a gente faz o natal, natal de nascimento, natal de crescimento, natal de

mensagens positivas, natal, vou repetir, de estender a mão, natal de trazer o outro, natal de ser feliz, natal da conciliação, natal de tanta coisa bela porque como disse o neto, o garoto que mudou a contagem do tempo, todo dia ele tá nascendo, mas ele tá renascendo dentro de nós, em cada um de nós. E que nós tenhamos essa força que nós chamamos de Deus de sair, buscar a força que é o real motivo, real motivo de nós estarmos vivos, nós somos os apóstolos dessa mensagem divina. E essa mensagem que eu digo é a mensagem que eu queria trazer hoje pra cá.

#### DEP 14

Eu não sou mais (\*\*\*) não. Hoje eu sou (\*\*\*) porque aquele (\*\*\*) pra mim morreu. Agradeço a Deus essa coragem, essa força de retornar a uma sala de AA e aos meus companheiro dessa realidade que me trouxeram. Eu não sei explicar a vocês o motivo, eu também não vim explicar, eu vim atrás da minha recuperação pra dá continuidade a minha família que tanto precisa de mim. Eu queria ter uma explicação, mas não tenho. Conheci o AA em 1983 e tive duas recaídas. Bebi em 89 e ingressei em 1990. Vai fazer 18 anos agora. A minha filha ontem completou 18 nos de idade, nunca viu o pai pegando num copo, mas passou o dia todo ontem chorando. E a semana passada eu bati meu carro, bati ele aqui na Mister Hall, recebi segunda, na terça bati de novo. Cheguei em casa embriagado. Quis matar a mulher, quis matar minha própria filha, bati no carro do vizinho, proposital. Intoxiquei meu corpo todinho, tá aqui a minha situação. Totalmente arrasado. Agora eu me acho uma pessoa inteligente e procura adiar a minha recuperação. Porque me entenda eu voltei. Eu voltei, meus amigos, porque eu tenho uma família que precisa de mim. E se eu continuasse eu tenho certeza que daqui 3 meses eu não ia mais, mais, mais viver no caminho, que eu ia era morrer. Eu não quero mais nem ouvir falar nesse nome. Se eu sou irresponsável, se eu não soube dar valor a programação, se eu continuei com os mesmos defeitos de caráter eu não sei responder a vocês. Apenas eu quero uma coisa de vocês que me ajudem que eu tô num momento que muito necessito de vocês. Porque a vergonha que eu tive de chegar numa sala de AA e vir numa cabeceira de mesa e ver meus companheiros que eu vi chegar que eu conheço quase todos e hoje eu tá recebendo uma ficha novamente... Agora desculpe, eu acho que não é só safadagem não. É uma doença. Simplesmente chegou o irmão da minha mulher na minha casa numa reunião e ele comprou uma cerveja sem álcool pra mim e eu fui nessa e foi dessa cerveja sem álcool que começou meu desespero. Mas infelizmente eu fui na onda. Eu esqueci daquilo que vocês transmitiram pra mim. Fui levado naquele momento por não estar no meio da irmandade, porque se tivesse algum companheiro lá talvez eu não tivesse dado o primeiro

gole, tá entendendo? Então eu quero dizer aqui os companheiros que tão chegando ou aqueles que têm vários anos de AA, porque pra mim eu sou companheiro de vocês da mesma maneira, bebi, retornei e sou o mesmo companheiro eu digo: quer saber, eu vou procurar minhas 24h, vou procurar ter mais frequência na sala de AA. Porque aqui eu vou encontrar meu remédio e dá continuidade. Peço desculpas a todos vocês e que nenhum de vocês me adotem como covarde, mas todos vocês podem me apontarem como doente. Muito obrigado que Deus dê a todos nós uma feliz 24 horas. Abençoe os lares de vocês. Muito obrigado.

#### DEP 15

Agradecendo a Deus por não ter bebido. Feliz porque hoje amanhecido o dia e ver que não estava mais bebendo. Não estou mais com aquele fedor, aquele ressentimento de culpa. Ou seja, tudo que eu fiz ontem e tudo que eu fiz até agora nesse exato momento, o mais importante é que hoje eu sou gente. Eu quando eu falo que hoje eu sou gente muitas pessoas têm me perguntado o motivo, mas o motivo é só um, porque hoje eu não bebi. Que há muitos tempos atrás, 24 horas atrás eu não sabia o que eu era, o que eu queria ser, por quê? Porque bebia. Eu era simplesmente uma bêbada. Como mulher, como mãe, como filha eu bebi 25 anos. E minha família sofreu, quando eu falo em família, eu falo meus filhos também, eu falo nas crianças que não pediram pra vir ao mundo. Eu falo do que aquelas crianças passaram de fome e dormindo nas calçadas. Que eu sofri, eu sofri. Humilhação, peia, fome, nomes. Perdi tudo, até o que eu não tive. Que eu nunca tive bens materiais. Porque tudo que eu consegui alguma coisa foi através de um cidadão chamado álcool. A minha mãe que hoje eu descobri que hoje é minha verdadeira mãe, depois que eu cheguei na irmandade de Alcoólicos Anônimos, ela mora no Icaraí e é por isso que não dava certo pra mim e ela, porque eu tinha ódio dela, eu tinha mágoa. Até o ano retrasado, o ano passado, e eu digo a vocês que foi um sofrimento. Você chegar a adormecer dentro numa caixa de geladeira, na praça José de Alencar, da Estação, da Lagoinha, pedindo esmola pra beber cachaça e quantas vezes as pessoas me davam alguma quantia e muitas vezes me davam até leite pra minha filha deficiente. Eu tinha uma filha deficiente, ela não andava, nem falava, se alimentava por uma sonda. Através da fase de apagamento, e o que é a fase de apagamento visitante, você pode até se perguntar. Fase de apagamento é aquilo que você faz e não se lembra. Você mata pai, mãe filho. Você muitas vezes anda quilômetros a pé e faz besteira e no dia seguinte alguém diz: “rapaz tu fez...” “Mentira sua!” O cara que diz: eu bebo whisk e não faço isso. Mentira dele. Eu posso chamar ele de mentiroso porquê? Porque as pessoas que faz isso, bebe e no dia seguinte não se lembra, é igual à fase de apagamento. É o apagamento, é na mente.

Alcoolismo, visitante, é doença e a doença que mais mata. E sabe quem que ela vem mais matando? Mulher. A maioria das mulheres hoje tão morrendo de bebida alcoólica. Domingo eu vi dia da mãe, um dia importantíssimo, né, que é o dia também da nossa mãe que está no céu, pessoas comemorando e os seus filhos chorando e no dia seguinte chegava pra mim e dizia: “fiquei triste porque nenhum dos meus filhos me deram um abraço”, mas porque? Porque estava beba e eles oh saíram. Aquela mãe de família eu vi tentando fazer almoço dos seus filhos e consegui. O álcool é destruidor, visitante. Ele me destruiu. Meus filhos chegaram a comer comida pôde lá da Ceasa. Eu tenho uma filha, que Deus a tenha ela no lugar, morreu com câncer na cabeça através de uma comida que ela comeu de cachorro. Era porque eu queria? Não, eu estava bêbada. Eu não sabia até que ponto o álcool poderia me levar e eu digo hoje ele poderia ter me levado a morte. Eu tenho 6 recaídas, depois de 6 recaída eu vim entender alcoolismo como doença e eu não posso, não quero e não devo beber. Dia 9 de janeiro de 95 lá no mercado do Jereissati, desculpe o que eu vou dizer aqui a vocês, o que eu tô falando aqui é da minha inteira responsabilidade, o que eu vou dizer aqui não vai ofender nenhum de vocês, vai ofender a mim, e eu estou me lembrado do meu passado pra que eu não possa voltar novamente a beber, porque se eu voltar a beber, vai voltar tudo de novo e pior. Eu estava defecada, urinada, cachorro já tinha beijado a minha boca, vários bichos, vários meses sem tomar banho, toda me tremendo. Eu não tinha mais condições de vida, cadáver ambulante, meus dois irmãos, um que Deus a tenha ele em bom lugar eles chegaram naquele dia lá no mercado tinha gente que dizia: “olha aí esse satanás”. Eu não tinha o direito, meus amigos, de ser chamada de gente, meus amigos. É por isso que vocês entendem quando eu falo aqui que eu sou gente. Mas naquele dia, graças a Deus, como eu falei, o meu irmão disse vamo levar pra sua casa, jogar ela dentro desse buraco e pronto. Só que eu não era reconhecida, na igreja católica eu não era reconhecida, que eu não era batizada, mas aí fui na igreja católica, fiz a primeira comunhão e meu batismo num dia só, graças a deus. No dia do meu aniversário de 45 anos e eu pensava que não ia chegar a essa idade, viu? Mas eu digo a vocês que quando eu chegava no AA num carro de mão, totalmente liquidada. Quer terminar de morrer vá prum bar. Mas graças a Deus deu certo. Deu certo e tá dando certo até agora oh! E graças a Deus eu já subi a rampinha da felicidade, as escadinhas da felicidade. Você não sabe o que eu passei dentro duma casa de aluguel, mas hoje é diferente. Eu e meus filhos. Abrir o chuveiro ali pra tomar um banho. Rapaz é bom demais o cabelo bem limpinho. Botar uma chinelazinha, bota um sabonetzinho, um desodorantezinho, às vezes até um limãozinho. Minha vó hoje eu saio eu digo: “bença, vó”, “Deus te abençoe e nossa senhora te guarde!” Ô coisa boa. Me deito, beijo todos e ela me dá um beijo e um abraço. Aí

eu venho pra reunião. Hoje eu digo a vocês, graças à Deus que dia 9 de janeiro de 2009, lá na área onde o companheiro falou, l na primeira de Caucaia, eu vou estar lá recebendo da mão de Deus e de cada um de vocês uma ficha alusiva a 14 anos de sobriedade, 14 anos de vida, 14 anos que eu não caio mais nas calçadas, 14 anos que eu não vou mais no hospital psiquiátrico, faz 14 anos que eu calço uma chinela, visto uma roupa e essa minha roupa volta no meu corpo, 14 anos que eu sou gente. Pra encerrar as minhas palavras, eu digo a vocês que é o primeiro ano que eu vou votar. Hoje eu tenho a minha identidade, carteira profissional, título e o meu CPF. Então, gente, hoje eu sou uma cidadã, não só porque parei de beber, mas porque a igreja católica me batizou lá dentro, NE? E sou reconhecida agora pela sociedade através do meu título de eleitor. É besteira pra vocês que já vota não sei quantos anos, pra mim não. Pra mim, vai ser o maior prazer que eu vou ter esse ano de votar. Quando a gente passa pela porta de Alcoólicos Anônimos passa pela mão do bisturi do poder superior, do bisturi de Deus e aí é pra quem tem vontade de parar de beber. E hoje eu quero parabenizar esse rapaz aqui que o AA é o maior presente que você deu pra você e pra sua família. Aqui é a maior irmandade que dá de graça aquilo que eu recebi de graça. Eu sempre gosto do grupo São Vicente, porque a gente vai pra casa com amor, com carinho, principalmente do companheiro (\*\*\*) que faz um cafezinho. Eu agradeço a vocês e agora eu vou ter que me retirar porque eu saí d casa doente e tudo. Hoje graças a Deus eu vivo de doações, então eu tô indo em casa agora pra levar o alimento dos meus filhos. Então eu agradeço a vocês mais uma vez pelo silêncio, agradeço ao São Vicente por estar com suas portas abertas e a todos aqueles que ajudam que Deus possa nos abençoar e possa nos conceder infinitas 24 horas, meu muito obrigado.

#### DEP 16

Boa noite! Meu nome é (\*\*\*). Eu não sou muito de carteira de mesa, mas eu peguei a sugestão do amigo (\*\*\*) que era boa pinta e vim aqui conversar, desabafar. Eu quero dizer que eu não ganhei muita coisa com a bebida. A bebida simplesmente eu perdi meu casamento, casamento muito bom, uma pessoa boa. Simplesmente ela jogou minhas coisas fora e depois desse casamento acabar foi pior porque eu passei dois anos sofrendo no álcool e ela simplesmente acabou, não deu mais retorno. Mas eu conheci por intermédio de uma pessoa, conheci o AA. E assisti algumas reuniões e teve uma reunião que me despertou, de uma senhora que eu não lembro o nome dela. Ela foi na cabeceira-de-mesa e realmente falou umas coisas que realmente acontecia comigo. Eu chegava no bar, bebia, pagava para os outros feito besta, capotava urinava acordava todo urinado, as pessoas ficavam fazendo pouco de mim. E isso não me servia de exemplo. Eu passava... o pior, cara, que isso acontecia vizinho o meu

trabalho. Já pensou o cara trabalhava numa esquina, aí se embriaga, aí no outro dia a patroa ficava sabendo. E vinha aquela vergonha moral que quase não servia de nada, passava uma semana, bebia noutro canto, não bebia no mesmo canto, aí quando tava embriagado voltava pro mesmo canto. Tá entendendo como é a situação de quem é alcoólatra? Tô falando por mim. Mas graças a Deus eu vou contar o depoimento que mudou minha vida. Eu tô no AA, entrei, concluí. Os três primeiros mês foi horrível, o sexto também. Mas aí eu aceitei entrar em greve, aí graças a deus minha vida mudou, conquistei outro emprego. Trabalho em dois empregos hoje. Tô conquistando minha vida. Só não conquistei meu casamento, mas isso aí pra mim eu já descartei. Vi que não tem mais jeito, eu quero fazer o que hoje? Eu quero viver só minha vida. Tá entendendo? Uma vida saudável, sem bebidas alcoólicas, ninguém tá apontando: “olha esse bicho, tu capotou lá na mesa, urinou na roupa, tu não tem vergonha, não?” Hoje isso não acontece mais comigo. Por quê? Eu botei consciência na minha cabeça que hoje eu não quero mais beber. Tá entendendo? Eu não quero mais beber. Tive uma recaída no fim do ano porque eu me senti solitário, mas nem por isso eu fui beber, eu fui, tomei uma coca-cola, eu simplesmente, eu quero dizer que eu tô bem comigo mesmo e tô caminhando para o quarto ano de sobriedade (palmas), uma pessoa, uma pessoa que nunca ia deixar de beber porque eu era demais, cara, todo dia eu bebia, tava lá todo dia, todo dia, todo dia bebendo. Eu só quero agradecer a Deus, entendeu? E a vocês, 24 horas.

#### DEP 17

Amados companheiros, em especial as pessoas que nos visitam, gostaria aqui de dar o meu boa noite e agradecer ao Poder Superior a mim pelo privilégio que me deu de conhecer um dia os alcoólicos anônimos e aceitar o alcoolismo como doença e de fazer parte também dessa irmandade. E eu sou alcoólatra porque vivi uma experiência de alcoolismo e atingi o fundo do poço. Como a maioria das pessoas que começam a beber, como você ouviu muito nesse tipo de AA, alguns iniciaram pra vencer a timidez, fui muito criticado a primeira... Eu primeiro bebi a primeira vez porque eu era muito tímido e a bebida me fez vencer essa timidez. Eu tava em um término de curso da oitava série e nós fomos pra um clube. Nesse clube foi realizada a festa, né? Chamava na época colação de grau, não sei se hoje em dia é assim, né? Mas, chamava de colação de grau e eu naquela festa queria chamar uma, uma jovem pra dançar, uma moça e eu olhava pra ela, mas eu não tinha coragem de fazer o convite e um dos meus amigos ele me sugeriu que se eu tomasse um gole de cerveja, aquele medo ia deixar de existir e eu iria ter coragem e chamar aquela moça pra dançar. E eu segui o seu conselho, eu tomei o primeiro gole de cerveja, chamei aquela moça pra dançar... e interessante que a partir daquele

dia foi como se eu tivesse tido uma grande descoberta na minha vida. Pronto! Meus problemas acabaram. Quer dizer, a bebida a partir de hoje, ela vai me ajudar eu me introduzir na vida, na sociedade, no trabalho e logo, logo, com essa mesma idade, eu consegui um emprego. Então se abriu aí o universo né? Um jovem com dezoito anos, com um bom emprego, ganhando razoavelmente bem e podendo a partir dali participar de tudo aquilo que o mundo oferecia. Como foi que eu fiz? E comecei, né? Se abriu o universo da bebida na minha vida. E, como muitos vocês, começa a beber moderadamente. Você não tem problemas, você não tem ressaca, você se comporta bem onde está, você não maltrata e nem magoa as pessoas. Então a bebida passa a ser coisa natural na sua vida. E pras pessoas que lhe rodeiam, pessoas que lhe... isso é uma coisa natural, porque é natural as pessoas beberem. Só que aqueles que têm a predisposição pro alcoolismo, com o passar do tempo, perdem essa condição de beberem de maneira normal e passa a beber de forma exagerada e foi o que aconteceu comigo, (\*\*\*)). Logo, logo, eu tava bebendo exageradamente. E alguns dizem, né? Que o álcool lhe tira as oportunidades. E as minhas, as minhas oportunidades elas nem surgiram. Porque até sonhar, como uma pessoa normal sonha, né? Quando completa 18 anos de se formar, fazer uma faculdade, casar, constituir uma família. Isso são pensamentos de um jovem normal, né? Mas o álcool já tirou isso de mim. Quer dizer, eu não pensava em casar, eu não pensava em me formar porque depois desse primeiro gole eu parei de estudar porque eu comecei a trabalhar e eu achei que aquilo ali nunca ia acabar, que aquele emprego que eu consegui eu nunca ia perder. E fui bebendo e o tempo foi passando e eu comecei a faltar às segundas-feiras no emprego. Nesta época eu trabalhava no laboratório São Carlos. Quem tem alguns anos lá, lembra do doutor (\*\*\*)). O doutor (\*\*\*)), membro de AA. E eles começaram a perceber a minha dificuldade em relação ao álcool, porque eu já começava a não ir mais trabalhar nas segundas-feiras. E, de vez em quando, se fazia uma ajuda naquela empresa tinha uns cinco membros do AA. E um alcoólatra ele conhece o outro muito bem e eles começaram a perceber que eu tinha um problema muito sério com o alcoolismo, por que eu já estava deixando de trabalhar às segundas-feiras. E de vez em quando me chamavam pra conversa pensando fazer eu entender que eu havia me tornado um alcoólatra em potencial. Mas eu tava no auge do alcoolismo nada do que me dissessem ou nenhum conselho que me dessem pra que eu parasse de beber, eu aceitava. Até que conseguiram me trazer a uma reunião de Alcoólicos Anônimos. Eles me levaram pra assistir uma reunião lá no grupo... lá na subida do viaduto, ali na Cidade dos Funcionário, né? Chamam lá Cajazeira. E eu tava com pouco tempo que bebia, talvez eu tivesse com uns três, uns dois anos que tava bebendo. E eu assisti aquela reunião atentamente por cada orador que passou naquela cabeceira-de-mesa. Na época,

muitos devem conhecer o (\*\*\*), né? Então o (\*\*\*), ele passou naquela cabeceira-de-mesa, naquele dia e relatou toda a sua experiência. Eu falo do (\*\*\*) porque depois eu cheguei no AA e ainda tive o privilégio de conhecê-lo, né? Então foi um dos que eu lembrei na época e ele contava ali toda a sua experiência vivida enquanto alcoólatra na ativa e também a sua experiência vivida depois que parou de beber. E eu sai daquela reunião certo de que nada daquilo que havia acontecido com aqueles companheiros ia acontecer comigo. Porque eu achava que eu era diferente. Aconteceu porque eles não tomaram cuidado. Então eu vi companheiros que passaram naquele dia que tinham mendigado cachaça, que tinham caído nas coxias, que haviam sido presos, que tinham sido rejeitados pela família, até mesmo pelos amigos, que tinham sido abandonados. Quer dizer, alguns deles que tinham se formado farrapos humanos e eu achei que aquilo não iria acontecer comigo. E eu começava a partir dali travar uma luta contra a doença do alcoolismo. Eu queria mostrar pra mim, pra mim, eu não queria mostrar pra ninguém, eu queria provar pra mim mesmo que eu era diferente deles. E saí dali e comecei a atravessar a luta contra o alcoolismo. E eu não me esqueço às vezes que eu chegava em um determinado bar, pedia uma cerveja, bebia e ia pra casa. “Tá vendo, não sou alcoólatra não, tomei só uma cerveja. Eles me disseram que alcoólatra é aquele que bebe de maneira exagerada. E eu só tomei uma, então não sou alcoólatra.” Mas passaram-se alguns dias, eu me embriagava novamente. Quer dizer, eu comecei-me auto-enganar, né? Querendo buscar uma resposta pra mim. Só que enquanto eu bebia e buscava essa resposta, o alcoolismo progredia porque é uma doença progressiva. E o tempo foi ficando e eu fui vivendo experiências que eu jamais imaginei que iria viver. Tudo isso ocasionado pelo álcool. E vez por outra eu me lembrava do que eu tinha ouvido na cabeceira de mesa. Vez por outra eu me lembrava dos Alcoólicos Anônimos. Quer dizer, naquela reunião foi plantada uma semente e aquela semente durou, né? Uns três anos pra germinar. Foi quando eu lembrei dos alcoólicos anônimos, foi quando a minha vida já tinha tomado um rumo totalmente diferente daquele que eu desejava ter. Então algumas experiências que os companheiros me relataram naquele dia já estavam acontecendo e eu já estava vivenciando aquelas experiências. Eu nunca havia dormido fora de casa, Eu nunca tinha dormido fora de casa durante as minhas bebedeiras, eu nunca tinha sido encontrado ou acordado numa coxia. Eu nunca havia sido preso até aquele momento. Eu nunca tinha briga com ninguém. Então, eu ainda gozava de um certo respeito entre as pessoas que eu vivia. Simplesmente porque eu ainda trabalhava. Eu cheguei a essa conclusão depois de ter ouvido aqueles homens. Porque eu ainda era aceito. Trabalhava, né? Tinha o meu dinheiro pra curtir as minhas bebidas e às vezes até pra custear pra quem não tinha. Então era fácil ser aceito. Mas eu ouvi um companheiro dizer na cabeceira-de-mesa que

chegou um momento em que começaram a esconder a bebida dele. Ele tinha sido um daqueles que tinha feito parte daquele grupo, mas chegou um momento em que começaram a esconder a bebida dele. O meu grande fundo do poço foi quando eu perdi o emprego. Porque eu me tornei tão irresponsável que as segundas-feiras já não eram mais o suficiente. E passei a faltar na terças, nas quartas, no dia do pagamento eu não ia. Porque eu achava que era uma desculpa muito boa, né? Quer dizer, não ele faltou hoje no dia do pagamento, só pode tá doente. Mas não era não. É porque eu sabia que dois ou três dias quando eu chegasse lá o dinheiro tava guardado. E eu tava vivendo isso. E eu me tornei irresponsável a tal ponto que eu abandonei o emprego. Abandonei, simplesmente não fui mais porque eu queria beber e o emprego me tomava o tempo. Eu queria beber durante o dia, mas não podia porque o emprego não deixava. Eu tinha que tá o dia todinho dentro daquela empresa. Quer dizer, se eu queria beber... mas eu não queria beber enquanto estava trabalhando e eu tomei essa decisão: não vou mais trabalhar. E mesmo assim, tendo abandonado o emprego, com quinze dias eu fui chamado novamente. A empregadora me chamou, o gerente da empresa me chamou pra conversar com ele e eu fui conversar e eles disseram que iam me dar uma nova chance que eu parasse de beber. E eu Ava com a mente tão embriagada, porque eu não tava bêbado naquele dia, mas eu tava com a mente tão embriagada porque o alcoólatra ele vive embriagado, a mente dele vive embriagada. Os pensamentos dele são diferentes do pensamento de uma pessoa normal. E eu disse não eu não quero mais. Companheiros, eu passei assim vários dias bebendo, bebendo desesperadamente, eu não bebia todo dia porque eu não suportava, né? A minha condição orgânica e física não suportava não. Mas, quando eu podia, eu bebia. E eu passei um período bebendo muito. E eu me lembrando do AA. E eu resolvi tomar alguns comprimidos e se escapar desse dia eu nunca mais bebo. E saí pra beber de manhã. Bebi de manhã, entrei pelo dia todo. Nesse dia eu bebi todas as bebidas que eu acredito que eu nem tinha bebido ainda, né? Fiz uma variação danada de bebidas. Aí quando foi 6 horas da noite, eu me lembrei do AA. Daquela reunião que eu tinha assistido alguns anos atrás. E eu sabia que perto de onde eu morava existia um grupo. E eu resolvi para de beber nesse dia. E era mais ou menos umas seis horas eu fui em casa, tomei um banho, troquei de roupa, tava embriagado, mas não tava apagado, fui na casa de um rapaz que de vez em quando me convidava pra assistir as reuniões do AA. (\*\*\*) ali conhece, né? O companheiro (\*\*\*), lá do Bom Sucesso, daquelas áreas ali. E eu disse: “olha, (\*\*\*), hoje eu quero parar de beber. Me leva pra assistir uma reunião do AA. E ele me levou lá no grupo São Judas Tadeu. À noite eu comecei a assistir a reunião sentado aqui na cadeirinha da frente onde eu sempre gosto de sentar e resolvi ingressar e recebi essa ficha amarela. O próprio companheiro (\*\*\*) me

entregou essa ficha, né? Até hoje eu trato de meu padrinho, né? E por sinal tá morrendo bêbado. E ele me entregou a ficha e eu feliz da vida, vim na cabeceira-de-mesa, fui pra casa, quando eu cheguei em casa com a ficha entreguei pra minha mãe e disse: “olha,” minha mãe na época devia ter uns 60 anos, eu acho, quer dizer 57 anos, né? Morava eu, minha mãe e meu pai. Eu nunca vi meu pai embriagado. Na minha casa não tinha bebida, quer dizer, exemplo dentro de casa pra eu me tornar alcoólatra eu nunca tive. Minha família sempre foi uma família equilibrada, né? E eu mostrei essa ficha pra minha mãe e disse: “olha, a partir de hoje, mãe, a senhora vai ter dentro de casa o filho que a senhora sempre quis.” Porque a minha mãe queria só que eu não bebesse. Era só isso. Eu era um bom filho, eu era um bom amigo, como a maioria dos alcoólatras. O maior problema que eu tinha era só o álcool. Se eu parasse de beber pra minha mãe era tudo que ela queria. E eu disse pra ela e eu fiz essa promessa pra ela: “mãe, a partir de hoje a senhora vai ter o filho que a senhora sempre quis.” Entreguei a ficha pra ela, nos abraçamos, ela chorou. Eu também chorei no momento. Mas eu sou alcoólatra e resolvi ir lá fora. Fui pegar um ventinho, sentar na calçada. Isso numa sexta feira e passa um daqueles companheiros de bebidas e me diz: “(\*\*\*) , vamos tomar uma cerveja ali?” E eu disse: “Não vou não.” “ Rapaz, vamos lá?” E a minha mente me dizia, né? “Tu ingressou no AA não tá com meia hora, tu ingressou.” Mas o convite foi feito muitas vezes e meu pai dizia que uma mentira contada dez vezes termina virando verdade, né? E o convite pra beber pra um alcoólatra que tá ativo, se ele for insistente, ele não resiste não, né, (\*\*\*)? E eu não resisti, eu fui. “Mas não vou beber. Eu vou com você, mas não vou beber não.” Mas como é que pode, né? Um alcoólatra sai com outro alcoólatra pra uma churrascaria dizendo que não vai beber. E eu me sentei lá com ele, ele pediu uma cerveja, dois copos de cerveja e encheu o meu. E eu olhei pro copo e eu nunca vi uma briga tão grande como aquela minha, né? Aquele conflito bebo ou não bebo, né? O AA me dizia que eu não podia beber, mas o alcoolismo dizia: “tu tem que beber, que tu é alcoólatra.” Companheiros, e eu não resisti. Eu comecei a beber naquela mesma noite, eu devo ter recaído com meia hora depois que ingressei no AA. Mas quando foi zero hora, eu olhei pro meu relógio e eu me lembrei o programa é de vinte e quatro hora. Encontrei uma desculpa pra beber até meia noite e quando foi meia noite em ponto eu parei de beber. Isso foi numa sexta feira de Abril de 1991. E a partir daquele momento, companheiros, nunca mais. A partir daquele momento nunca mais eu botei um copo de bebida alcoólica na minha boca. Quando foi agora em Abril, lá no grupo do João XXIII, né, compadre? Compadre já me entregou uma ficha de 16 anos de sobriedade. (palmas) E eu me lembro do (\*\*\*) , né? Vi o convite dele aqui, 16 anos, eu disse: “é, chegou na época que eu cheguei, né? Nós chegamos, eu, ele o (\*\*\*) , né? A gente trova que é tudo

aqui do mesmo ano e tem o mesmo tempo de sobriedade, né? Então, companheiros, a minha vida ela tomou um rumo totalmente diferente. Como eu falei pra vocês, né? Até 24 anos, eu era um homem sem sonhos. Quando foi depois de ter ingressado no AA eu comecei a sonhar. Aquele homem que nunca tinha pensado em casar na vida. Hoje tem uma família. Sou casado, sou pai de três filhos. Vivo com minha esposa, nós vivemos muito bem. Na minha casa existe paz. Eu encontrei no AA, logo no início, o chamado programa de recuperação, porque eu achava que o AA era só pra parar de beber. Mas logo, logo, eu tive o privilégio de descobrir que aqui tinha um programa de recuperação. E eu venho buscando me recuperar a cada dia. Todos os dias eu venho buscando essa recuperação nesse AA. Eu tive ausente, né, (\*\*\*)? Eu me mudei, fui morar noutro local, devo ter passado uns dez anos sem andar nos grupos aqui. Mas tô de volta. Se o tivesse aqui eu ia até falar pra ele por há três anos que ele me convida pra ir no São Vicente, né? E depois de 16 anos eu já vim duas vezes, né, companheiro? E quarta-feira tô aqui eu de novo pra fortalecer a minha sobriedade e pra fazer novos amigos e pra poder fortalecer também a sobriedade dos companheiros porque aqui nós vivemos através da própria experiência, né? Trocando experiências. Então eu gostaria de convidar a todos para a reunião do grupo Santa Fé. O grupo que eu estou coordenando, né? O companheiro (\*\*\*) tá ali. As nossas reuniões elas acontecem aos sábados e aos domingos, às 16 horas. Eu coordeno aos domingos, às 16 horas e a companheira (\*\*\*) aos sábados também às 16 horas. E do nosso grupo lá eu trago um abraço pra todos vocês. Eu gostaria só de agradecer o privilégio que vocês me deram de poder vir aqui. O silêncio, a atenção. Aos visitantes que escute todos os companheiros que irão passar aqui. Você vai descobrir que o alcoolismo é uma doença. Não um problema moral, não é um problema espiritual. Acima de tudo é uma doença física, orgânica, mental e transforma os seus pacientes em verdadeiros cadáveres humanos. É só sair aí na rua que você vai ver. Então eu vou pedir ao poder superior que possa conceder não só a mim, mas a todos nós, mais 24 horas de sobriedade.

#### DEP 18

Eu quero agradecer a cada um de vocês. É impossível, né? Só é impossível a gente tratar do alcoolismo. O alcoolismo é uma doença progressiva com aumento fatal. Mas antes de matar ela desmoraliza. Isso que me aconteceu. Eu já tava desmoralizado. Quer dizer com a minha família, com meus filhos, eu não tinha mais moral. Só que eu não aceitava que tava doente. Eu achava que era legal todo dia está com o álcool. Só que, meus amigos, a minha esposa, às vezes, ela fala: “rapaz, tu vai ficar dominado pelo álcool.” E eu achava ruim, não gostava quando ela falava aquilo. Mas ela tava falando a verdade e eu não aceitava, questionava pra

caramba. E quando de 1996 pra 1997 comecei a beber todo dia. Quando eu trabalhava, eu bebia mais nos fins de semana, na semana também eu já bebia uns golinhos. Mas, quando eu me aposentei, eu não tinha o que fazer, só ficar em casa e eu comecei a beber assim todo dia e o dia todo, né? Começava cedo, 9h, e eu tinha problema de pressão. Em 1997, eu tive um problema muito sério e eu passei 2 dias na UTI. Aí me veio a consciência pra eu parar de beber, né? Eu passei um ano sem beber, mas conversei com o médico, perguntei se podia tomar alguma bebida, assim, um vinhozinho, né? Ele disse que não tinha problema não, que não fazia mal não. Mas eu não gostei do vinho eu bebi e achei muito suave, muito suave. Então eu decidi tomar whisk. Porque é isso que o corpo pede. Eu bebi e gostei e comecei a beber foi de litro, bebia era de litro. Chegava no barzinho lá no bairro e pedia era o litro e bebia todinho. Era aquilo o que eu podia fazer, né? Eu era exagerado demais. Eu sei que essa bebida fez foi acabar com tudo que eu tinha. Alisei total. Tudo que eu ganhei durante 20 anos eu gastei só com bebida. Papoquei tudo. Não gastei todo porque ainda sobrou um pouquinho pra eu ajeitar minha casa, mas o resto foi embora. Só em álcool. O álcool me deixou sem nada. Já tava pra me separar da família porque a minha mulher já tava, não tava agüentando. E eu indo com os amigos, eu era um cara legal, era bacana demais, mas, quando eu chegava em casa, eu me transformava. Eu era ignorante, eu era demais, né? E eu não era daquela maneira. Meu filho às vezes chegava do trabalho, à noite, e eu tava ali na televisão, largadão e ele dizia: “vi, rapaz, papai já bebeu.” Rapaz, bastava ele falar isso eu saltava de repente e dizia uns palavrão tremendo. Eu sei, meus amigos, que depois eu ia chorar, saía e ia chorar arrependido de ter falado aquilo. Sabia que tava errado, mas não me dominava mais, né? Porque o álcool já tinha tomado de conta. E a minha esposa chegou pra mim e disse: “pra tua saúde ficar bem só tem uma solução é ir pro AA.” Tem uma casa ali no Antônio Bezerra que tem o AA e tu vai uma reunião lá pra ver se tu pára de beber. E eu disse: “rapaz, quando eu quiser parar eu paro e ficava estribichado e não aceitava de jeito nenhum. Eu sei que ela insistiu muito e quando foi um belo dia eu cheguei lá, ela tava se arrumando e eu disse: “rapaz, você vai pra onde?” Ela: “eu vou pro AA.” Já que você não tem coragem de ir sem seus amigos, então, eu vou no seu lugar. E eu fiquei assim com vergonha e tudo, aí vim com ela. Graças a Deus, rapaz, acho que foi Deus que iluminou ela, né? E eu vim com ela assistir essa reunião, né? Eu não queria vir não com vergonha e eu não queria vir não aí cheguei aqui. E graças a Deus, rapaz, foi o passo mais certo que eu dei na minha vida foi ter entrado aqui nessa salinha, né? E assisti a reunião e o primeiro orador, rapaz, disse muitas coisas que eu já tinha passado na minha vida, né? E aí eu já comecei a me conscientizar que eu era alcoólatra mesmo. Porque eu achava que o alcoólatra era aquele da calçada que caía morto e eu não

tinha chegado a esse ponto ainda, eu era um cara que bebia legal, que chegava em casa e não caía nas calçadas, mas já tinha mudado o comportamento. Eu chegava em casa era ignorante. Fazia coisas e no outro dia não sabia o que tinha feito, né? Era horrível. E eu sei, meus amigos, que eu cheguei um alcoólatra, não tinha mais jeito. Graças a Deus foi o passo mais certo que eu dei. Assisto a todas as reuniões. Quando foi no dia 12, dia 13 de novembro de 2002, eu ingressei. Pra mim foi a maior alegria da minha vida, dos meus filhos. Hoje a nossa família é muito unida, graças a Deus. Tenho dois rapaz e uma moça, nenhum bebe, nem fuma. Graças a Deus pra mim é uma maravilha. Problema tem, problema a gente vai passar, mas problema a gente resolve. A gente vive em harmonia. Pra mim isso é a coisa melhor do mundo, por isso que eu volto aqui pra agradecer. Porque ficar em casa não dá em nada. Então eu venho aqui agradecer a Deus a vocês. Porque só rapaz é difícil parar de beber e eu tenho certeza que eu não parava, né? E hoje eu, eu tenho que agradecer muito. Por isso vou pedir a Deus que nos conceda mais 24 horas. Muito obrigada. (palmas)

#### DEP 19

Eu sou alcoólatra. Eu perdi a liberdade de viver foi aos 39. Foram 26 anos de alcoolismo. 10 anos achei bom. Foi difícil, foi eu admitir a minha derrota perante o álcool. Você pára de beber no AA ou em qualquer canto se você admitir a derrota. Só chegar aqui não adianta. Mas eu não queria. A minha mulher queria, meus filho queria, minhas irmã queria, mas eu não queria. O AA só funciona quando eu quero. Quando eu quis funcionou, né? Não adianta fazer promessa. Então eu em 1976 não aceitei, em 84 também não aceitei. Quando foi em 1987 eu voltei ao grupo Padre Andrade e passei a ser bem sucedido, voltei a trabalhar com mais fé, com mais garra. Mas eu, eu não media as causas, né? Depois que eu cheguei aqui, né, algumas vezes recaí. As pessoas me ofereciam uma vez, duas vez e aí na terceira vez eu bebia. Mas eu não aguentava mais beber porque eu tava muito debilitado e eu com 4 dia, eu voltava no dia 4 de maio de 1987, eu voltava no grupo. E até hoje nunca mais bebi, né? Cheguei aqui com 39 anos. Tô com 60 anos e 4 mês. E o que eu aprendi no Santa Fé. Eu mudei muito. Eu chegava dentro de casa, eu quebrava tudo. 5h da manhã, eu vinha não sei da onde já tava completamente apagado. E a mulher perguntava de onde é que eu vinha: “de onde que tu vem?” “Eu venho do inferno.” E era do inferno mesmo. Hoje eu sei que era no inferno mesmo que eu andava, irmão (chorando). Eu cansava de beber ali no Pirambum, 12 h da noite, rapaz, eu cansava de beber naquele Pirambu. Mas eu, eu, eu, eu obrei tanto, rapaz, ô putaria! Quando eu me lembro. 10 anos bebendo. A última vez que meu irmão me abordou pra vim para o AA foi ele disse: “rapaz, no dia que tu quiser parar de beber tu vai conseguir.

Isso é uma doença da mente, no é dos pés, não. É uma doença progressiva, irreversível e mata.” Antes de matar desmoraliza, né? Em 1976, eu vi um cara dizer aqui na cabeceira-de-mesa antes do (\*\*\*) que o alcoolismo mata quem bebe e adoce quem não bebe. Eu nunca vi um negócio mais pior do que isso. E eu quase morri e eu não sei porque é que no bar o cara compra fiado. Que ver um cachaceiro doido é dizer que ele tá bebo. Cansei de voltar pra beber mais. Eu gosto muito da literatura que diz que o alcoolismo ele ceifa muitas vidas. Nesse instante veio o cara aqui e disse que não acreditava em Deus, né? Eu era daquele jeito, rapaz. Deus era meu sangue e meu dinheiro. Hoje não. Hoje eu acredito em Deus, graças a Deus. Tem até um companheiro que faleceu que chamava (\*\*\*), né? Então ele mandou eu entrar: entre aí na roda pra você ver o que é bom. E eu entrei na roda, aí, rapaz, nunca mais eu saí. Não fique arrodando não, entre mesmo. E eu entrei mesmo, prevaleceu a minha sobriedade. Sou um cara felicíssimo, rapaz, porque eu não bebo. Vou pra todo canto. Tem canto que eu não vou mais porque não é necessário ir pra forró, não dá mais, ir atrás de jogo, não dá, né? Jogar baralho, né? As pessoa que me convidaram pra ir pra convenção lá agora de AA. Você vê ali 2000, 3000 pessoas e o hino nacional e eu hasteando ali a bandeira, é muito bonito isso. Então é uma firmeza na minha vida. Parei de beber, né? Aqui não tem nada a ver, mas eu também consegui papar a nicotina. É o que eu acredito, alguma coisa tá me prejudicando a gente abandona. Aí a nicotina era uma coisa que tava me prejudicando e eu abandonei também. Então é muita felicidade, rapaz, um cara que nem eu chegar aqui no AA, certo? Todo organizado, rapaz. A casa não é mais aquela casa velha toda cheia de rato e barata. Agora é toda forrada, o piso não é mais aquele piso velho, né? Casa de cachaceiro é sofrida. Na porta da minha cozinha tinha uma mancha, uma mancha preta e era deu pegar com a mão suja de tira-gosto, a caçarola pode olhar, a caçarola tem faixa preta. Minha mulher não briga, não sabe? Porque o álcool é muito violento, rapaz. Pra mim o álcool é como o Mike Tyson, eu não agüento nem um segundo perto dum homem daquele. É porque é pesado, né, rapaz o alcoolismo. Se meteu com ele, não quer saber não, negócio de formatura, negócio de ser gordão ou não. Tem um rapaz onde eu moro, um cara bem gordão que tá bem magrinho, um cara bem magrinho, que tá bem gordão. O cara era bem magrinho, agora tá bem gordão, todo inchado o cara. O álcool. Aí eu chamei ele pra vir pra cá e ele disse: “ não, não é pra mim, não. Então é horrível. Eu fui uma reunião uma vez ali no São Gerardo e o sujeito disse: “chama aquele cara ali pra tu ver, parece um reboco, né? Só via as costas, parecia que o cara tinha era só coro mesmo. Aí as pessoas tiravam era o coro dele, aí eu disse: “meu amigo, bote um cafezinho aqui pra mim.” A turma até disse: “todo animal você manda pra tirar o coro, né?” O alcoolismo é ao contrário, né? Ele tira o coro pra depois matar, né? É pior. É horrível

o alcoolismo. Então hoje eu sou um cara muito feliz, rapaz. Eu gosto muito de rádio, né? Hoje eu ouvindo com a minha mulher, nós ouve, nós dois, dois velhos, antigamente que eu bebia a mulher dormia lá pra colá e eu pra cá. Eu ia pra lá, ela vinha pra cá, mas hoje não. Quando dormia comigo botava os pés pra mim, os pés. É por causa da catinga, rapaz. Já pensou uma pessoa que nunca bebeu sentindo aquela catinga, Ave Maria. Hoje não, hoje o negócio é melhor viu? A velha vem, eu tô na garantia ainda, a velha tá deixando, então tá bom demais a minha vida, né? Tá beleza, beleza, beleza, nunca mais vou retornar. Não tenho nada a reclamar. Eu tava sábado ouvindo o rádio, eu gosto muito daquele programa do cara da rádio Dragão do Mar e tem um cara que faz o programa com ele e o cara tava dizendo, né? Tinha um carequinha que no navio tinha morrido todo mundo, só restou ele. Ele encontrou um monte de palha de madeira e aí ele conseguiu fazer uma barraquinha pra ele, né? Aí ia passando lá longe o capitão de uma fumaça, aí mandou fazer meia volta e tudo pegou fogo. E tem muitas coisas que vem na hora ruim, né? Aí entra naquele afogamento, contas pra pagar. Então é bom que pare porque o alcoolismo quando vem é arrebatando tudo, não respeita nada, é um rolo compressor, não respeita nada. Então eu vou fazer um convite aqui com vocês, né? O grupo Reviver, aqui na Perimetral, no terceiro sinal, depois da Conselheiro Lafaiete, à direita. Lá, na sexta, sábado e domingo, nós tamos de portas abertas esperando por vocês pra dar uma ajuda nós, né? Mas na quinta feira lá nós temos caldo e amanhã nós temos a nossa reunião aberta pra todos nós. Eu agradeço a todos vocês e ao grupo São Vicente por ter me dado essa oportunidade e peço ao Poder Superior que nos conceda mais 24 horas pra todos nós.

#### DEP 20

Aqui a minha experiência, haja vista que eu sou um bebedor-problema por isso precisei dessas salas para trocar experiências com meus colegas em cada reunião que eu vou. Tudo isso porque hoje eu sou uma pessoa que procuro dentro desse princípio da irmandade fazer o meu melhor em tempo de vida diferente daquela que eu era antes. Digo pra vocês fazendo um paralelo, eu hoje eu sou uma pessoa que gosto mesmo do mundo diferente. O mundo de AA é diferente do mundo que tá na ativa, certo? Então hoje eu sou uma pessoa que procuro cada vez mais me alimentar desse remédio que tem aqui na cabeceira-de-mesa. Sou filho ingressante do grupo do João XXIII. As reuniões lá são terça, quinta e sábado. Inclusive aqui o convite pra vocês. Então hoje nós tamos no São Vicente, né? E antes de vir pra cá, eu tava no Santa Fé. Então eu assisto umas 3, 4 reuniões. Por quê? Porque eu não me canso de ouvir os companheiros, certo? Cada sala que eu entro é uma experiência diferente, certo? Então nós

somos pessoas iluminadas porque deixamos parar de beber. Acabei com aquele homem embriagado e nasce um pai de família, nasce bondade, com dignidade, com vergonha, com caráter, com credibilidade. Digo isto que foi por causa de bebida alcoólica que eu perdi tudo isso, né? Era eu que trancava a porta da frente e a porta de trás, né? E queria destruir a família inteira. Era que quando tava embriagado queria juntar a porta da frente com a porta de trás, né? Porque o alcoólatra quando ele tá bebendo aquele desbravamento do álcool cai em cima da família, exatamente em cima da família. É a principal vítima. Quem quiser saber o que que um bebo é capaz tenha um na sua rua que ele afeta toda uma comunidade, né? Ele vai ocupar o delegado, leva uns tapas, vai preso, ele vai ocupar o médico porque ele vai ter que aplicar uma glicose na veia dele ou então ele chega lá é através de faca, tiro ou atropelamento, certo? Ele vai ocupar a justiça lá, porque ele matou o companheiro de farra. É, tá entendendo. E ele não é responsável por nada porque através de bebida alcoólica e do metabolismo dele ele ali é capaz de qualquer coisa, certo? Então não duvide nada sobre essas experiência e os companheiros disseram algo sobre um tal de apagamento. Porque o pagamento é o brancão, porque quem tá tomando conta da sua vida é o Sassá, Satanás. É o Cacá, é o capeta. É o Dedé, o demônio. É o Didi, é o diabo. É, meu irmão, é. Digo isso porque eu não tenho tamanho de gente, mas eu embriagado era tudo que você pensar mais alguma coisa. Eu moro no João XXIII há 46 anos, ali eu derramei sangue de nego, nego derramou o meu, eu quebrei osso de nego, nego quebrou o meu, tá entendendo? Eu tenho um irmão que é formado em Direito aí ele todo boneco que eu botava dentro de casa ele ligava pra delegacia e em menos de 5 min a policia tava na minha porta. Era aquele bonequeiro embriagado. E aquela embriaguês tinha nego que gostava, era muito de dá em mim. Quando eu chegava me jogando... lá em casa, minha mãe... aí eles diziam... a minha família só tinha 3 homens, meu pai eu e meu irmão. O mais novo sou eu, 50 anos. O mais novo sou eu, 50 anos, certo? O caçula. Mas eu era o, o ovelha negra da parada, certo? E não queria responsabilidade com nada, só via tudo sob a venda do álcool. E ai eu digo pra vocês que não foi um, nem 2 vezes que eu decepcionei aquela família. Lá em casa, é uma casa com 8 compartimentos embaixo e 4 em cima. A minha mãe construiu aquela casa parede por parede. E eu, neto de alcoólatra, sobrinho de alcoólatra, não podia ser diferente. A bebida traz uma doença, traz a hereditariedade, né? Mais cedo ou mais tarde você vai se tornar 1 alcoólatra. E hoje eu escutei um companheiro dizer, lá no grupo Santa Fé, que ele embriagou uma filha de 3 anos, é. Mas isso quando ele bebia. Era o diabo nele. Ele embriagava a filha dele de 3 anos. Quando a mulher dele perguntou: “ei o que é isso que essa menina tá dormindo tão espalhada?” Ele dizia: “não é que ela tava bebendo mais eu.” É. Se fosse hoje ele responder um processo. E com certeza ele pra cadeia, ele ia

responder um processo. Porque o álcool ele não escolhe idade pra começar não. Eu comecei com 17 anos, né? E aí, bebi 20 anos e nesses 20 anos eu fiz tudo que você pensar mais alguma coisa. Quando eu chegava embriagado na minha esquina o povo dizia: “olha, lá vai um whiskeiro, lá vai um cervejeiro, lá vai um bêbado, certo? A diferença de eu beber na Aldeota ou beber lá no Bom Jardim é a mesma coisa. É a mesma coisa. Apenas muda só o local, né? Eu só você gente passando aqui no programa, eu já escutei história de toda cor aqui, má. Tá entendendo? E não canso de escutar, certo? Então não se estressar com o tempo. Porque não se estressar com o tempo? Porque isso aqui não tem reta de chegada como uma competição. A sua reta de chegada é evitar o 1º gole e morrer sóbrio. Alguém pode questionar: quem bebe morre, quem não bebe, morre também. Mas acontece que quando você tá bebendo é que você tá vexado, tá louco pra ir pro cemitério, certo? Porque a gente sabe que 70 por cento nesses hospitais psiquiátricos levam pro cemitério é álcool, meu irmão. Então eu digo a vocês que hoje eu sou uma pessoa que procuro cada vez mais trocar essas experiências com os companheiros, é. Eu tenho uns probleminhas com álcool por tabela. O que é por tabela? Eu tenho filho que bebe. Um com 26 anos, outro com 24 anos, certo? Sobrinhos que bebe e tem até uns misturados com droga. É. Tá entendendo, misturado com droga. E um desses, de 26 aos já entrou na fase de apagamento, já entrou no fundo do poço mesmo. É. Um dia desse, dia 1º de agosto, pegaram ele no caminho de casa, rebolaram ele em cima do estacionamento, levou 17 pontos na testa e teve perda total do olho direito. É. perda total do olho direito. É os amigos mesmo de birita, de farra. E esse camarada, esse meu filho não é só 1, 2, ou 3 vezes que a negrada bate nele não. E o de 24 ano tá no mesmo caminho. Tem um com 15 anos, tá fazendo a mesma coisa. Eu consegui fazer esse sentar numa cadeira dessa aí e ele sentou mas não não engo..., saiu correndo aqui de dentro, ta entendo: “esse papo é besteira”, saiu dizendo. E eu, então, o pão no bar deve ser muito útil. Porque lá sai mentira. Eu tenho experimentado o que um bêbado diz numa mesa de álcool. É ele um bom rapaz, um bom filho, um bom esposo. Tá tudo certinho, só não ta certo ele se estragar na doença dela, ele não tratar. Que o que ele vai receber é está debaixo de chibata depois porque fez besteira. Porque é só o que eu vejo na TV. O sujeito sofre de pagamento, comete um determinado delito e aí não se lembra. Não se lembra. E aí não existe habeas corpus: não era porque o bichinho tava embriagado, né? Não existe isso. Atestado de oito lá no IML, fulano morreu de beber cachaça. Não tem. Eles dão um jeito aí bota qualquer coisa. Ota cirrose, bota parada cardíaca, o álcool nunca foi. Mas a gente sabe que é. Eu ando muito, eu sou uma pessoa que circulo muito e eu tenho eu, eu além das 24 horas do programa, eu tenho experiência pra dá e vender porque eu vivo dentro da minha própria família, tá entendendo? Teve 1 primo meu que foi esfaqueado sob efeito do

álcool. É. Ele foi pro Bom Jardim. O cara profissional. Todo tipo de profissional ele tinha. Ele era pedreiro pintor eletricitista, ele era .. tá entendendo? Artesão. Todo o homem, o homem era. E até 46 anos ele foi esfaqueado. Levou 3 facadas nas costas de 1 drogado e passou 23 dias no Baixa Cantiga e morreu. Esse meu filho que tentaram matar agora a gente tá tentando uma prótese pra ele levantar a estética do olho tem que colocar uma prótese. A prótese mais barata é 500 reais, certo? E um dia.. quer dizer, dia 19 de Agosto e ele deu trabalho lá no Frotão até o dia 20 de setembro. Ele recebeu alta no dia 21. Ele passou um mês. Ele foi salvo por 2 crianças menores. Ele foi criado pela minha mãe com todas as mãos. Quando a minha mãe faleceu, ele não achou mais sentido pra vida aí ele disse: pai o meu destino é morrer embriagado. Arranjou logo 1 emprego numa churrascaria e quando dono ia pagar o salário dele, ele disse: “eu não quero salário, só quero o que vier de cachaça.” Então é isso que acontece. Esse rapaz entrou nessa depressão. O pessoal jogando pedra nele, andava com traficante desde pequeno, sabe? E o traficante foi lá doar sangue pra ele lá no hospital, se juntar com a família. É. Chegou, eu: “rapaz e aí?” E ele: “não, rapaz, eu vim doar sangue pra ele e tal. Eu sou amigo dele aí.” Rapaz vagabundo né amigo de ninguém não, cara. Tá entendendo? Guardou 200 reais em casa e aí o primo dele veio gastar o dinheiro, minha irmã tirou o dinheiro pra pagar a dívida do cara. Tá entendendo? Então ele perdeu o olho e continua bebendo com 1 olho só. Quando eu cheguei no local que ele tava bebendo onde se passou a agressão, todo final de semana junta um monte de gente lá, coloca o som bem alto. Tá entendendo? Aí quando eu mesmo esperei todo mundo, depois que ele se recuperou, com 1 olho só a pessoa liga pra mim: “olha teu filho ta lá no mesmo cantim do local e o cara que agrediu ele tá lá por perto.” Aí eu fui querer tirar ele de lá, né? Disse: “(\*\*\*)”, ele tava pagando cerveja pro cara) “tu acha pouco tu quase perdeu uma vida, tu tá pagando cerveja pro cara, meu irmão.” Aí ele disse: “não pai é uma estratégia minha. Eu tô me fazendo de amigo dele pra mim matar ele. Eu vou matar ele no final de Agosto de 2008. E eu tô deixando ele à vontade. Porque eu digo: olha eu tive escala no presídio e no hospital porque eu sou funcionário público, tinha acesso lá no frotão, mas no presídio é difícil a gente lidar, cara. Tá entendendo? Tu não tinha reflexo com 2 olhos, vai ter com 1? Tá entendendo? Aí ele: “é, pai, não tô mais nem ai com a vida não, tá entendendo?” É triste um camarada de 26 anos bem parecido, ta entendendo? Numa situação dessa. O irmão dele no mesmo caminho, o de 24 anos, tá entendendo? Falta de abordar, né, não? Mas isso aqui tá aberto mas não é todo mundo que quer. Eu já vi aqui um companheiro falando que amarrou 1 cordão numa garrafa de cachaça e entregou na mão dum bebo e ficou com um copo e saiu puxando, puxando, até chegar aqui e quando cara chegou na porta correu com medo. Então nós somos agraciados, tá

entendendo? Hoje nós somos agraciados. Por quê? Porque a gente participa dessa obra, certo? E hoje eu digo pra vocês que sou 1 pessoa que procuro cada vez mais entrar cada vez mais nos programa, certo? Eu não penso em distância pra eu ir uma reunião noutra bairro, não precisa.. vou sozinho pra reunião no Nossa Senhora das Graças, tá entendendo? Saí pra cá, pra qualquer canto, Mundubim, Bom Jardim, eu vou. Mas hoje eu digo pra vocês que como membro de AA eu sou feliz certo? Apesar dos problemas com meus filho aí. Eu martelo muito sobre isso, sobre ele, tá entendendo? Eu digo: “vocês não garante nem a vida de vocês. Na mesa um amigo de copo quase ia matando um outro. Rapaz, tu vai matar meu filho?” “Não aqui ele tá é protegido.” Que protegido, rapaz. É porque hoje em dia ele diz que confia nesse tipo de gente. Ele não tem amigo não. O amigo da gente primeiro é Deus, depois o pai e a mãe, tá entendendo? E aqui dentro que eu conheci o AA em 1987 e passou até.. em 1987 a 1990. Não. Direto foi 5 aos. É 1987, 1988, 1989, 1990, 1991, 1992. É aí eu fui lá fora. Eu sou funcionário público, trabalho pra prefeitura. E aí eu tava lá na Barra do Ceará totalmente embriagado e esse meu filho que tem 24 anos hoje só tinha 9 anos de idade, né? Aí eu tava de bicicleta com ele na garupa, eu passei a 1ª via, a 2ª via, aí, era um sábado, 1º de maio, 4 horas da tarde, certo? Dia do trabalhador. Então eu passei a 1ª via, a 2ª via, estacione a bicicleta aí, quando eu fui atravessar o viaduto só vi foi a pancada. O carro lá no rumo da Caucaia quebrou o pára brisa. A verdade é que esse menino ficou de braços abertos desviando os carros pra não matar o resto do bêbado. 17 pontos na testa, fratura na coluna. Vinha um camarada na D20, viu aquela cena o meio da rua, deu um break a uns 8 metros dele, desceu meio apavorado, viu aquela criança chorando e eu lá em coma, né? Totalmente em coma. Pelas circunstâncias, era pra eu ter quebrado em 4 pedaços, mas foi só num lugar. Aí o cara me botou na carroceria, me levou pro José Frota. Não, levou pro frotinha do Antônio Bezerra. Chegou lá, não tinha atendimento. Eu sei que eu em coma, eu entrei no frotão e depois eu dizia: “meu filho morreu” e ele sentado na cadeira com minha carteira, meu relógio e meu cordão e ele dizia: “papai, eu tô aqui, eu tô aqui.” Aí a minha mãe chegou 11:30 da noite naquele hospital e eu dizia: “mãe, chegou meu dia,” aí a minha mãe não agüentava e chorava. E nessa hora da emoção a hemorragia veio externa. Comecei a botar sangue pela boca e ali como indigente. Quando foi segunda- feira me transferiram pro José Frota na Aguanambi, apartamento 22, 42 dias de internamento, 86 buscopan, todo dia eu tomava duas, colchão d’água. E eu dizia “entrego minha vida, ou vou ficar de cadeira de roda.” Mas Deus guardou a vida pra mim numa cadeira dessa aí, sabe? Eu dizia: “mãe, eu quero sair desse hospital.” Aí a enfermeira: “tu é doido, é macho? Aqui chegou uma pessoa com o caso melhor do que o teu e passou 6 meses internado, tu com 40 dias quer ir embora.” E foi assim e dizia “não quero nem saber,

quero morrer em casa.” Mas eu não vou dar gosto a muita gente que tá lá dizendo que eu vou morrer em cadeira de roda não, tá, entendendo? Mas eu ainda acreditava na vida, tá entendendo? Aí quando eu cheguei em casa a minha tia nervosa. A bicicleta ali, eu olhava pra ela e resolvia que queria ela do mesmo jeito que tava antes. Aí, meus irmãos, com 1 ano e 6 mês que eu tava me recuperando, eu comprei as peças todas, aí montei a bicicleta do mesmo jeitinho que tava antes de quebrar. De repente, eu escuto: “rapaz, tu é doido, macho, andar de bicicleta assim.” Eu disse “rapaz, é o seguinte, eu gosto de bicicleta, não tem por onde correr, não, eu vou andar de bicicleta de novo.” Dei um tapa na cara do diabo, do satanás, né? Aí, meus irmãos, eu sei que eu me recuperei e comecei a me revigorar. Então a minha recaída custou isso aí, sabe? Quando eu me lembrei do programa de Alcoólicos Anônimos, aí voltei em Julho de 1992, julho de 2002. 10 anos. Então, tá com 15 anos que eu tô no programa. Agora eu digo pra vocês que quem for teimar com álcool, pense nessa minha história, tá entendendo? Porque nós somos pessoas diferenciadas, o membro de AA, ele é diferenciado. O mundo dele é outro. Essas festas de natal, ano novo, a família pergunta “e aí vai beber.” Não se iluda não, meu irmão. Você não pode. E hoje eu digo pra você que sou uma pessoa feliz. Teve uma história antes mesmo do acidente. Primeiro aconteceu uma coisa, depois o acidente. Eu altamente embriagado. 8:30 da noite na Perimetral, um cara chamando pra ir pro carnaval do Fortal, que hoje é Fortal. E o camarada com duas caixas de diazepam e aquele camarada: “por onde é que tu anda.” E eu: “rapaz, eu saí de casa, agora eu tô liso.” Ele disse: não tem problema, você tá em casa, aí eu entrei junto com os caras, né, pra praia, praquele carnaval que naquele tempo eu gostava, né? Aí eu lá na Beira-Mar. Quando foi 1:30 da manhã e eu altamente embriagado, já tinham roubado minha carteira, já tinham roubado minhas coisas todas, só tava mesmo com a roupa do corpo. Aí ao invés de eu ficar nessa festa até de manhã eu resolvi ir pra casa. Então eu subi no ônibus, no ônibus Grande Circular, entrei numa fase de apagamento dentro do ônibus. Quando vi foi o motorista me acordando: “ei, macho, tu vai descer aonde.” E eu: “rapaz eu moro no João XXIII, vou descer na Perimental, quero ir pra casa.” Aí o cara: “você tá ficando é doido. O ônibus já fez a circular todinha, já tamos é voltando pra lá de novo e aí onde que tu vai descer?” “Ai, rapaz, bota essa mercadoria pra descer em qualquer lugar.” Aí, o cara disse “desce aqui.” Aí lá vinha eu cambaleando pela 24 de maio. Cheguei na praça José de Alencar, tinha uma senhora vendendo aí eu disse: “minha senhora, eu sou funcionário público, agora eu quero pegar um ônibus aqui, como é que eu faço.” E ela: “meu senhor, são 4 horas da manhã. Não tem ônibus uma hora dessa não.” “Pois então eu vou ficar por aqui.” “Rapaz tem problema não. Durma aí.” Aí me deitei. Aí chegou dois policiais. Hoje criaram o ronda do quarteirão. Na época tinha os policiais andando. E eu

tava com as caixas de diazepam que o cara tinha colocado em mim. E eu disse “esse homens vão mexer comigo.” Aí a senhora disse: “não, não mexa com ele. Deixa ele aí, eu cuido dele.” Rapaz, quando esses homens foram embora eu só falei botar essa mulher no céu. Beijando a mulher: “a senhora não sabe o que a senhora fez.” E ela: “onde é que você mora?” “Lá perto do Conjunto Ceará.” Aí um mês depois disso aconteceu o acidente, né? Quando eu vim ingressar no AA, eu pedi pelo amor de Deus pra negrada me aceitarem: “me aceite, pelo amor de Deus, aqui dentro. Eu pensava que não podia mais. “Ah bebeu, agora não pode mais voltar. Mas não. Então vim de lá pra cá com essas 24 horas, né? E o fato de eu tá falando aqui, eu me considero um milagre vivo dentro do programa de AA certo? Se você bater uma tomografia da minha estrutura óssea você vai ver quebração tanto minha quanto dos outro. Olha: platina, bala perdida na perna. Isso aqui foi meu filho que tentou me matar, certo? Ele não aceitava que eu brigasse com ele e tentou me matar, embriagado, armado com 3 elementos e perguntaram a ele: “tu não viu, teu pai não?” E ele: “nem vi.” Porque é o seguinte. Ele tava na praça do João XXIII, porque sempre tem malandro naquela praça. Tava andando na praça mais 3 elementos. Aí eu disse, ele morava com a minha mãe naquela época: “rapaz, vamos fazer o seguinte, vai pra casa, macho.” Aí ele: “ah, pai, deixa comigo.” Aí o outro disse: “rapaz, ele já brigou duas vezes aí. Aí os caras tentaram ficara ali saindo e eu saí atrás pra cuidar dele, aí quando eles viram, disseram: “teu pai vem ali atrás te seguindo.” Eu disse: “pode voltar, fulano, vai sobrar pra você.” Minha mãe, minhas irmã, te esperando e tu servindo de laranja pros outros. E ele: “não, pode deixar, vá pra lá.” Ele lombrado. Drogado e bêbado e os dois elementos com ele. Quando chegou na rua da minha mãe, ele passou direto. Aí, peraí que eu sei o que que ele quer, peguei um cinturão e fui dá uma pisa nele. Aí, quando ele percebeu, tirou uma coisa do bolso, aí a gente não começou nem a brigar e aplicou aqui. De repente, o osso quebrou. Quando o osso quebrou, eu disse: “valha, minha nossa senhora, esse cara ta com não sei o que aí na mão.” Aí ficou passando sabe. Passando pelo osso. Isso os dois camarada ali perto de mim e ele preparando pra brigar, sabe? Aí mandaram chamar a policia 11:30. A policia veio aparecer 1:30 da manhã. Aí ele ficou rolando pelo chão: “quero morrer, quero matar, ele é meu pai.” Aí ele disse “ah eu vou é embora, a policia não vem.” Aí os dois cara que tava atrás de mim pegaram a bicicleta e saíram seguindo ele. Na verdade os caras tavam armado e eu não sabia e os cara meteram a chiba no meu filho e sem poder fazer nada. Aí essa minha irmã que era formada em Direito, ela sempre dava cobertura a ele, sabe? Aí quando a policia chegou: “o que foi que aconteceu aí?” Rapaz, meu filho drogado acertou meu braço, eu tentando levar ele pra casa.” Aí, “cadê esse vagabundo? Que eu vou arrastar ele é agora. Onde ele mora?” “Rapaz, ele mora ali.” Aí quando chegou lá ele tava dentro de casa,

né? A casa da minha irmã tem um portão grande, né? E a polícia perguntou: “cadê o rapaz que quebrou o braço do pai dele?” A minha irmã abriu só uma portinha: “não, pode deixar, amanhã eu levo ele na delegacia.” Porque a gente não se bate muito por causa disso, ela sempre encobre os defeitos dele. Mas hoje ela tá pagando o preço. Então que que acontece, a policia disse assim: “rapaz, a gente não pode quebrar a casa da tua irmã pra pegar teu filho lá dentro não. Vou conseguir alguém pra lhe socorrer e amanhã não esqueça, faça um procedimento e coloque esse rapaz na prisão amanha mesmo.” Aí fiz o procedimento de ajeitar o braço e fui lá na mãe dele e disse: “olha aí o que teu filho fez comigo.” Quando foi no outro dia de manhã ao invés de eu ir pra delegacia eu fui pro hospital, aí o médico abriu aqui e botou a platina e eu passei uns 15 dia internado e uns 3 mês de recuperação com isso aqui. Todo dia tirando gesso, botando gesso. A verdade é que meu filho.. eu .. agora tão tentando matar ele, agora, certo? Tá cego dum olho. Aí a minha mãe antes de morrer disse: “olha, eu vou fazer as pases de filho com pai” e eu não queria sabe? Mas aí eu era aconselhado pelos companheiros de AA: “rapaz, ele é teu filho, deixa.” Não tô me gloriando por ele tá cego dum olho agora, pelo contrário, eu queria abrir um processo contra o camarada lá. A mãe dele ficou de falar com o camarada ontem, ninguém conhecia, mas ele mesmo se encarregou de apresentar ele a gente. É doido demais, né? Aí eu: “rapaz, o que é que eu faço?” E eu vi que o cara tava totalmente embriagado com arma dentro das calças, detrás dele assim, pensava no meu filho, pensava em Deus. Alguém me disse “rapaz, tu me dá 200 reais e eu levo lá pro...” Aí eu disse: “não, rapaz, não dá certo, não, depois a família fica sabendo.” Minha família mora há 46 anos aqui e eu não quero me mudar. Ele escapou com vida só com um olho, aí eu falei com a mãe dele hoje: “rapaz, eu tô com toda a papelada pra abrir um processo contra o camarada.” E ele mesmo dizia: “não, pai, eu quero ele vivo porque eu vou matar ele no dia 19 de Agosto que é o dia que ele me agrediu.” Eu digo: “rapaz, tu sai disso aí, rapaz, que se tu não acredita na justiça eu acredito. Eu acredito.” Por mim já tinha jogado o processo. Mas a mãe dele tá impedido a minha ação, ele mesmo tá impedindo a minha ação. Aí fica difícil tá entendendo? Trabalhar. A minha postura é outra, mas... botaram arma na minha mão e disseram: “rapaz vá lá.” Eu disse: “rapaz, eu tô com essa idade, nunca fui marginal, só fui bêbado.” E depois de velho eu vou estragar minha vida e tanta amizade que eu tenho. Vou fazer isso não, mas se eu tivesse continuado no álcool hoje eu era um finado, mas eu agradeço a atenção de vocês, não sabe? Agradeço a o grupo são Vicente. E hoje eu digo pra vocês: não vale a pena BB, certo? Essa sala aqui aparentemente humilde é vida desde que você queira. Meu muito obrigado e mais 24 horas pra todos nós.